



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - DOUTORADO EM
EDUCAÇÃO**

GISELI TAVARES DE SOUZA RODRIGUES

**PROFESSORA CLEUZA CAMPOS MARQUES DA SILVA: TRAJETÓRIA
PROFISSIONAL E DE VIDA NO MUNICÍPIO DE NAVIRAÍ - MT/MS (1971-
2008)**



Cleuza Campos Marques da Silva

**Dourados/MS
2023**



GISELI TAVARES DE SOUZA RODRIGUES

**PROFESSORA CLEUZA CAMPOS MARQUES DA SILVA: TRAJETÓRIA
PROFISSIONAL E DE VIDA NO MUNICÍPIO DE NAVIRAÍ - MT/MS (1971-
2008)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGEdu/UFGD), como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Magda Sarat.

**DOURADOS/MS
2023**

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R696p Rodrigues, Giseli Tavares De Souza

PROFESSORA CLEUZA CAMPOS MARQUES DA SILVA: TRAJETÓRIA
PROFISSIONAL E DE VIDA NO MUNICÍPIO DE NAVIRAÍ - MT/MS (1971-2008) [recurso
eletrônico] / Giseli Tavares De Souza Rodrigues. -- 2023.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Magda Sarat.

Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. História da Educação. 2. Abordagem biográfica. 3. Arquivos pessoais. 4. Trajetória docente.
5. Navirai/MS. I. Sarat, Magda. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

GISELI TAVARES DE SOUZA RODRIGUES

**PROFESSORA CLEUZA CAMPOS MARQUES DA SILVA: TRAJETÓRIA
PROFISSIONAL E DE VIDA NO MUNICÍPIO DE NAVIRAÍ - MT/MS (1971-
2008)**

BANCA EXAMINADORA DA TESE PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA
EM EDUCAÇÃO

Profa. Dra. Magda Sarat (UFGD)

Presidente da banca e orientadora

Profa. Dra. Elizabeth Figueiredo de Sá (UFMT)

Titular da banca

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Titular da banca (UDESC)

Profa. Dra. Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliane

Titular da banca (UFGD)

Profa. Dra. Míria Izabel Campos

Titular da banca (UFGD)

À minha família, em especial ao meu esposo Edimar, por acreditar no poder transformador da educação. Também dedico este trabalho a todas as pessoas que são agentes de transformação na educação brasileira, por deixarem um legado especial para o mundo através de suas histórias de vida e de atuação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu guia e protetor, por me conduzir nesse processo de profundas reflexões. À professora Dra. Magda Sarat, orientadora desta pesquisa, pelas mediações, ensinamentos e apoio ao longo de toda a minha jornada na Pós-graduação desde 2017. Tenho aprendido muito com você, professora. És um exemplo de garra, persistência e de profissional. Muito obrigada!

À Cleuza Campos Marques da Silva, pela disponibilidade e confiança em compartilhar sua vida e sua história conosco, por abrir sua casa, seu arquivo pessoal para a pesquisa, e por me receber sempre com tanto carinho. Agradeço pelos cafés, as tardes de recordações em que passamos juntas, cada frase dita, cada memória expressa nas fontes em que olhávamos que nos fazia parecer viver a história, mais uma vez. Gratidão por sua vida, sua história e contribuição com nosso estudo e com a história da Educação naviraiense, e pelo legado deixado.

À professora Maria de Lourdes Ribeiro do Nascimento Simões, por suas contribuições e sua história também compartilhada no estudo e todo apoio dado a mim.

Às participantes da banca avaliadora, professoras Dra. Maria Teresa Santos Cunha, Dra. Elizabeth Figueiredo de Sá, Dra. Míria Izabel Campos, Dra. Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliane e Alessandra Cristina Furtado pela participação e ricas contribuições dadas a esta pesquisa.

À minha família, pela força e todo cuidado comigo, principalmente, ao meu esposo Edimar que tem sido meu alicerce nessa jornada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados – PPGEd/FAED/UFGD, por tudo que vivi e aprendi durante minha vida acadêmica do mestrado ao doutorado. Ao Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador – GPEPC, pelas trocas e construção de saberes e pelas demais alegrias de parceria universitária vivenciadas, em especial às minhas queridas parceiras Larissa W. Trein Montiel, Adriana H. Faria, Luciene C. Silva, Geiliane Salles Shirley F. Marinho Silva, Luana Tainah Bráz, Vanessa Kusmisk e Jéssica Thaís de Oliveira. Aos colegas da turma do doutorado 2020, por tudo o que aprendemos e passamos juntos durante os anos do curso de doutoramento atravessado pela Pandemia de COVID 19. À Cristina S. Rocha por todo apoio e companheirismo e aos demais colegas de trabalho. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio financeiro concedido para o desenvolvimento deste estudo.

RODRIGUES, Giseli Tavares de Souza. **Cleuza Campos Marques da Silva: trajetória profissional e de vida no município de Naviraí - MT/MS (1971-2008)**. 190 f. Tese (Doutorado em Educação - Linha de Pesquisa: História da Educação, Memória e Sociedade). Universidade Federal da Grande Dourados. Programa de Pós-Graduação em Educação. Dourados/MS, 2023.

RESUMO

Este estudo trata-se de uma pesquisa biográfica que contemplou a trajetória profissional e de vida de uma professora que atuou na Assistência Social ligada à Igreja Católica tornando-a também precursora na História da Educação de seu município. Deste modo, a pesquisa teve como intuito analisar a trajetória profissional e de vida da professora chamada Cleuza Campos Marques da Silva como uma forma de compreender parte da História da Educação de Naviraí, por meio do seu arquivo pessoal no período de 1971 a 2008. Os procedimentos teórico-metodológicos estiveram pautados na História Oral Temática e método empírico documental e as fontes foram coletadas no arquivo pessoal da professora colaboradora da pesquisa. Como fontes documentais: álbuns, fotos, jornais, certificados, pastas, quadros, *banners* entre outras, além da entrevista realizada com a professora Cleuza. Essas fontes foram analisadas, a partir dos conceitos eliasianos, entre os quais enfatizo os conceitos de: figuração, interdependência e relações de poder. Dessa forma, a tese corroborada nesta pesquisa revelou que a trajetória profissional e de vida da professora Cleuza Campos Marques da Silva, bem como os documentos arquivados por ela, ajudam a compreender parte do cenário histórico da educação e formação docente em Naviraí, tornando-a uma personagem central nessa conjuntura, e mostram como ela foi se constituindo nesse papel nos múltiplos espaços que ocupou e ajudou a formar. Esta tese indica ainda, que a história do povo naviraiense e sua educação têm sido construídas num processo de mudanças permeado por esforços coletivos com diferentes ideais, seguindo modelos educacionais trazidos pelos imigrantes que se instalaram no município, os quais foram estruturados e delineados conforme as necessidades e os interesses dos envolvidos com a educação de Naviraí. E deste modo, sinalizo que a vida privada e a vida pública da professora Cleuza, têm sido permeadas pelas nuances de poder e constituída por teias de interdependência, desde sua chegada a Naviraí até sua constituição na educação escolar e educação social perpetuada pelos espaços importantes dentro desses setores. Acrescento que a professora Cleuza, além de todos os seus contributos na educação escolar também tem ajudado a formar um protagonismo feminino na área da educação social frente a Assistência Social do município, através de suas ações de caridade, projetos e programas ligados à Igreja Católica. As análises também mostraram a importância dos arquivos pessoais, na sobrevivência das lembranças e memórias de experiências pessoais e profissionais que compõem as histórias de vida de professores, e no caso da professora em tela, seu arquivo pessoal dá visibilidade à vida, à sua trajetória profissional, às memórias e experiências construídas, e às organizações pedagógicas em determinado período, o que permitiu narrar um contexto importante na pesquisa em História da Educação no interior do estado.

Palavras-chave: História da Educação. Abordagem biográfica. Arquivos pessoais. Trajetória docente. Naviraí/MS.

RODRIGUES, Giseli Tavares de Souza. **Cleuza Campos Marques da Silva**: trayectoria profesional y vital en el municipio de Naviraí - MT/MS (1971-2008). 190 f. Tesis (Doctorado en Educación - Línea de Investigación: Historia de la Educación, Memoria y Sociedad). Universidad Federal de Grande Dourados. Programa de Postgrado en Educación. Dourados/MS, 2023.

RESUMEN

Este estudio es un estudio biográfico de la trayectoria profesional y vital de una profesora que trabajó en el sector de la Asistencia Social vinculada a la Iglesia Católica, lo que la convirtió en precursora de la historia de la educación en su municipio. De esta forma, la investigación pretendió analizar la trayectoria profesional y vital de una profesora llamada Cleuza Campos Marques da Silva como forma de comprender parte de la Historia de la Educación en Naviraí, a través de su archivo personal desde 1971 hasta 2008. Los procedimientos teórico-metodológicos se basaron en la Historia Oral Temática y en el método empírico documental, y las fuentes fueron recogidas del archivo personal de la profesora que colaboró en la investigación. Como fuentes documentales: álbumes, fotos, periódicos, certificados, carpetas, gráficos, pancartas, entre otros, así como la entrevista con la profesora Cleuza. Estas fuentes fueron analizadas utilizando conceptos eliasianos, entre ellos figuración, interdependencia y relaciones de poder. De esta forma, la tesis corroborada en esta investigación reveló que la trayectoria profesional y de vida de la profesora Cleuza Campos Marques da Silva, así como los documentos que archivó, ayudan a comprender parte del escenario histórico de la educación y de la formación de profesores en Naviraí, convirtiéndola en un personaje central de esta coyuntura, y muestran cómo se constituyó en este papel en los múltiples espacios que ocupó y ayudó a formar. Esta tesis también muestra que la historia del pueblo de Naviraí y su educación se ha construido en un proceso de cambio permeado por esfuerzos colectivos con diferentes ideales, siguiendo modelos educativos traídos por los inmigrantes que se asentaron en el municipio, los cuales se estructuraron y delinearón de acuerdo a las necesidades e intereses de los involucrados en la educación en Naviraí. De este modo, señalo que la vida privada y la vida pública de la profesora Cleuza han estado permeadas por los matices del poder y constituidas por redes de interdependencia, desde su llegada a Naviraí hasta su constitución en educadora escolar y educadora social perpetuada por los espacios importantes dentro de estos sectores. Yo añadiría que la profesora Cleuza, además de todas sus contribuciones a la educación escolar, también ha contribuido a formar un protagonismo femenino en el área de la educación social frente a la Asistencia Social del municipio, a través de sus acciones caritativas, proyectos y programas vinculados a la Iglesia Católica. Los análisis también mostraron la importancia de los archivos personales en la pervivencia de memorias y recuerdos de experiencias personales y profesionales que componen las historias de vida de los profesores, y en el caso de la profesora en cuestión, su archivo personal da visibilidad a su vida, a su trayectoria profesional, a los recuerdos y experiencias que construyó y a las organizaciones pedagógicas en un período determinado, lo que permitió narrar un contexto importante en la investigación de la historia de la educación en el interior del estado.

Palabras clave: Historia de la educación. Enfoque biográfico. Archivos personales. Trayectoria docente. Naviraí/MS.

RODRIGUES, Giseli Tavares de Souza. **Cleuza Campos Marques da Silva**: professional and life trajectory in the municipality of Naviraí - MT/MS (1971-2008). 190 f. Thesis (Doctorate in Education - Research Line: History of Education, Memory and Society). Federal University of Grande Dourados. Postgraduate Program in Education. Dourados/MS, 2023.

ABSTRACT

This study is a biographical survey of the professional and life trajectory of a teacher who worked in the Social Welfare sector linked to the Catholic Church, making her a forerunner in the history of education in her municipality. In this way, the research aimed to analyze the professional and life trajectory of a teacher called Cleuza Campos Marques da Silva as a way of understanding part of the History of Education in Naviraí, through her personal archive from 1971 to 2008. The theoretical-methodological procedures were based on Thematic Oral History and the empirical documentary method, and the sources were collected from the personal archive of the teacher who collaborated in the research. As documentary sources: albums, photos, newspapers, certificates, folders, charts, banners, among others, as well as the interview with the teacher Cleuza. These sources were analyzed using Eliasian concepts, including figuration, interdependence and power relations. In this way, the thesis corroborated in this research revealed that the professional and life trajectory of teacher Cleuza Campos Marques da Silva, as well as the documents she archived, help to understand part of the historical scenario of education and teacher training in Naviraí, making her a central character in this conjuncture, and show how she was constituted in this role in the multiple spaces she occupied and helped to form. This thesis also shows that the history of the people of Naviraí and their education has been built on a process of change permeated by collective efforts with different ideals, following educational models brought by the immigrants who settled in the municipality, which were structured and outlined according to the needs and interests of those involved in education in Naviraí. In this way, I can see that Professor Cleuza's private life and public life have been permeated by the nuances of power and made up of webs of interdependence, from her arrival in Naviraí to her constitution in school education and social education, perpetuated by the important spaces within these sectors. I would add that Professor Cleuza, in addition to all her contributions to school education, has also helped to form a female protagonist in the area of social education in front of the municipality's Social Assistance, through her charitable actions, projects and programs linked to the Catholic Church. The analyses also showed the importance of personal archives in the survival of memories and recollections of personal and professional experiences that make up the life stories of teachers, and in the case of the teacher in question, her personal archive gives visibility to her life, her professional career, the memories and experiences she built, and the pedagogical organizations in a given period, which made it possible to narrate an important context in research into the History of Education in the interior of the state.

Keywords: History of education. Biographical approach. Personal archives. Teaching career. Naviraí/MS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Professora Cleuza	41
Figura 2 - Professora Cleuza no quintal de sua casa em Parapuã/SP, 1952.....	60
Figura 3 – Certidão de batismo da professora Cleuza em 1950.....	62
Figura 4 - Professora Cleuza em Santa Isabel do Ivaí, 1953.	64
Figura 5 – Professora Cleuza, irmãos e os pais.....	67
Figura 6 – Cleuza em Santa Isabel do Ivaí, 1961.....	69
Figura 7 - Certidão de Casamento de 1971	73
Figura 8 - Festa de casamento, 1971	73
Figura 9 – Professora Cleuza no gabinete da Gerência Municipal de Educação, em 2007.....	80
Figura 10 – Diploma do Curso de Pedagogia de 1980.....	93
Figura 11 – Cleuza em reunião com a comunidade escolar.....	100
Figura 12 – VII Encontro da UNDIME, em 1999	101
Figura 13 – Matéria de jornal anuncia a entrada de Cleuza na Gerência Geral em 2001.....	108
Figura 14 – Matéria de jornal anuncia décimo quinto salário dos professores em 2001.....	111
Figura 15 - Folha do Livro de Ata em 1974.....	120
Figura 16 – Cleuza e um grupo de mulheres.....	124
Figura 17 – Banners de orientações	125
Figura 18 - Inauguração do Lar do Menor Abandonado em 1979.....	126
Figura 19 - Certificado de sócio na Lions Clube de 1973.....	128
Figura 20 – Certificado estadual de 1982	129
Figura 21 – Professora Cleuza no evento nacional de secretários da educação em 2004.....	131
Figura 22 - Diploma de honra ao mérito de 2002	133
Figura 23 – Menção honrosa, sem data.....	134
Figura 24 - Título de Cidadã Naviraiense - 2011	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação do Referencial teórico	19
Quadro 2 - Relação dos trabalhos selecionados sobre narrativas (auto) biográficas, trajetórias e memórias de formação e docência nos bancos de dados pesquisados... ..	25
Quadro 3 - Relação dos trabalhos selecionados sobre história, trajetórias e memórias da docência, a partir de Norbert Elias.....	29

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Relação dos objetos de pesquisa no Mato Grosso do Sul	33
Gráfico 2 – Relação dos objetos de estudos nos trabalhos de Naviraí/MS	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Documentos da vida privada - (pessoal).....	54
Tabela 2 – Documentos da vida pública - (trajetória na educação).....	55
Tabela 3 – Documentos da vida pública – (Assistência Social e Igreja Católica).	57

SUMÁRIO

TORNAR-SE PESQUISADORA: traços de uma vida.....	10
1. REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS: começando a viagem	14
2. A PROFESSORA CLEUZA CAMPOS MARQUES DA SILVA	40
2.1. A biografia como aporte teórico e metodológico	41
2.2. O arquivo pessoal: momento de empiria e descobertas	47
3. FAMÍLIA, INFÂNCIA E ESCOLA.....	60
3.1. Infância e vida em família.....	61
3.2. Memórias de escolarização e demais episódios da vida da professora.....	68
3.3. A mudança para o município de Naviraí - MT/MS	74
4. TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO DE NAVIRAÍ- MT/MS	80
4.1. Elementos históricos da educação de Naviraí – MT/MS.....	81
4.1.1. Constituindo-se professora: formação, docência e atuação	86
4.1.2. Atuação na Gerência Municipal de Educação Escolar	99
4.1.3. Atuação na Gerência Geral da Prefeitura de Naviraí/MT/MS.....	107
5. DIFERENTES ESPAÇOS DE ATUAÇÃO E SOCIABILIDADES	117
5.1. Inserção em espaços de sociabilidades: Igreja Católica e Assistência Social	117
5.2. Destaques da professora durante sua trajetória profissional.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS.....	144
FONTE ORAL.....	154
APÊNDICE.....	155

TORNAR-SE PESQUISADORA: traços de uma vida

Nasci no interior de Mato Grosso do Sul. Vivi a infância, a adolescência e parte da juventude no campo. Desde criança gostava de estudar e via os estudos como uma das possibilidades de viver em condições melhores. Tive um momento da infância em que vivi na cidade, junto aos meus pais, depois passei a viver em acampamento pertencente ao movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST), por dois anos, até 1999, quando meus pais tomaram posse de um sítio em assentamento rural. Minha infância foi vivida junto com a criançada da igreja que minha família frequentava, e também unida aos primos. Foi um tempo feliz de contemplação da natureza, animais e muitas brincadeiras, além do envolvimento nas atividades da igreja que eram constantes.

Meus pais como agricultores trabalhavam muito, tanto na lavoura quanto com o gado, e logo conforme fui crescendo precisei ajudar a cuidar da casa.

Foi no sítio que dei início à escolarização até a ida para a universidade no ano de 2009. Durante os meus primeiros anos na escola sofri *bullying*¹, e isso causou bloqueios emocionais que foram curados só na fase adulta por meio de procedimento terapêutico e mergulho no autoconhecimento. A escola ficava longe de minha casa, e para chegar até lá, ia de transporte escolar. Era preciso acordar de madrugada para chegar a tempo para as aulas.

O percurso até a escola era sofrido, e ao mesmo tempo, também divertido, porque a escola era um lugar de encontro com os colegas e de acesso a atividades que eu não tinha em casa, como parque, brinquedos, livros, entre outras. Concluí a Educação Básica em 2008. No ano de 2009 aos 18 anos de idade, passei no vestibular e ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Naviraí (UFMS/CPNV). Foi uma alegria imensa, tanto para mim, como para os meus familiares. Por outro lado, o medo de encarar algo novo me invadiu, e a saída da casa dos meus pais também me preocupava. Portanto, eu sabia que o início de uma jornada da vida começava a florescer, cabendo a mim ir ou ficar.

Com o apoio de minha família decidi encarar o desafio e agarrar a oportunidade. Pedagogia não era meu sonho, sim a Psicologia. No entanto, por motivos financeiros não consegui fazer o curso desejado, e no ano de 2013 concluí a graduação. Durante o curso

¹ O *bullying* existe como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros (BRASIL, 2015).

seguí feliz e me encontrei no mundo da Pedagogia, que me despertou o gosto pelos estudos acerca do desenvolvimento infantil. Percebi o quanto esse processo foi significativo abrindo portas para seguir minha jornada, dando luz a novos projetos, tornando-me uma defensora da criança e sua infância.

Continuei minha jornada acadêmica fazendo especializações ligadas aos temas de interesse, entre eles muitos voltados à área da Psicologia. Ingressei na docência em uma instituição particular no município de Eldorado - MS, localizado na fronteira com o Paraguai. Atuei por um ano como professora, e por questões de trabalho do meu esposo, decidi retornar para Naviraí-MS, ficando por um tempo fora da profissão, o que me impulsionou seguir com os estudos, e logo entrei para o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados – (PPGEdu/UFGD), no ano de 2017.

Nesse mesmo ano, também fui nomeada em um concurso público para atuar como professora na Educação Infantil de Naviraí. Trabalhando na docência e como acadêmica no curso de mestrado, me vi em uma fase agitada, mas entendi que fazia parte do processo do alvo que havia decidido alcançar, assim concluí o mestrado em 2019. Em seguida, ingressei no curso de doutoramento, nessa mesma universidade e sigo minha jornada na vida acadêmica.

Essa, sou eu, Giseli Tavares de Souza Rodrigues uma sonhadora que adora estar no campo e contemplar a natureza e os animais. Gosto de estar com as pessoas, principalmente com as crianças. Atualmente casada, ainda não tenho filhos e atuo como professora efetiva na rede municipal de educação de Naviraí, e como educadora parental com atendimento on-line².

Agora lhe apresento uma viagem, nesse caminho de novos desafios, horizontes, descobertas, e por que não dizer, voos – *a construção de uma tese*. Entender e procurar escrever parte da História da Educação de um lugar, a partir da biografia de alguém, é realmente, uma grande responsabilidade com o compromisso, tanto com a personagem do estudo e sua história, bem como com todo o rigor teórico-metodológico que a pesquisa exige. Essa é a proposta desta tese intitulada *Cleuza Campos Marques da Silva: Trajetória profissional e de vida no município de Naviraí - MT/MS (1971-2008)*, por meio da

² Educação parental diz respeito a educação dos pais e/ou adultos de referência da vida da criança e do adolescente e jovem que por meio de abordagens teórica-metodológicas oferece apoio aos pais com orientações para conduzirem a criação dos filhos e suporte para desenvolver os laços parentais para melhorar o bem-estar da criança, adolescente, jovem e da família como um todo (RODRIGUES, 2023).

documentação do arquivo pessoal da professora Cleuza e de suas narrativas orais, assim como as dos envolvidos com sua história e trajetória.

O desejo em estudar a trajetória profissional e de vida da Cleuza Campos Marques da Silva surgiu por meio da minha caminhada no mestrado quando ingressei no curso em 2017. Foi uma escolha construída ao longo de um processo, a partir de experiências e leituras, disciplinas cursadas tais como a de *Paradigmas do Conhecimento II, Pesquisa em arquivos e fontes escolares* e a de *Metodologia de pesquisa*, participação no Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (GPEPC), orientações com a professora Dra. Magda Sarat, bem como com os resultados da pesquisa do mestrado, *História do Clube de Mães e as origens do atendimento à criança pequena em Naviraí/MS (1974-1990)*, que novamente me aproxima do objeto de pesquisa que outrora sequer imaginava viesse a contribuir para minha escolha ao entrar no curso de doutoramento.

Ao ingressar no mestrado apresentei um projeto de pesquisa que intitulei Narrativas (Auto)biográficas dos professores de creche: a busca da profissionalização. No entanto, após leituras e orientações recebidas, e posteriormente com as surpresas e riquezas de fontes alcançadas acerca do início do atendimento à infância em Naviraí, o projeto inicial foi modificado e passei a analisar o estudo, como já mencionado. Nele, investiguei a fase inicial da história do atendimento a infância de 0 a 6 anos no interior de Mato Grosso do Sul, apontando as primeiras instituições destinadas ao atendimento às crianças pequenas em Naviraí, evidenciando, sobretudo, a história do Clube de Mães do município, por ter sido a instituição que marcou as origens do atendimento à infância na cidade, quando encontrei também informações sobre professoras que tiveram papéis importantes na história da educação de Naviraí.

Dentre essas professoras se destacam algumas que atuaram desde o início do surgimento do município, quando o mesmo ainda era um vilarejo no começo da década de 1970. Elas participaram e viram o caminhar da educação naviraiense tornando-se também colaboradoras nessa jornada. Então, a mim foi chegada a oportunidade de estudar a trajetória profissional e as memórias de uma dessas professoras, que é a professora Cleuza, por considerar a relevância de sua atuação na educação naviraiense, por colaborar com a produção científica na área da História da Educação no sul do estado, com os estudos biográficos de mulheres professoras na região e também com os estudos de arquivos pessoais.

Portanto, este estudo trata-se de uma abordagem biográfica que contempla a trajetória profissional e de vida de uma professora que atuou fortemente na Assistência

Social ligada também às ações de caridade da Igreja Católica tornando-a precursora na história da educação de seu município, além de contribuir para com o protagonismo feminino na área social em Naviraí junto com outras mulheres esposas de políticos e empresários.

1. REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS: começando a viagem

Uma viagem não se faz de qualquer jeito, sem a escolha do destino, muito menos sem a preparação prévia, incluindo questões orçamentárias bem como os pertences necessários para realizar o trajeto desejado. Toda viagem exige um planejamento. Deste modo, arrumei minhas malas e comecei a aventura pelo mundo de uma jornada chamada ‘tese’. Estimei fazer muitas descobertas, e sanar as expectativas iniciais elencadas no plano feito para esta viagem.

A viagem à qual me refiro é sobre as aventuras de uma vida, mas não é uma vida qualquer, é uma vida de uma professora que registrou suas experiências e guardou para si. Esta viagem transformei no estudo de tese que assim ficou intitulado: Professora *Cleuza Campos Marques da Silva: Trajetória profissional e de vida no município de Naviraí - MT/MS (1971-2008)*, que foi desenvolvido na linha de pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGEdu/FAED/UFGD), que está vinculado ao projeto maior denominado “Vida de professor/a: trajetórias docentes e memórias de práticas pedagógicas na Educação Infantil e na Infância em instituições de Mato Grosso do Sul, e ao grupo de pesquisa GPEPC”.

Esse projeto, sob a liderança da profa. Dra. Magda Sarat prioriza histórias de professoras, considerando a perspectiva de gênero no trabalho com a educação infantil e a infância, objetiva ouvir a voz de indivíduos da comunidade docente, recolhendo suas memórias no que diz respeito à trajetória de formação e às suas práticas educativas.

O recorte temporal do estudo contemplou o período de 1971 até 2008, que se justifica por contemplar o início e o fim da trajetória profissional da professora Cleuza na educação naviraiense e a sua chegada a Naviraí – município que se configura no recorte espacial desta pesquisa. Cabe assinalar que quando a professora Cleuza chegou ao município, o mesmo pertencia ao estado do Mato Grosso. Posteriormente, o território do referido estado foi dividido em dois, originando desta forma o estado de Mato Grosso do Sul. Para tanto, mais detalhes sobre essa divisão estadual são discutidos no capítulo 3 desta tese.

O município de Naviraí foi escolhido como recorte espacial, por ser um local de onde falo, e acredito ser importante conhecer, analisar e divulgar a história da educação desta localidade, a partir da trajetória profissional de uma das personagens que marcou

presença na construção desse processo e também na profissionalização docente de Naviraí, como a professora.

Assim, entendo que o trabalho com trajetórias de professores oportuniza identificar diversos aspectos que envolvem o percurso profissional dos indivíduos, como tratar sobre a profissão docente implicando também em investigar a formação, a prática e as experiências da docência, além das vivências pessoais, entre outras questões. Frente a isso, como coloca António Nóvoa (2000, p. 17) em sua obra *Vida de professores* “é impossível separar o eu profissional do eu pessoal”. Isso leva à reflexão de que, além dos docentes serem profissionais, são indivíduos pessoais e sociais, produtores e atores principais de suas próprias experiências e histórias. E os “‘casos’ reais do ensino e da aprendizagem são seguimentos das ‘vidas feitas histórias’ que vivemos como professores, e fazem parte da história do exercício da profissão” (BEN-PERETS, 2000, p. 201).

Acredito que as memórias dos acontecimentos vividos e experienciados durante a carreira profissional, ao serem analisadas podem fornecer informações imprescindíveis para a compreensão da constituição da profissão docente e, no caso das professoras, entender os seus papéis enquanto mulheres, esposas, mães e profissionais. “Assim sendo, representam a consciência da prática e são dignas de rigorosa investigação” (BEN-PERETS, 2000, p. 213). Algo que também merece atenção é a escrita das memórias de experiências de vida e do trabalho, memórias essas que contam histórias e “[...] o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBWACHS, 1990, p. 80-81).

Desse modo, o objeto deste estudo foi constituído pela trajetória profissional e de vida da professora Cleuza – uma professora que dedicou a vida ao trabalho da educação e assistência social na cidade, ajudou a fundar instituições de assistência destinadas a mulheres, crianças e famílias carentes, bem como colaborou com implantação de cursos para formação de professores em Naviraí atendendo docentes dos municípios da região, como Mundo Novo, Eldorado, Japorã e Itaquiraí. Ao longo de sua caminhada, a professora Cleuza reuniu e preservou documentos que têm ajudado a observar não somente os aspectos de sua vida profissional e pessoal, como também permitiu compreender a história da educação local.

A professora Cleuza começou a carreira docente em 1971, percorreu múltiplos espaços e cargos públicos administrativos da educação do município até se aposentar definitivamente no ano de 2008, após 37 anos de trabalho. No decorrer desse percurso se

dividia também ocupando outros lugares tais como o familiar, sendo esposa e mãe, e ainda pertenceu ao Clube de Mães, sendo sócia-fundadora e ao grupo da Assistência Social, Lar das Crianças, Lions Clube, orientação a famílias, grupo de cursilhistas e carismática da Igreja Católica de Naviraí. Durante os diferentes tempos e lugares percorridos, produziu documentos sobre si e a história da educação de Naviraí, que se encontram guardados em seu arquivo pessoal.

Nos fragmentos da trajetória profissional e de vida da professora Cleuza, procurei compreender o seu percurso formativo, a sua atuação nos diferentes espaços como na educação, Assistência Social e Igreja Católica, bem como a sua participação na construção da educação naviraiense.

Foi adotado nesta pesquisa a história de vida tematizada que, segundo Josso (2020), é um tipo de pesquisa que aborda e investiga um problema específico, atrelado a questões profissionais, e também com temas existenciais diversos. Compreende-se que “as Histórias de Vida, nesse sentido, permitem a observação de como as experiências de transformação vão sendo geradas e compreendidas, e se revelam como um material ‘perfeito’ para apreender os segredos da historicidade do sujeito” (PASSEGGI, 2002, p. 74). Assim, os participantes de uma pesquisa biográfica podem recordar e analisar as memórias dos acontecimentos vividos no passado “[...]” como o reflexo de um processo de cristalização das suas teorias e convicções pedagógicas, associando-as explicitamente a determinadas experiências e ocorrências da sua prática” (BEN-PERETS, 2000, p. 211).

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a trajetória profissional e de vida da professora Cleuza Campos Marques da Silva como uma forma de compreender parte da história da educação de Naviraí, a partir da entrevista realizada com a professora e de seu arquivo pessoal no período de 1971 a 2008.

E os objetivos específicos caminharam na direção de: a) investigar os percursos de vida de Cleuza Campos Marques da Silva, por meio de entrevista e documentos do seu arquivo pessoal, a fim de conhecer as suas memórias e sua inserção na educação de Naviraí; b) apreender a trajetória profissional da professora em tela, a partir dos documentos guardados em seu arquivo pessoal e das narrativas orais; c) identificar os espaços figuracionais e as relações de interdependências vivenciadas na constituição da carreira profissional de Cleuza, bem como parte da história da educação naviraiense; d) vislumbrar as memórias e narrativas dos envolvidos na trajetória profissional e na vida da referida docente, com o intuito de saber mais sobre o trabalho realizado por ela na educação naviraiense.

As problemáticas da pesquisa surgiram a partir de leituras realizadas acerca da sistematização do tema e objeto de análise, e por meio da consulta aos documentos realizada no arquivo pessoal da professora participante da pesquisa, as quais estiveram agrupadas no sentido de saber:

Qual a história de vida da professora Cleuza?

Qual a sua formação profissional e como chegou à docência?

Como a professora foi compondo-se nas figurações que participou no decorrer de sua carreira e quais as relações de interdependência estabelecidas entre os pares, durante os múltiplos espaços percorridos em diferentes tempos da trajetória pessoal e profissional?

Como a professora Cleuza, enquanto mulher, pôde conquistar o seu lugar na profissão docente em diferentes espaços, como coordenação e gestão, assumindo também responsabilidades na Assistência Social e ao mesmo tempo manter o seu papel de esposa e mãe?

Quais as contribuições da professora Cleuza e dos documentos de seu arquivo pessoal para a história da educação de Naviraí?

Para tanto, o referencial teórico da pesquisa tem sido conduzido pela Sociologia figuracional de Norbert Elias (1897-1990), sociólogo alemão nascido em Breslau e falecido em Amsterdã. Considerado um dos maiores sociólogos do século XX, ele é especialmente conhecido por sua teoria dos processos civilizadores (ELIAS, 2001). A Sociologia Figuracional também conhecida como Sociologia Configuracional ou Sociologia dos Processos são termos relacionados a estudos fortemente influenciados pela obra de Norbert Elias, autor do clássico moderno *O Processo Civilizador* (publicado originalmente em alemão, em 1939) e mais de uma dúzia de livros subsequentes.

O processo civilizador para Elias, diz respeito à dinâmica social relacional de interdependência e poder, entre indivíduos em longa duração. Em sua obra, Elias explora o desenvolvimento das normas e comportamentos civilizados na sociedade ocidental, enfatizando a importância das mudanças no controle das emoções e dos corpos como parte do processo civilizador. Suas ideias têm sido retomadas, desenvolvidas e ampliadas em seu escopo por uma extensa rede internacional de estudiosos, formada não apenas por sociólogos, mas também por pesquisadores da história, antropologia, ciência política, psicologia e estudos literários e culturais (ELIAS, 1994b).

O campo principal de estudo na teoria de Norbert Elias são as figurações de seres humanos interdependentes, no qual os indivíduos não podem ser entendidos de modo isolado, mas sim na teia de relações uns com os outros. Ligado a essa ideia, a partir do

pensamento eliasiano tem sido possível observar a trajetória da professora Cleuza no cerne de suas relações, de modo a entender a dinâmica, objetivos e intencionalidades usadas para se estabelecer na educação e no centro das organizações mais importantes da cidade. Diante disso, os conceitos de Norbert Elias que teceram o tecido da pesquisa são os conceitos de figuração, interdependência, relações de poder e outros.

Norbert Elias (2006) ajuda entender as figurações interdependentes entre os indivíduos, apontando que elas acontecem por meio das interações humanas, incluindo aspectos sociais e profissionais. E por meio de múltiplas ligações, como se fosse em uma rede de tecido em que as linhas são unidas umas às outras, nas figurações de pessoas há um elo que as torna conectadas onde aparecem as interdependências que podem ser consideradas, e segundo Norbert Elias (2006, p. 194) como relações dependentes e interdependentes, as quais estão ligadas a “[...] planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil”.

Dentro dos relacionamentos humanos estruturados no formato de figurações surgem as relações de poder. Portanto, o poder entre os humanos se comporta como uma balança, na qual o peso do mais influente pesará em relação ao menos influente. Entretanto, isso pode variar de acordo com o lugar que cada indivíduo ocupa, porque “[...] o poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas - de *todas* as relações” (ELIAS, 2005, p. 81, grifo do original). Deste modo, os conceitos eliasianos colaboram com a pesquisa ajudando a perceber como foi constituída a trajetória profissional e de vida da professora Cleuza, os percalços, desafios e conquistas durante a vida e a sua carreira, bem como parte da história da educação de Naviraí.

Norbert Elias em seus estudos não aborda diretamente questões relacionadas ao campo da educação. Contudo, a amplitude de suas obras - *A Sociedade dos indivíduos* (1994a); *Mozart a sociologia de um gênio* (1995); *Os estabelecidos e os outsiders* (2000); *Elias por ele mesmo* (2001); *Introdução à Sociologia* (1980); *Escritos e ensaios – estado, processo, opinião pública* (2006) e *O Processo Civilizador – volume 1: uma História dos Costumes* (1994b) - permite tratar de temáticas relacionadas à educação como a constituição da profissão/docente, história da educação, a história da criança e infância e sobre biografia etc., entre outras ajudando identificar os lugares, os papéis dos indivíduos nas figurações que pertencem ou pertenceram, e também a perceber as transformações sociais em movimento no tempo histórico que afetam, direta ou indiretamente, cada

indivíduo em suas relações sociais fazendo-os seguir em rumos incertos e num processo inacabado.

Conforme Norbert Elias (1980), todos os acontecimentos e processos sociais que contemplam indivíduos, suas relações e experiências são passíveis de investigação. Desta forma, a educação e os processos formativos de constituição de grupos sociais, por exemplo crianças, mulheres, professores, entre outros, podem ser estudados ancorados em seus conceitos e teoria. Dentre os pesquisadores que trabalham com Norbert Elias no campo da educação e história da educação destacam-se autores como: Magda Sarat (2004, 2015, 2017), Magda Sarat e Reinaldo dos Santos (2012), Magda Sarat e Renato Suttana (2020), Ademir Gebara e Ricardo F. Lucena (2011), Andréa Leão (2007), Dagmar Hunger, Fernanda Rossi e Samuel de Souza Neto (2011); Brandão e Nogueira (2020); Luci Silva Ribeiro (2010); Míria Izabel Campos (2010, 2018) e outros, os quais colaboraram com as discussões desta tese.

Além do aporte teórico principal - Norbert Elias (1980; 1994; 1995; 2000; 2001; 2006) também é feito um diálogo com autores da história da educação e outros como podem ser examinados no quadro abaixo.

Quadro 1 – Relação de referencial teórico da pesquisa

Áreas	Autores
História da Educação e Memória	Carlos Bacellar (2006); Jacque Le Goff (1990); Maurice Halbwachs (1990); Ecléa Bosi (1994); Paul Ricouer (2007), entre outros.
Abordagem biográfica, (auto)biográfica e trajetória de professores	Belmira Oliveira Bueno (2002); Elizeu Clementino Souza (2006, 2007, 2011, 2018); Maria da Conceição Passeggi (2011, 2014, 2021); Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2014, 2018, 2020); António Nóvoa (2000); Marie-Christine Josso (2020); Míria Izabel Campos (2018), entre outros.
História Oral	José Carlos Sebe Bom Meihy (2015, 2021); Alessandro Portelli (2016); Verena Alberti (2008); Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (2006).
Arquivos privados/pessoais	Heloisa Liberalli Bellotto (2002); Maria Teresa Santos Cunha (2008, 2017); Susane Costa Waschinevsky e Maria Teresa Santos Cunha (2020), entre outros.
Gênero	Guacira Lopes Loro (2011) e Michelli Perrot (2005, 2007).

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2023).

O estudo foi construído a partir da abordagem biográfica e pressupostos teórico-metodológicos da história oral temática e método empírico documental, por meio do arquivo pessoal da participante da pesquisa. A história oral temática se expressa como dimensão da memória enunciada verbalmente, e trabalho nessa direção baseada em José Carlos Sebe B. Meihy, que afirma: “em história oral temática, o que deve presidir são os

questionários, que precisam estabelecer critérios de abordagem de temas. As perguntas e respostas, pois, são partes do andamento investigativo proposto” (MEIHY, 2015, p. 35).

A pesquisa trouxe a empiria por meio da análise das fontes que foram trabalhadas, para o centro do processo investigativo verificando, como diz o historiador Carlo Ginzburg (1989), os indícios, os sinais e/ou as pistas deixadas pelo passado guardadas nas memórias, tanto da professora Cleuza como nos documentos por ela arquivados que puderam auxiliar na construção do presente e na compreensão da constituição dos indivíduos, enquanto pessoas e profissionais que fazem histórias. O estudo empírico se mostra como conjuntura relevante nas ciências humanas, principalmente quando pensamos a educação como um espaço em que fenômenos sociais podem ser subjetivos e ocultar muitas vivências e experiências de indivíduos (SARAT; CAMPOS, 2017).

Pensando com Jacques Le Goff (1990), trabalhei com o termo ‘memória’ não referente a quesitos materiais, mas à memória e à sua maneira científica de ser, que é ser ‘história’. Por um lado, esse autor aponta que eles se compõem por dois tipos de materiais, que são os documentos e os monumentos: “[...] estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador” (LE GOFF, 1990, p. 462). Isto é, monumento é evidência que faz lembrar o passado e documento, necessidade de registro de prova histórica. Por outro lado, Paul Ricoeur (2007) não atribui a memória como história, portanto, considera que história e memória têm a mesma intencionalidade frente à elaboração do passado. Desta forma, “e, no entanto, nada temos de melhor do que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança” (RICOUER, 2007, p. 26).

Deste modo, esta pesquisa se configurou por meio de leituras ligadas aos conceitos compartilhados, bem como da abordagem de pesquisa e da coleta dos documentos no arquivo pessoal da professora Cleuza: certificados, fotografias, cartas, entrevista e narrativas orais dela, entre outras fontes que formaram o *corpus* documental do estudo.

Dessa maneira, a “[...] essência da existência dos arquivos torna-se necessária no intuito de não apenas preservar memórias, mas também de servir de documentos à produção historiográfica” (CUNHA, 2017, p. 195). Muitos documentos se encontram sob os cuidados de pessoas que se preocuparam, por alguma razão, em guardar materiais e documentos que julgaram importantes de manter e que carregam significados para quem os guardou (BRITTO; CORRADI, 2017).

A guarda documental sempre tem uma intencionalidade por parte de quem a guardou, seja para preservar as suas glórias ou para registrar as memórias da história que

ajudou alguém a construir. Deste modo, para esta pesquisa, ao se referir ao arquivo da professora Cleuza foi escolhido utilizar o termo “arquivo pessoal”, com base em Maria Teresa Santos Cunha (2015, 2019) e Míria Izabel Campos (2018), entendendo, a partir da arquivística, que o arquivo pessoal faz parte da categoria de arquivo privado. E que, de acordo ainda com Heloisa Liberalli Bellotto (2002), não existe nada mais do que essas duas categorias: os públicos e os privados. A autora menciona que,

[...] os arquivos privados são do domínio do direito privado e correspondem a entidades das mais distintas áreas, tais como econômicas, sociais (com fins de lucro ou não), de entretenimento e lazer, agremiações políticas, entidades de classe, religiosas etc. Ademais, há também os arquivos familiares e os pessoais. (BELLOTTO, 2002, p. 28).

O armazenamento de documentos em um arquivo pessoal ocorre de modo individual, portanto é composto por “[...] uma representação e está repleto do pensamento social que envolve o sujeito” (CUNHA, 2018, p. 67). É comum nos arquivos pessoais serem encontradas diversas fontes, justamente pelo fato do indivíduo escolher um pouco de tudo para guardar, e nesse tudo pode haver fotos, documentos, objetos, mobília etc. Desta forma, segundo Elias e Scotson (2000, p. 9) “[...] o tratamento de fontes diversas permite alcançar o conjunto de pontos de vista (e de posições sociais) que formam uma figuração social, e compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais”, ao longo de uma vida ou de uma carreira, assim sendo, esse diálogo se torna significativo.

Neste sentido, a partir de Le Goff (1990, p. 472), documento significa “[...] o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que a produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver. O documento é uma coisa que fica, que dura [...]”. E assim, os pesquisadores podem usufruir das ricas informações e histórias registradas nos documentos, e por meio deles procurar entender a história de seus interesses de investigação podendo ainda elaborar novos documentos para auxiliar na busca de sanar suas inquietações científicas. No entanto, o autor também acrescenta que pelo fato de nunca ser puro e objetivo, o documento como memória, registro do passado, deve ser compreendido como um monumento e precisa “ser desestruturado, desmontado e desmistificado” (LE GOFF, 1990, p. 110).

Também compõem o *rol* de discussão da pesquisa as narrativas orais coletadas, a partir de entrevista semiestruturada realizada com os construtos metodológicos da história

oral temática realizada com a professora Cleuza. Para tanto, o nome real dela foi usado conforme o consentimento dado e os procedimentos éticos de pesquisa³.

Entende-se a entrevista como um papel significativo na produção de documentação: ela pode ser colocá-la “[...] como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias [...]” (ALBERTI, 2008, p. 169). E as fontes visuais como as imagéticas “[...] assim como textos e testemunhos orais, são uma forma importante de evidência histórica” (BURKE, 2017, p. 30). Afirmo que com o entrecruzamento dessas fontes tornou real o que esta tese procurou averiguar, e os resultados até o momento têm manifestado contributos importantes para a história da educação da cidade.

Nessa perspectiva, a relevância científica desta tese está ligada à colaboração na área dos estudos sobre a história, a memória, a trajetória e vida de professores, principalmente de professoras no Mato Grosso do Sul, mais precisamente no interior do estado. São professoras que tiveram papéis importantes na construção da história da educação na região, e muitas vezes essas histórias encontram-se escondidas em meio a fontes diversas nos arquivos pessoais, principalmente sobre a memória que contribuirá a construir uma história da trajetória da professora Cleuza.

Segundo apontaram os estudos de Faria (2018), Montiel (2019), Rodrigues (2019) e o Estado do Conhecimento – entre o segundo semestre de 2020 e o primeiro de 2021 – feitos para validação desta pesquisa de doutoramento, as investigações na região Centro-Oeste vêm aumentando nos últimos anos. Portanto, no interior do estado de Mato Grosso do Sul o campo ainda se mostrou bastante fértil para novos estudos e descobertas.

De acordo com Montiel (2013), o Estado do Conhecimento já é de praxe nos trabalhos de pesquisa por nos informar se o nosso tema e objeto está sendo operado ou não, e se indica lacunas na produção intelectual referente à nossa área, nos levando a refletir sobre o que podemos trazer de novo para o campo científico em que atuamos.

Trata-se, portanto de uma pesquisa bibliográfica também “[...] conhecida pela denominação ‘estado da arte’ ou ‘estado do conhecimento’. [...] são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica

³ Termo de consentimento livre e esclarecido, cessão de direitos de uso e divulgação de identificação, cessão de direitos de uso, divulgação de relato oral e cessão de uso e divulgação de arquivo pessoal.

e científica sobre o tema que busca investigar” (FERREIRA, 2002, p. 258). Esse modelo de pesquisa permite analisar o que já foi elaborado sobre determinado assunto, viabilizando a melhoria e a construção de novos postulados, conceitos e paradigmas, bem como verificar as lacunas existentes oferecendo assim novas possibilidades de estudos. Nesta direção, Morosini e Fernandes (2014, p. 155) corroboram a ideia destacando que:

[...] o estado do conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. Uma característica a destacar é a sua contribuição para a presença do novo.

Nesse levantamento da produção, procurei discutir sobre a profissão, formação docente e histórias de vida de professores que atuaram com a infância, e também sobre o uso da abordagem biográfica em pesquisa na área da educação e história da educação, a fim de saber o que estava sendo produzido sobre o assunto em âmbito nacional, regional, e principalmente estadual, no período de 2010 a 2021.

Considere relevante a consulta de pelo menos dez anos de identificação dos trabalhos produzidos para averiguar no que e como poderia avançar nesta tese em relação ao que já estava construído. E como diz Maria Ester de Freitas (2002, p. 90) “nada nasce do nada e tese tampouco! A nossa capacidade de pensar ordenadamente necessita de treino, um fio condutor e estímulos concretos, que provêm em grande parte de uma boa bibliografia”. Deste modo, elaborei três levantamentos bibliográficos, os quais nomeei todos de “Estado do Conhecimento”.

Primeiro apresento o Estado do Conhecimento feito no âmbito nacional, de 2010 a 2020, em que foi utilizada como base para a análise a produção acadêmica divulgada online pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), estudos publicados na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), reuniões nacionais, dentro do período do levantamento bibliográfico em questão, e trabalhos publicados no site da Scientific Electronic Library Online - (SciELO), os quais foram fontes que constituíram o *corpus* documental deste primeiro Estado do Conhecimento.

Em seguida, menciono o segundo Estado do Conhecimento feito no período de 2010 a 2021, nos Programas de Pós-graduação das universidades do Mato Grosso do Sul, tais como o Programa de Pós- Graduação em educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEDU/UFMS), Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGEDU/UFMGD), Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGEDU/UEMS)

campus de Paranaíba e Campo Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGEDU/UCDB). E por fim, destaco o terceiro levantamento bibliográfico apresentando o quadro de pesquisas realizadas no município de Naviraí, recorte espacial desta pesquisa.

Elenquei algumas questões, as quais nortearam a discussão, nos três levantamentos bibliográficos: Quais os estudos mais recentes dentro da temática profissão docente? Como estão sendo estudadas as trajetórias docentes no Brasil e na região Centro-Oeste? De que maneira é possível trabalhar com o método biográfico e/ou abordagem biográfica e usufruir das memórias, das narrativas, das histórias de vida de professores e professoras para entender o percurso profissional? Existem pesquisas em Mato Grosso do Sul desenvolvidas na perspectiva das trajetórias de mulheres professoras? Como os conceitos de Norbert Elias estão sendo trabalhados nas pesquisas na área da educação e História da Educação?

No primeiro Estado do Conhecimento, comecei a busca pela BDTD, que é um portal disponibilizado pelo governo federal, e que tem como objetivo “facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país” (BRASIL, 2016). Em seguida fiz o levantamento na página da ANPED, a qual tem o objetivo de fortalecer e promover o desenvolvimento do ensino de pós-graduação e da pesquisa em educação. Pesquisei os trabalhos aprovados nas 33^a (2010), 34^a (2011), 35^a (2012), 36^a (2013), 37^a (2015), 38^a (2017) reuniões nacionais e averiguamos o GT 02 História da Educação, GT 07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos e GT 08 Formação de professores. Por fim, pesquisei o site da SciELO que é um portal de revistas brasileiras que organiza e publica textos completos de revistas na Internet.

Trabalhei com oito descritores: história do atendimento a infância no MS, narrativas biográficas, histórias de vida, profissão docente, professores da infância, memórias docentes, professores aposentados e Norbert Elias. Primeiramente realizei o levantamento de todos os trabalhos na BDTD, ANPED e SciELO e arqueei os que mais se aproximaram do objeto de pesquisa, escolhido conforme os descritores de busca. Tanto na BDTD, como na SciELO identifiquei um número grande de trabalhos, porém verifiquei os artigos até a pág. 10 da SciELO e separei os mais interessantes ligados ao objeto de análise.

A seleção dos trabalhos nesse momento preliminar se deu a partir da leitura dos títulos dos trabalhos, e dessa busca obtive um total de 123 trabalhos entre artigos, dissertações e teses, sendo localizados 64 estudos na BDTD, 35 artigos nas reuniões da ANPED e 24 artigos na SciELO.

No segundo momento, selecionei as produções que resultaram no *corpus* de análise do estado do conhecimento, por meio da leitura do título, resumo e palavras-chave, classifiquei 24 trabalhos considerando os que atendiam aos critérios da pesquisa e temática que estavam ligados ao objeto investigativo. Muitos trabalhos repetiam a mesma temática e objeto, desta maneira elegi os mais significativos, os que operaram melhor com os critérios essenciais de pesquisa: clareza de tema, objeto, referencial teórico, abordagem de pesquisa, método e metodologia.

No terceiro momento, realizei a leitura analítica do material resultante das leituras iniciais, apresentado no Quadro 2, agora considerando resumo, sumário e em alguns casos introdução e considerações finais.

No quarto momento, fiz a análise, síntese interpretativa e organização dos resultados e escrita do estado do conhecimento.

Quadro 2 – Relação dos trabalhos selecionados sobre narrativas biográficas, trajetórias e memórias de formação e docência nos bancos de dados pesquisados

Autor	Título	Tipo de trabalho	Área/tema da pesquisa	Ano de publicação/Região
NISHIMOTO, Miriam Mity.	Hábitos professoral e herança cultural nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa	Artigo	Educação	2011/Centro-Oeste
PASSEGGI, Maria Conceição SOUZA, Elizeu Clementino VICENTINI, Paula Perin	Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização	Artigo	Educação	2011/Nordeste
TAVIRA, Larissa Vasques; SIGARDO, Angel Pino; SILVA, Henrique Nunes Daniele	Memória, narrativa e identidade profissional: analisando memoriais docentes	Artigo	Educação	2012/Sudeste
SILVA, Karla Kedna Ferreira	Memórias entre papéis: tessituras das práticas docentes de Hilda de Souza (1948-1953)	Dissertação	História da educação	2012/Nordeste
PALHARI, Haquel Myriam de Lima Costa	Prática docente em João Pessoa: histórias e memórias da educadora	Dissertação	Educação	2013/Nordeste

PAPINI, Maria Rossana	Narrativas de professores (a): criações, tessituras de memórias	Tese	Educação	2014/Sudeste
AZEVEDO, Karla Veruska	Você quer me ouvir? narrativas (auto)biográficas de professoras da rede municipal de Vitória/ES aposentadas por invalidez (décadas de 1980 a 2000)	Tese	Educação	2015/Sudeste
SANTOS, Joana D'Arc Silva	O envelhecer para educadoras idosas (aposentadas): trajetórias e sentido da vida	Dissertação	Família na Sociedade Contemporânea	2015/Nordeste
MONTEIRO, Waldirene Malagrine	Imagens de si: das (foto) narrativas de vida à constituição profissional de professoras alfabetizadoras	Dissertação	Educação	2015/Sul
RODRIGUES, Laís Agranito Castro	A formação e a ação do professor de educação infantil em municípios de Mato Grosso do Sul: um olhar interdisciplinar	Dissertação	Educação	2016/Centro-Oeste
PORTELA, Daniela Fagundes	Trajetória profissional de Anália Emília Franco	Tese	Educação	2016/Sudeste
LIMA, Raimunda Maciel Rodrigues	Narrativas de si: ser professora. História de vida e formação	Tese	Educação	2016/Nordeste
FURTADO, Alessandra Cristina	Professores leigos em escolas rurais primárias no sul de Mato Grosso (1930-1970)	Artigo	Educação	2015/Centro-Oeste
COELHO, Ana Maria Simões; DINIZ-PEREIRA Júlio Emílio	Olhar o magistério "no próprio espelho": O conceito de profissionalidade e as possibilidades de se repensar o sentido da profissão docente	Artigo	Educação	2017/Sudeste
NÓVOA, António	Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente	Artigo	Educação	2017/Portugal
PENTEADO, Regina Zanella; NETO, Samuel de Souza.	Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão	Artigo	Educação	2019/Sudeste

Trabalhos selecionados	16
-------------------------------	----

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2020).

Das pesquisas acima citadas, obtive um número de 3 trabalhos desenvolvidos na região Centro-Oeste, todos elaborados em Mato Grosso do Sul, de autoria de Nishimoto (2011), Furtado (2015) e Rodrigues (2016) os quais trataram acerca da história da formação de professores, trajetória docente e história da educação infantil. Das produções elencadas, 14 utilizaram a abordagem biográfica para a construção de suas análises. Deste modo, percebi que uso da abordagem biográfica em pesquisas na área das ciências humanas tem aumentado significativamente.

Esse interesse crescente mostra a importância, tanto da (auto)biografia, como o uso da biografia na produção de novos estudos. Segundo Josso (2020), o avanço tem ocorrido gradualmente nas sociedades ocidentais, na América Latina, em especial no Brasil, com destaque para Abrahão (2018a, 2008b, 2014), Souza (2006, 2011, 2018), Catani (2014, 2006), Sousa (2008), Vicentini e Gallego (2018), Sanches (2010). Atualmente existem inúmeros trabalhos e publicações que operam com biografia e (auto)biografia e também eventos nacionais e internacionais, o que revela a vitalidade teórico-metodológica da abordagem. Conforme, Josso (2020, p. 43),

[...] de fato, as práticas das histórias de vida e sua formatação múltipla ganharam valor no campo das Ciências Humanas tanto quanto as lutas individuais e coletivas, em razão de que era necessário criar esse novo território de reflexão reconhecido como exigindo novos métodos e suportes para o que chamamos de “biográfico”.

Dessa forma, é possível trabalhar com a abordagem biográfica como possibilidade de análise para entender a trajetória de formação e profissional, a partir das narrativas, memórias de professores e suas histórias de vida. As pesquisas de Nishimoto (2011), Passeggi, Souza e Vincentini (2011), Tavira (2012), Silva, (2012) Palhari (2013), Papini, (2014), Azevedo (2015), Santos (2015), Monteiro (2015), Portela (2016), Lima (2016), Nóvoa (2017), Coelho e Diniz-Pereira (2017), e Penteado (2019) ilustram isso, ao utilizarem a abordagem, dentro da área da profissão docente, discutindo sobre mal-estar docente, vida e formação, memórias docentes, trajetória profissional de professores, narrativas de si e narrativas (auto) biográficas de professores.

Cabe destacar as dissertações de Silva (2012), Palhari (2013) e a tese de Portela (2016), cujas autoras trabalharam com uma única personagem em suas pesquisas – mulheres professoras, uma escritora e historiadora, e outra poetisa –, analisando a história

de vida e a profissional dessas professoras, com foco, principalmente, nas biografias, narrativas, histórias e memórias das educadoras estudadas.

Diante disso, cabe pensar na seguinte questão: qual é o motivo que leva os pesquisadores escolherem a história de uma pessoa para ser estudada, e transformá-la em uma dissertação ou tese? É provável que os estudiosos, e isso enquadra a pesquisadora desta tese, tenha percebido um diferencial na trajetória desses personagens, bem como os seus feitos na comunidade na qual vive e/ou viveram, ou seja, o que pode levar uma vida ser alvo dos pesquisadores está ligado às marcas que esse indivíduo deixou na memória das pessoas com as quais conviveu no percurso de suas vidas.

Os demais estudos citados neste levantamento bibliográfico operaram, tanto com histórias de vida pessoal como profissional para interpretar a formação, atuação e trajetórias docentes, por meio de memórias e narrativas (auto) biográficas. A vida dos indivíduos/professores e suas experiências pessoais, sociais, culturais e profissionais são evidenciadas fazendo-nos entender o quanto os acontecimentos que ocorrem ao longo do percurso podem marcar e moldar toda uma vida, influenciando a maneira pela qual o indivíduo/professor pensa e age, tanto na vida pessoal como na profissional. Desta forma, considero que, “o trabalho com história de vida, memória e autobiografia tem contribuído na pesquisa educacional e na formação para a construção de um campo de produção de conhecimento pedagógico, [...]” (SOUZA, 2007, p. 9).

Nesse ínterim, os instrumentos da abordagem biográfica como as narrativas, as memórias e as histórias de vida e de formação são os meios pelos quais permitem o pesquisador conhecer e adentrar de maneira sistemática e analítica na subjetividade da história do sujeito de pesquisa. Deste modo, “[...] não existe história que não seja feita de fragmentos de outras histórias” (SILVA; SIRGADO; TAVIRA, 2012, p. 263). O significado das experiências vividas por professores apresenta-se crucial na atualidade, motivo pelo qual são feitos no Brasil e no exterior pesquisas cada vez mais voltadas para “[...] produções que dão a ver novas histórias e versões que na contemporaneidade lhes proporcionem o indagar sobre si mesmo e sobre o outro, no âmbito de uma sociedade que se quer mais humanizada” (ABRAHÃO; BRAGANÇA, 2020).

No que se refere aos trabalhos encontrados que operaram com referencial teórico em Norbert Elias, pude observar que esse autor vem sendo estudado por muitos pesquisadores, principalmente no campo da sociologia, tendo tido abertura também para as pesquisas na área da educação e história da educação, em geral nos estudos que têm

procurado perceber as relações dos indivíduos entre si nos diversos espaços figuracionais da sociedade (HUNGER; ROSSI; NETO, 2011).

Na área da educação e história da educação foram identificadas 5 produções na região Centro-Oeste, totalizando 7 trabalhos entre artigos, dissertações e teses que tiveram seus aportes teóricos em Norbert Elias tais como: Hunger, Rossi e Neto (2011), Melnikoff (2014), Sarat e Campos (2017), Faria (2018), Campos (2018), Rodrigues (2019) e Montiel (2019) conforme organizados no Quadro 2 a seguir.

Quadro 3 – Relação dos trabalhos selecionados sobre história, trajetórias e memórias da docência, a partir de Norbert Elias

Autor	Título do trabalho	Tipo de trabalho	Área da pesquisa	Ano de publicação/Região
HUNGER, Dagmar; ROSSI, Fernanda; NETO, Samuel Souza	A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor	Artigo	Educação	2011/Sudeste
MELNIKOFF, Elaine Aires Almeida	Trajetória de Núbia Nascimento Marques: contribuições para a educação de Sergipe (1978-1999)	Dissertação	Educação	2014/Nordeste
SARAT, Magda; CAMPOS, Míria Isabel	Memórias da Infância e da Educação: abordagens eliasianas sobre as mulheres	Artigo	História da educação	2017/Centro-Oeste
FARIA, Horta Adriana	Trajetórias docentes: memórias de professores homens que atuaram com crianças no interior de Mato Grosso do Sul (1962-2007)	Dissertação	História da educação	2018/Centro-Oeste
CAMPOS, Míria Izabel	Tempos de escritas: memoriais de infância, docência e gênero	Tese	História da educação	2018/Centro-Oeste
RODRIGUES, Giseli Tavares Souza	História do Clube de Mães e as origens do	Dissertação	História da educação	2019/Centro-Oeste

	atendimento à criança pequena em Naviraí/MS (1974-1990)			
MONTIEL, Larissa Wayhs Trein	Da assistência à educação infantil: a transição do atendimento à infância no município de Naviraí - MS (1995-2005)	Tese	História da educação	2019/Centro-Oeste
SANTOS, Vanessa Kusminski	Percursos de vida, formação e atuação docente: Maria do Rozário Pereira Valente (1951-2022) ⁴	Dissertação	História da educação	2023/Centro-Oeste ⁵
Trabalhos selecionados				8

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2020-2023).

Hunger, Rossi e Neto (2011) trazem discussões sobre a teoria da *Sociologia dos processos* de Norbert Elias como excelente perspectiva de análise para compreender o universo do ser professor. Os autores operaram com o conceito de configuração, e consideram que a constituição do ser professor resulta das diferentes configurações nas quais ele está imerso, pois, de acordo com Elias (1994), as pessoas (professores, pais, gestores, ministros, alunos etc.) modelam suas ideias por meio de todas as suas experiências e, essencialmente, das experiências vividas no interior do próprio grupo que pertencem.

Acerca de Norbert Elias em estudos sobre trajetória docente, se destaca a dissertação de Melnikoff (2014) que estudou a atuação de uma professora com o viés biográfico, e de Faria (2018) que se ateve em analisar a carreira docente de três professores homens discutindo a docência com crianças e relações de gênero na profissão.

No que diz respeito a memórias, infância e formação docente, se destaca o trabalho de Sarat e Campos (2017) que tece sobre memórias de infância de mulheres acadêmicas, a formação e a educação que se constituiu na infância em espaços privados e domésticos. As autoras constaram que a escolha profissional tem vínculos com a educação feminina, normatizada por regras de controle e civilidade.

Também aponto a tese de Campos (2018), na qual a autora objetivou inventariar um arquivo pessoal para conhecer, descrever e apreender as marcas da educação feminina escritas em memoriais de infância (auto)biográficos, por mulheres/acadêmicas do curso de

⁴ Pesquisa apresentada após a qualificação em julho de 2023.

⁵ Trabalho acrescentado após a qualificação ocorrida em 10 de julho de 2023.

Pedagogia, problematizando questões de gênero. A autora constatou que escrever memoriais de infância constituiu-se em um caminho para contornar o silêncio das mulheres/acadêmicas, o que possibilitou compreender a educação feminina, bem como pensar a docência na Pedagogia ressignificando o lugar da mulher na profissão, na perspectiva de ser alguém que possa efetivamente contribuir para a mudança de gerações futuras, cuidando e educando meninas e meninos de maneira igualitária.

Por outro lado, a dissertação de Rodrigues (2019) e a tese de Montiel (2019), caminharam no sentido de tratarem acerca da história do atendimento à infância e profissionalização docente, a partir de Elias. No caso de Rodrigues (2019), a autora objetivou investigar a história do atendimento à infância no município de Naviraí, a partir do atendimento às crianças pelo Projeto Casulo oferecido no Clube de Mães da cidade, além de contar todo o processo histórico do atendimento infantil em Naviraí, entre os anos 1970 e 1990. Elias (2012) colabora com a discussão ajudando a pensar sobre a criança, vista como um ser pertencente ao um grupo social particular diferente do adulto, e que possui característica próprias tendo direito de viver, de ser acolhida e de se expressar. Assim,

[...] descobrir as crianças significa, em última medida, dar conta da sua relativa autonomia, ou, em outras palavras, deve-se descobrir que elas não são simplesmente adultos pequenos. Elas vão se tornando adultas, individualmente, por meio de um processo social civilizador que varia segundo o estado de desenvolvimento dos respectivos modelos sociais de civilização. A reflexão mais profunda sobre as necessidades das crianças é, no fundo, o reconhecimento do seu direito de serem compreendidas e apreciadas em seu caráter próprio e este também é um direito humano. (ELIAS, 2012, p. 469).

Montiel (2019), em sua tese, se preocupou em investigar o processo de transição do atendimento e as figurações que se estabeleceram entre os profissionais que atuavam na Gerência de Assistência Social, e passaram por um novo enquadramento profissional – a Gerência de Educação de Naviraí/MS, no período de 1995-2005 –, assim como em identificar a trajetória do atendimento à criança pequena no município, verificando o processo de transição do atendimento.

Em outra direção, a dissertação de Santos (2023) trouxe reflexões pertinentes acerca do trabalho com a abordagem biográfica, história oral e referencial teórico em Norbert Elias. A autora investigou os percursos de vida da professora Maria do Rozário Pereira Valente, discutindo aspectos da infância, formação e atuação profissionais. Santos (2023) constatou que a professora estuda e se constituiu na docência por meio da influência

familiar e religiosa pois seu avô e tias eram professores, a mãe catequista e ministra na Igreja, e carregava consigo o desejo não realizado de seguir tal profissão, e acabou por incentivar as filhas a seguir para a docência.

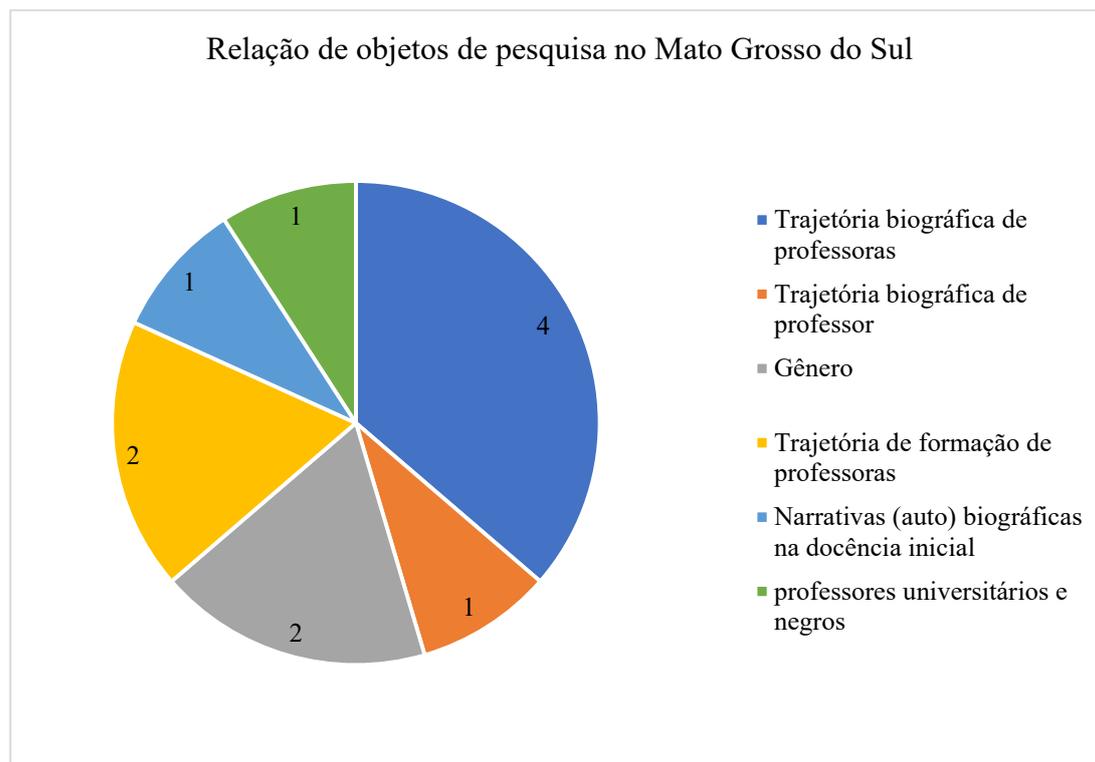
Deste modo, ao ler várias bibliografias a respeito da vida de professoras e a atuação docente, nos levantamentos bibliográficos feitos para esta pesquisa, percebi que a questão da família e da religião tem sido algo comum e determinante na vida de mulheres ao longo da história, o que me fez pensar que muitas delas podem ter entrado na docência não por opção, mas por influência familiar.

Por conseguinte, pontuo que a partir da análise dos estudos elaborados com a teoria e os conceitos eliasianos percebi que é possível trabalhar com Norbert Elias nas pesquisas na educação e história da educação pelo fato de seus conceitos contribuírem com a compreensão dos lugares e papéis que contemplam indivíduos na sociedade. Seja na educação ou fora dela, Elias ajuda entender as nuances e interdependências vivenciadas e construídas durante a vida, a infância, a trajetória pessoal e/ou profissional dos indivíduos, a partir da perspectiva do processo.

Ao aprofundar a busca acerca dos estudos biográficos em Mato Grosso do Sul, a partir do segundo estado do conhecimento realizado, notei um número considerável de trabalhos concluídos, todavia observei também lacunas na historiografia regional no que diz respeito à biografia e/ou a (auto) biografia docente como abordagem e objeto de pesquisa. Na grande maioria, os estudos trataram de trajetórias de formação, atuação docente e memórias contemplando diferentes abordagens e objetos investigativos. Os descritores usados nos bancos de dados dos programas de Pós-graduação consultados, foram: biografia docente, abordagem (auto) biográfica, história de vida, gênero e trajetória docente.

Desse levantamento, identifiquei 11 produções acadêmicas, sendo 3 no PPGEDU/UFMS, como a pesquisa de Britez (2020), a de Amaya (2018) e Nishimoto (2011). Mais 3 no PPGEDU/UEMS campus de Paranaíba e Campo Grande: a de Rocha (2016), Costa (2015) e Oliveira (2014). E ainda 4 trabalhos no PPGEDU/UFMG: Silva (2020), Campos (2018), Silva (2013) e Teixeira (2012); e por fim, no PPGEDU/UCDB, o trabalho elaborado por Santos (2021). O gráfico abaixo fornece mais informações a respeito desse procedimento.

Gráfico 1 – Relação dos objetos de pesquisa no Mato Grosso do Sul



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2021).

Os trabalhos que focam a trajetória biográfica e as memórias de mulheres professoras e futuras profissionais, estão as pesquisas de Britez (2020), Campos (2018), Costa (2015), Oliveira (2014) e Nishimoto (2011), as quais mostram os percursos de vida de professoras, umas se atentando mais para a vida e obra, outras para marcos tais como memórias de infância. A dissertação de Nishimoto (2011) e a tese de Britez (2020) trabalharam com história e memórias de mulheres de Campo Grande que tiveram suas trajetórias guiadas pela docência, pela filantropia e política: é o caso da pesquisa de Britez (2020) que elucidou a vida e obra de Oliva Enciso; e a de Nishimoto (2011) que operou com memórias de quatro professoras japonesas aposentadas.

Costa (2015) procurou compreender a formação e identidade de professoras negras que atuavam no sul de Mato Grosso, durante a segunda fase do movimento negro, entre os anos de 1945 a 1964, a partir da trajetória da professora também aposentada Wilma Rodrigues de Souza. A pesquisa de Oliveira (2014) discutiu acerca da formação e atuação de normalistas egressas da Escola Normal de Cuiabá (MT), a fim de colaborar com a produção da historiografia de vida dessas professoras. Para isso, Oliveira analisou a trajetória de Maria Constança Barros Machado, por ela ter sido uma das pioneiras no que tange à educação pública implementada entre as décadas de 1920 e 1960, na cidade de Campo Grande/MS.

Nesses estudos, constatei que os autores explicitaram percursos de vida e o trabalho de mulheres professoras enfatizando suas glórias em um momento histórico em que o papel da mulher na vida pública nem sempre era bem-visto, e o ambiente doméstico era o mais apropriado para elas. Michelle Perrot (2005) aborda o silêncio da história de mulheres públicas que saíram do espaço doméstico e atuaram na sociedade e lutaram por seu lugar social e às “duras penas” têm conseguido seu posicionamento ao meio público. Enquanto homens públicos eram exaltados, as mulheres, ao longo da história, como mostra a literatura da área, foram tão somente assinaladas.

Entretanto, com o uso da abordagem (auto)biográfica e gênero como objeto de pesquisa destaco o trabalho de Campos (2018) que inventariou um arquivo pessoal para conhecer e apreender as marcas da educação feminina escritas em memoriais de infância (auto)biográficos, por mulheres/acadêmicas do curso de Pedagogia, problematizando questões de gênero. Na mesma sintonia de objeto de pesquisa, Teixeira (2012) analisou memória de mulheres professoras leitoras. Já a pesquisa de Amaya (2018) tratou sobre a relação do professor Luiz Alexandre de Oliveira com a comunidade japonesa e a Escola de Japoneses (Visconde de Cairu) no sul de Mato Grosso, no período entre 1930-1950, de modo a produzir uma trajetória biográfica sobre o referido professor. No mesmo ritmo de abordagem, mas com foco na produção de narrativa biográfica, Rocha (2016) estudou professores iniciantes, a fim de saber sobre a experiência inicial na docência.

De acordo com Simão e Frison (2020), é possível dizer que ao trabalhar com narrativas e história de vida de um sujeito, todos os ângulos ligados à pessoa são relevantes, sejam eles relativos aos aspectos vivenciais, relacionais, formativos ou profissionais, demarcados ou não pelas experiências positivas ou negativas, por meio da reflexão colaboram para interpretar as fases críticas vividas ao longo da vida.

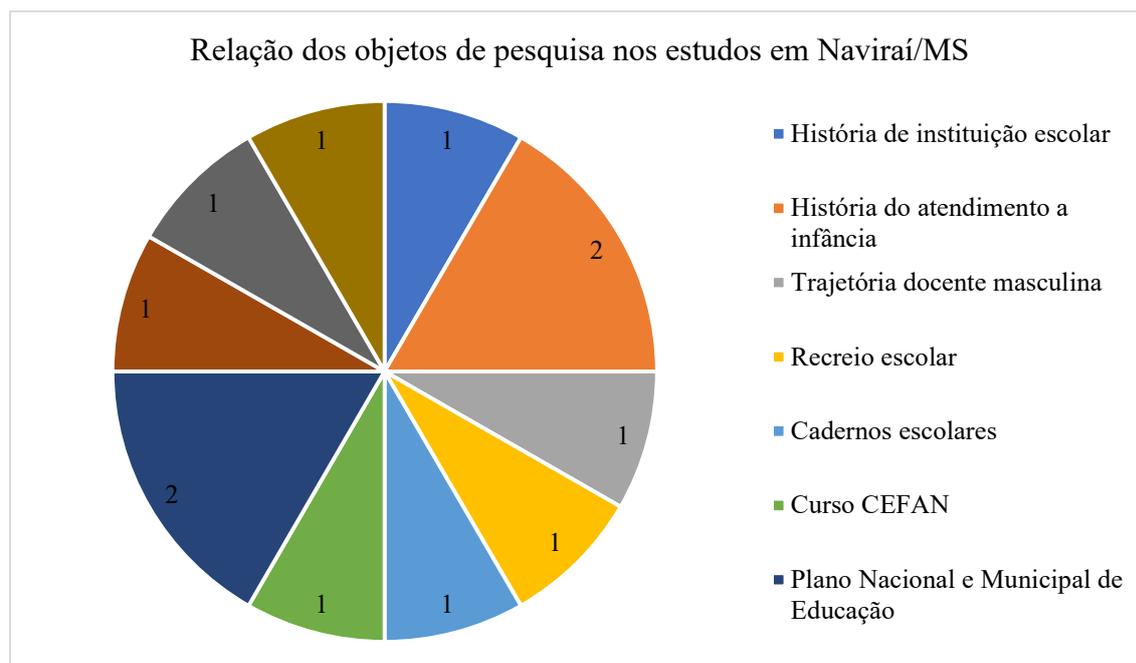
As pesquisas que contemplaram a abordagem de pesquisa biográfica ou que tiveram a biografia de professores como objeto investigativo, se concentraram no PPGEDU/UFMS sob a orientação da professora Dra. Jacira Helena do Vale Pereira, e no PPGEDU/UEMS campus de Paranaíba, com estudos orientados pelo professor Dr. Ademilson Batista Paes. Portanto, as pesquisas que tomaram como fio condutor as trajetórias e memórias docentes, seja percurso formativo ou atuação profissional, mas que não privilegiaram a biografia e/ou a (auto) biografia como objeto, se destacam os trabalhos de Santos (2021), Silva (2020) e Silva (2013).

No terceiro e último levantamento de pesquisas no estado, com foco para Naviraí/MS, localizei 12 estudos desenvolvidos no município. A maioria deles produzidos

no PPGEDU/UFGD, os quais foram sendo identificados e separados, ainda no momento da busca para o segundo estado do conhecimento. Acredito que a concentração dos estudos elaborados em Naviraí/MS se darem no PPGEDU/UFGD, deve-se ao fato de o referido município estar próximo a Dourados/MS facilitando o acesso dos pesquisadores aos cursos de Pós-Graduação *Strict Sensu*.

Os trabalhos estão ligados à área da *História, políticas e gestão da educação, Ensino e processos formativos*, distribuídos entre as linhas de pesquisas da seguinte forma no PPGEDU/UFGD: 7 trabalhos na História da Educação; 2 na Políticas e Gestão da Educação; 1 na Educação e Diversidade; 1 estudo no PPGH/UFGD na História, Região e Identidades; e 1 no PPPEPF/UNESP, campus de Ilha Solteira, na área da Educação Matemática. O Gráfico 2, a seguir, permite perceber a relação dos objetos de análise dos estudos encontrados.

Gráfico 2 – Relação dos objetos de estudos nos trabalhos de Naviraí/MS



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2021).

É perceptível um número significativo de pesquisas em Naviraí, com diferentes áreas de investigação, sobressaindo-se os trabalhos ligados à História da Educação. Todavia, observei que nenhum trabalho abordou a biografia como abordagem nem objeto de análise, muito menos trajetórias de mulheres professoras.

Após todo esse exame bibliográfico realizado nos três estados do conhecimento, constatei que a maioria dos trabalhos verificados utilizaram a abordagem biográfica

atrelada à metodologia da história oral e documental, incluindo a consulta a arquivos públicos e pessoais, buscaram por meio das fontes operadas evidenciar as histórias de vida dos sujeitos e suas experiências vividas nos múltiplos espaços e lugares ocupados durante a carreira profissional.

Dessa forma, esta tese se mostrou promissora e tem avançado no sentido de contribuir com o campo da História da Educação em Mato Grosso do Sul e na área da biografia de mulheres professoras no interior do estado, buscando “[...] a ressignificação da experiência no ato de narrar a própria vida” (PASSEGGI, 2011, p. 148), a própria história, o que confere ao estudo um grau de ineditismo pela inexistência de trabalhos com essa abordagem e temática no município de Naviraí. Contudo, o estudo partiu da compreensão da trajetória da professora Cleuza e suas particularidades percebendo o sentido que ela conduziu suas ações, ao longo de sua atuação nos múltiplos espaços por ela ocupados, e não a sua totalidade.

A relevância social da pesquisa consiste em colaborar com a escrita e divulgação da História da Educação no sul do estado, mais precisamente de Naviraí, por meio da trajetória profissional da professora Cleuza e os documentos de seu arquivo pessoal – aqueles que forem doados pela guardiã para a pesquisa serão encaminhados para o acervo⁶ da UFMS campus de Naviraí.

A problematização central do estudo está ligada à ideia de que a professora Cleuza seguiu seu caminho perpassando todos os espaços públicos, com o intuito de contribuir com o povo naviraiense, tanto na educação, como na Assistência Social, pelo fato de ser uma pessoa fortemente religiosa e que, por vezes, se sentia, quem sabe, no dever de ajudar a comunidade a crescer, bem como contribuir na resolução de problemas sociais e educacionais da cidade.

Assim sendo, nesta pesquisa procurei estabelecer a tese de que a trajetória profissional e de vida da professora Cleuza Campos Marques da Silva, bem como os documentos arquivados por ela ajudam a compreender parte do cenário histórico da educação e formação docente em Naviraí, tornando-a uma personagem central nessa conjuntura, e como ela foi se constituindo nesse papel, nos múltiplos espaços que ocupou e ajudou a formar. E ainda indica que a história do povo naviraiense e sua educação, têm

⁶ O acervo faz parte do projeto de extensão intitulado: História e Memória: acervo e ordenação de fontes em Naviraí e região que visa a identificar, catalogar e organizar fontes documentais, a fim de contribuir com investigações futuras, sob a responsabilidade das professoras Dra. Larissa Wayhs Trein Montiel e Dra. Vivianny Bessão de Assis.

sido construídas num processo de mudanças permeado por esforços coletivos com diferentes ideais, seguindo modelos educacionais trazidos pelos imigrantes que se instalaram no município, os quais foram estruturados e delineados conforme as necessidades e os interesses dos envolvidos com a educação de Naviraí.

Diante disso, a pesquisa foi estruturada tendo uma apresentação e cinco seções temáticas, em que começo a discussão pela vida privada da professora Cleuza e, por conseguinte, o diálogo a respeito de sua vida pública. No entanto, a partir dos pressupostos de Nóvoa (2000) considero que ao trabalhar com histórias de vida de professores entendemos o indivíduo, no todo, e não de modo separado, e entendo que a vida privada e a vida pública acontecem e vão se constituindo ao mesmo tempo ao longo da existência e trajeto do indivíduo.

Contudo, cabe esclarecer que a pesquisa seguiu a organização trazendo, primeiramente, os acontecimentos da vida privada e/ou pessoal da professora Cleuza para depois adentrar nos contextos de sua vida pública para melhor estruturação das fontes coletadas e das análises feitas. Trata-se, neste caso, apenas da arquitetura da tese. Desta forma, a pesquisa foi organizada da seguinte maneira:

Apresentação intitulada **TORNAR-SE PESQUISADORA: traços de uma vida** – aponta aspectos da vida da acadêmica da pesquisadora, apresentação e justificativa do objeto de pesquisa.

Capítulo 1. REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS: começando a viagem – contempla os elementos essenciais da pesquisa como tema, objeto, objetivos, problemáticas, abordagem e metodologia adotada, bem como o referencial teórico e relevância social e científica.

Capítulo 2. A PROFESSORA CLEUZA CAMPOS MARQUES DA SILVA – contempla duas subseções que apresentam e discutem acerca da abordagem biográfica e o arquivo pessoal da professora Cleuza, bem como as fontes catalogadas.

2.1. A biografia como aporte teórico e metodológico – esta subseção apresenta a professora Cleuza e aborda sobre aspectos teórico-metodológicos da abordagem biográfica.

2.2. O arquivo pessoal: momento de empiria e descobertas – discute o percurso metodológico da pesquisa enfatizando os cinco *momentos de empiria e descobertas* realizados, tanto na busca da documentação no arquivo pessoal da professora Cleuza, como para a organização das fontes coletadas.

Capítulo 3. FAMÍLIA, INFÂNCIA E ESCOLA – constitui-se de três subseções que tratam sobre a infância, as vivências da professora Cleuza em família e suas memórias de escolarização e demais episódios de sua vida.

3.1 Infância e vida em família – narra as memórias de infância e demais episódios da vida da professora Cleuza em família.

3.2 Memórias de escolarização e demais episódios da vida da professora Cleuza - aborda suas memórias da escola e demais episódios da vida pessoal, como: as primeiras experiências de trabalho ainda na adolescência e aspectos do seu casamento.

3.3 A mudança para o município de Naviraí - MT/MS – discorre sobre a chegada da professora Cleuza ao município e mostra como ela foi se instalando em Naviraí com sua família e se envolvendo e interagindo com os grupos de pessoas que já existiam no local.

Capítulo 4. TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO DE NAVIRAÍ - MT/MS – é formado por três subseções que abordam elementos sobre a história da educação de Naviraí, e discorre acerca da formação da professora Cleuza e sua atuação nos diferentes espaços da educação escolar e na Gerência geral da prefeitura do município.

4.1. Elementos históricos da educação de Naviraí – MT/MS – apresenta aspectos da história da educação naviraiense apontando as primeiras escolas e os principais envolvidos com o desenvolvimento educacional.

4.1.1. Constituindo-se professora: formação, docência e atuação – discorre analisa o processo formativo da professora Cleuza e também discute a atuação dela na sala de aula e nos demais espaços educacionais como: na coordenação e gestão escolar, na coordenação de cursos de formação de professores no município.

4.1.2. Atuação na Gerência Municipal de Educação Escolar – traz a movimentação da professora Cleuza no cargo de gestora da educação e o trabalho realizado em prol da educação naviraiense.

4.1.3. Atuação na Gerência geral da prefeitura de Naviraí – MT/MS – contextualiza o trabalho feito pela professora enquanto gestora de todos os setores municipais.

Capítulo 5. DIFERENTES ESPAÇOS DE ATUAÇÃO E DE SOCIABILIDADES – o último capítulo é composto por duas subseções que tem o intuito de evidenciar a atuação da professora Cleuza nos diferentes espaços de sociabilidades, principalmente ligados à Igreja Católica e a Assistência Social de Naviraí e também apresentar os destaques alcançados por ela ao longo de sua trajetória profissional.

5.1. Inserção em espaços de sociabilidades: Igreja Católica e Assistência Social

- visa analisar o trabalho realizado pela professora na área da Assistência Social, na Igreja Católica e demais instituições filantrópicas educativas da cidade, a fim de apreender tais relações e atividades desenvolvidas.

5.2. Destaques da professora durante sua trajetória profissional - consiste em dialogar sobre as premiações conquistadas durante a sua carreira.

E por fim constam as **Considerações finais**, em que retomo as principais questões que repercutiram e nortearam todo o processo investigativo da pesquisa e sinalizo os construtos da tese deste estudo, e situo os apêndices que constituem o trabalho.

2. A PROFESSORA CLEUZA CAMPOS MARQUES DA SILVA

É o olhar que faz a história.
No coração de qualquer relato histórico,
a vontade de saber.
Michelle Perrot (2005, p. 14)

Com esta epígrafe de Michelle Perrot – historiadora francesa considerada uma referência na área da história das mulheres, por seus estudos acerca do tema, principalmente com sua obra *As mulheres ou os silêncios da história* (2005) –, abro este capítulo. Ao longo da pesquisa procurei olhar a trajetória da professora Cleuza Campos Marques da Silva no âmbito privado e público de sua vida, a fim de saber parte da história da educação de Naviraí, bem como os lugares figuracionais por ela ocupados no decorrer de sua jornada profissional, e as relações interdependentes e de poder vivenciadas, à luz de toda a documentação que produziu e guardou em seu arquivo pessoal.

O capítulo 2 desta pesquisa foi organizado em duas subdivisões em que é trabalhado a vida privada da professora Cleuza, trazendo alguns episódios que tratam das suas memórias de infância e de escolarização, sua família, o casamento, a chegada ao município de Naviraí, e o seu arquivo pessoal. Discorro sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa e enfatizo os cinco *momentos de empiria e descobertas* realizados na construção desta tese. Portanto, acredito que a vida privada é entrelaçada com a vida pública e juntas formam a pessoa como é, viveu e vive no meio social. Neste sentido, recorro a Norbert Elias (1995, p. 13) na obra *Mozart: a sociologia de um gênio*:

[...] para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. [...]. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida.

E foi, a partir desse entendimento, que segui me aventurando pelo mundo desta tese, viajando pela história da professora Cleuza e pela história da educação naviraiense.

2.1. A biografia como aporte teórico e metodológico

Sou uma sonhadora.
Professora Cleuza (2021, informação verbal).

A epígrafe: “sou uma sonhadora”, refere-se a um trecho da transcrição da entrevista feita com a professora Cleuza no ano de 2021. Sonhar e realizar eram especificidades centrais na vida e na trajetória profissional da professora, como ela mesma declarou quando ia lembrando os desafios que se colocava com a esperança de alcançar seus ideais, e a documentação de seu arquivo pessoal também tem revelado tais aspectos. E como enfatiza Bosi (1994, p. 29) “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar”.

A foto abaixo mostra a professora Cleuza em uma de suas ações na Gerência Geral da prefeitura. Ela não recordou exatamente a ocasião em que estava, porém destacou que era uma atividade da referida gerência.

Figura 1 – Professora Cleuza



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2023).

Cleuza Campos Marques da Silva nasceu em 28 de agosto de 1950 em Parapuã, estado de São Paulo. É descendente de italianos e filha mais velha de seis irmãos, sendo

três mulheres e três homens. Atualmente com 73 anos de idade, se encontra aposentada e viúva – seu esposo faleceu no ano de 2016 acometido pela doença cirrose. O casal teve dois filhos, e hoje a professora Cleuza vive no município de Naviraí ao lado dos filhos e os três netos.

A professora Cleuza possui magistério completo e formação em Pedagogia, além de especializações na área da educação, supervisão, entre outras. Ingressou na carreira docente em 1971, percorreu múltiplos espaços e cargos públicos administrativos da educação escolar do município até à aposentadoria no ano de 2008, após 37 anos de trabalho. Durante sua trajetória profissional se dividia também ocupando outros lugares tais como o familiar, sendo esposa e mãe, e ainda atuava no Clube de Mães, do qual foi sócio-fundadora, grupo da Assistência Social, Lar das Crianças, Lions Clube, orientação a famílias, grupo de cursilhistas da Renovação Carismática da Igreja Católica de Naviraí.

Neste sentido, a pesquisa biográfica é uma abordagem que “[...] permite compreender de um modo global e dinâmico as interações que foram acontecendo entre as diversas dimensões de uma vida. Só a história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo, ela própria, se transforma” (MOITA, 2000, p. 116). Destarte, entendo que falar sobre particularidades de vida profissional e também pessoal não é tarefa simples, também não significa dizer que a investigação deve ser conduzida de modo linear, mas sim preocupando-se em trazer aspectos que ajudem a refletir sobre os objetivos, as experiências dos indivíduos construídas ao longo de suas vidas, e o que tudo isso têm contribuído em cada tempo e lugares pertencidos.

E por transitar por várias temporalidades da vida do indivíduo, não é possível na pesquisa biográfica seguir uma linearidade cronológica, como ensina Sá Avelar (2011). E o interesse por essas particularidades “[...] se justifica não por sua personalidade ou vida, mas pelo que ele concentra de características coletivamente partilhadas” (SÁ AVELAR, 2011, p. 142). Portanto, procurei traduzir na tese não a vida e obra de Cleuza em sua essência e totalidade, pois isso seria impossível de ser traduzido em uma obra, mas sim as experiências e práticas que marcaram a sua história e memória na vida profissional e pessoal.

Deste modo, tomo nota, a partir de Norbert Elias (2001) em sua obra *Elias por ele mesmo*, em que foi produzida a entrevista biográfica concedida a A. J. Heerma Van Voss e A. Van Stolk – publicada pela primeira vez em 1990 sobre a trajetória de Elias desde a infância em Breslau, na Alemanha, até a sua permanência em Amsterdã –, a qual relatava

sobre o contexto de filho único e a perda de seus pais pelas forças nazistas. E atrelado a isso, é enfatizada sua jornada acadêmica até seu desenvolvimento intelectual.

Contudo, a história de Elias (2001) tem me ajudado a compreender a biografia como uma composição de uma vida que parte do singular, em suas especificidades, e atravessa uma série de fatores e vivências durante a sua existência, e assim o indivíduo constrói e reconstrói sua história, por meio das experiências que vive, das relações coletivas estabelecidas, enquanto um ser social e histórico no processo de constituição da própria vida. Atrelado a essa ideia, os autores Fialho, Santos e Sales (2019, p. 19), no artigo “Pesquisas biográficas na História da Educação”, enfatizam que

[...] a biografia de um sujeito, no entanto, retrata muito mais que uma vida privada e alheia à coletividade, porque, enquanto ser social, o indivíduo interfere no seu contexto assim como é influenciado pela conjuntura social em que se insere. Assim, um estudo biográfico, permite o despertar de reflexões acerca de um conjunto de fatores de cunho social, econômico e político, que delineiam o contexto do biografado.

Logo, quem decide estudar uma biografia ou fragmentos dela decide então contar sobre o outro, a respeito das temporalidades, as derrotas ou vitórias que passam pela vida e sua trajetória, assim “[...] nosso gosto pela biografia ancora-se num extenso leque de interesses pelo ‘outro’, por suas experiências de vida, sua exemplaridade [...]” (SÁ AVELAR, 2011, p. 138). Em vista disso, Mari Del Priore (2009, p. 10), afirma que “na vida de um indivíduo, convergem fatos e forças sociais, assim como o indivíduo, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence”, ou pertenceu. É o que tenho feito ao analisar a trajetória profissional e de vida da professora Cleuza. Assim, “uma boa biografia deve ser capaz de passar do particular ao geral, do específico ao problema global, pois o que se pretende é privilegiar o enfoque social e integrador” (SÁ AVELAR, 2011, p. 142), em que viveram as pessoas.

Nesta direção, Priore (2009, p. 7) coloca que a biografia “[...] é uma das primeiras formas de história”, e cada vez mais os historiadores focam nessa linha biográfica e, portanto, a moda da biografia histórica, segundo a referida autora, é recente, tendo resultado até meados do século XX, sem ser necessariamente de todo ignorada: era mais entendida como um gênero antigo, tradicional e obsoleto por uma linhagem devotada a abordagens quantitativas e economicistas. Ao longo dos séculos, a biografia foi se firmando emergindo maneiras de viver e de conceber o destino do homem no mundo. E escrever sobre a vida tornou-se moda (PRIORE, 2009).

Deste modo, com a evolução da biografia ao longo da história, cabe destacar que no século XIX essa abordagem ganhou ênfase na elaboração da ideia de nação, eternizando heróis e monarcas, fortalecendo uma herança de signos construídos de fundadores primitivos, monumentos, locais de memória, costumes populares, entre outros. Tais pressupostos foram retomados por ideias positivistas, que afirmam uma “[...] exaltação das glórias nacionais, no cenário de uma história que embelezava o acontecimento, “o fato” (PRIORE, 2009, p. 8). Portanto, surgiram contradições de pensamento acerca da biografia histórica, o que levou a história se separar da literatura, e

[...] a história tornou-se uma disciplina e monopólio de acadêmicos. Primeiro, sob as bordoadas dos positivistas da *Neue Historische Schule* de Leopold Von Ranke, cujas repercussões logo se fizeram sentir entre belgas e franceses. A seguir, e de maneira decisiva sob a influência irradiadora da Escola dos *Annales*, animada por Lucien Fébvre e Marc Bloch, no início do século XX. Foi o momento do eclipse da narrativa, enterrado junto com a história factual. Ao minimizar a história política, diplomática, militar ou eclesiástica que evidenciava o indivíduo e o fato, a Nova História, nascida dos *Annales* nos anos 60, optou por privilegiar o ‘fato social total’ em todas as suas dimensões econômicas, sociais, culturais e espirituais. (PRIORE, 2009, p. 8).

Desta forma, seguindo os pensamentos da autora mencionada, vale dizer que com a história social e a influência marxista⁷, na metade do século XX, a história biográfica continuou em segundo plano. Neste sentido, o fim da rejeição à biografia histórica veio aparecer nos anos de 1970 e 1980⁸ com a idade hermenêutica propagada pelo historiador François Dosse, sendo associada, principalmente, à singularidade individual, à análise sobre as heterogeneidades, às várias identificações dos indivíduos durante a sua trajetória, que não são mais lineares e centralizadas, mas vistas a partir de reflexão sobre as heterogeneidades, das identificações diversas dos sujeitos no decorrer de sua trajetória, de modo a apresentar reentrâncias e singularidades (DOSSE, 2009).

François Dosse (2009, p. 252) afirma que esse momento foi o ressurgir “[...] do sujeito após um longo eclipse ao peso das estruturas”. De acordo com esse autor, a idade hermenêutica se define como “[...] variação do enfoque analítico, pela mudança constante da escala, que permite chegar a significados diferentes com respeito às figuras biografadas” (DOSSE, 2009, p. 359). Deste modo, a unidade do passado tornou a ser enxergada pelas

⁷ O marxismo priorizava as questões macro e não as singularidades dos sujeitos de modo isolado, o que fez a biografia estar em segundo plano.

⁸ Assim, as ciências humanas, em geral, e os historiadores, em particular, redescobrem as virtudes de um gênero que a razão gostaria de ignorar. A biografia passa a ser reivindicada pela musa da história. Derrubado o muro, assistimos a uma verdadeira exploração biográfica que se apossa dos autores do público num acesso de febre coletiva que dura até hoje. Podemos datar a mudança de rumo, no ano de 1985. (DOSSE, 2009).

singularidades subjetivas, não estando mais a escrita biográfica preterida ao cronológico como se fatos fossem pensados em uma linha reta.

Segundo Priore (2009), com o término dos pensamentos marxistas e deterministas, que dominaram por décadas a construção historiográfica, atores e suas circunstâncias passaram a ter espaço. Foi uma transformação de paradigmas. A interpretação histórica deixou o interesse então pelas estruturas, para focar as análises acerca dos indivíduos, seus desejos, intimidações e representações que pesavam sobre suas condutas.

O indivíduo e suas ações situavam-se em sua relação com o ambiente social ou psicológico, sua educação, experiência profissional etc. O historiador deveria focar naquilo que os condicionava a fim de fazer reviver um mundo perdido e longínquo. Esta história “vista de baixo” dava as costas à história dos grandes homens, motores das decisões, analisadas de acordo com suas consequências e resultados, como a que se fazia no século XIX. (PRIORE, 2009, p. 9).

Neste viés, a Micro-História ganhou espaço, afirmando a legitimidade,

[...] do “fatiamento da história” posto em cena pela Nova História, porém preocupada com a problematização mais nítida do objeto de investigação, especialmente quanto às hierarquias e conflitos sociais, a Micro-História trouxe à luz importantes biografias extraídas desta nova prática historiográfica. (PRIORE, 2009, p. 10).

Sem deixar de levar em consideração as estruturas estabelecidas pela História Geral que, por um lado, foca em uma compreensão ampla das grandes estruturas e mudanças históricas, por outro lado, a Micro-História procura focalizar objetos bem específicos para apresentar novas realidades, e concentra-se em casos precisos para revelar aspectos ocultos da vida cotidiana, crenças e práticas culturais. Ambas as abordagens complementares, fornecem diferentes perspectivas para o estudo e a compreensão da história.

A proposta é que o historiador desenvolvesse uma delimitação temática específica em questão de temporalidade e de espaço para conseguir identificar realidades que não são retratadas pela História Geral. Logo, o percurso de sua legitimação trouxe à tona personagens que provavelmente “[...] não figurariam num relato biográfico tradicional” (SÁ AVELAR, 2011, p. 145). O historiador italiano Carlos Ginzburg é um dos representantes dessa abordagem investigativa com ênfase para o seu clássico *O queijo e os vermes* publicado em 1976.

No entanto, surgem, em meados dos anos 1980, debates entre historiadores e sociólogos, o que ajudou elevar a biografia. Nesse tempo, Pierre Bourdieu ascendeu a

chama do fogo da polêmica com seu texto *A ilusão biográfica* publicado a primeira vez em 1986. Para Bourdieu (2006) a biografia era uma ilusão, não tinha significado algum para os historiadores, porque não haveria a preocupação com a verdade dos fatos, desta forma, a subjetividade de biografias históricas seriam capazes apenas de reconstruir a vida de modo artificial, logo, para Bourdieu (2006, p. 183) “a história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram, de contrabando, no universo científico, inicialmente, sem muito alarde, entre etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos”.

O referido autor chamou atenção dos historiadores e sociólogos levando-os a refletirem sobre a biografia, por meio de uma nova ótica, o que levou o sociólogo Franco Ferrarotti, em contrapartida a isso, apresentar o estudo sobre autonomia do método biográfico que, segundo Passeggi (2014), essas duas tendências diferentes, uma pensada por Bourdieu e outra por Ferrotti resultou em duas proposições: uma com “[...] suspeição sobre as histórias de vida como fonte e objeto de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais e a outra que defende sua legitimidade, suas potencialidades políticas e sua fecundidade para suas diferentes disciplinas” (PASSEGGI, 2014, p. 24), e em pesquisas, no caso de Ferrotti.

Diante das tensões acontecidas, ocorre uma volta do gênero biográfico, e essa reabilitação da biografia histórica integrou as aquisições da história social e cultural, ofertando aos diversos atores históricos uma relevância diferente e individual. Entretanto, não se destinava mais fazer apenas a história de grandes personagens, de modo hagiográfico – quase uma vida de santo – sem problemas nem máculas, mas verificar “[...] os atores (ou o ator) célebres ou não, como testemunhas, como reflexos, como reveladores de uma época. A biografia não era mais a de um indivíduo isolado, mas, a história de uma época vista através de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos” (PRIORE, 2009, p. 9).

Nessas circunstâncias, a biografia acabou por desfazer a ideia de oposição entre indivíduo e sociedade, o que tem levado à reflexão de que o indivíduo não se forma, não vive só, mas sim na teia de suas múltiplas relações na sociedade. Isso vai ao encontro do pensamento eliasiano explicitado na obra *A sociedade dos indivíduos*, que defende a ideia de que o indivíduo vive em redes de sociabilidades diversas e interdependentes durante sua existência. Os próprios indivíduos formam a sociedade e “nenhum dos dois existe sem o outro” (ELIAS, 1994a, p. 16).

Logo, lançar mão para decodificar a participação da professora Cleuza nos múltiplos espaços ocupados por ela, em sua comunidade, exigiu um olhar para a sua vida

pessoal, a fim de identificar quem foi essa mulher professora, quais foram suas escolhas, motivações, os grupos em que atuou e as relações de dependência e de poder no cerne das figurações interdependentes que viveu e estabeleceu ao longo de seu trajeto. Entretanto, todo percurso profissional e de vida é construído dentro de um contexto. Desta maneira, parti nesta pesquisa, seguindo a viagem pela vida da professora Cleuza, olhando para os traços de sua história profissional e de vida, dentro do contexto educacional e social que ocupou durante a sua carreira para entender, tanto sua trajetória, como os indícios da história da educação de Naviraí.

Nesta perspectiva, compreender as experiências da professora em tela e discernir como ela se movimentou em suas relações nos diversos contextos de sua vida e atuação, destaco nas seções subsequentes o arquivo pessoal da professora Cleuza e, por conseguinte, sigo as pistas de sua história pessoal até chegar à trajetória profissional.

2.2. O arquivo pessoal: momento de empiria e descobertas

... a importância de uma coisa não se mede com fita métrica.
Nem com balança e nem com barômetro. A importância de uma coisa
há que ser medida pelo encantamento, que a coisa produza em nós.
Manoel de Barros (2006, p. 23)

Um arquivo não é algo que se meça com uma linha ou uma fita métrica. A grandeza de um arquivo pode ser medida pelas peças raras, que há dentro dele, ou como diria Manoel de Barros (2006): podemos medir as coisas pelo encantamento que elas geram em nós. Esse envolvimento com o arquivo pessoal da professora Cleuza tem me permitido o contato direto com o baú de seus tesouros, o qual procurei selecionar as peças, no sentido de dialogar para além do encantamento, pois nelas estão muitos enigmas para serem conhecidos e discutidos.

O início da consulta às pastas repletas de documentos compostas por papéis, fotos, jornais, certificados, e outros, me permitiram pensar em possibilidades de análise que poderiam ser feitas durante a pesquisa, e ao mesmo tempo, a dúvida sobre o que cada documento revelaria, e se realmente o que se buscava também estava ali, escondido em meio a tantas folhas. Trabalhar com essas relíquias, como diz Cunha (2017), é uma grande responsabilidade pois documentos de arquivos são fontes insubstituíveis pelo fato de serem únicas, logo a coleta e manuseio devem ser feitos de modo cauteloso, a fim de preservá-los (BACELLAR, 2005).

Nessa direção, Bellotto (2002, p. 9), coloca que “os documentos dos arquivos representam fontes fidedignas, únicas, e se adequadamente compreendido o seu contexto de produção, podem fornecer fatos, situações e ações”. Eis a importância de conhecer as características internas e externas dos documentos, do indagar sobre as fontes procurando saber os motivos pelos quais foram criadas e a quem serviram. Bellotto (2004) ainda acrescenta que os documentos de arquivos só têm sentido se forem contextualizados no meio em que foram produzidos. Deste modo, considero o arquivo pessoal como um lugar de memória, intencionalmente produzido com intuito de guardar e rememorar as facetas do passado, aquilo que marcou de alguma forma e que vale a pena ser lembrado.

E todo arquivo é fruto de poder por guardar memórias de relações de poder que envolveu não só a vida do dono do arquivo, mas as pessoas que fizeram parte da vida dele em algum momento de sua história. São vidas particulares constituídas coletivamente segundo Elias (1994b), em diferentes tempos e lugares que revelam práticas e permitem apreender saberes, crenças e valores.

Assim, “os arquivos pessoais sinalizam para traços sobre a história do indivíduo e, ao mesmo tempo, das redes em que se inscrevem e das inter-relações estabelecidas em seu fazer-se” (CUNHA; ANDRADE, 2020, p. 88). E estudar arquivos pessoais é uma aventura que nem sempre sabe-se até aonde iremos chegar, e significa aceitar sentir um turbilhão de sensações, “[...] pois os documentos de hoje são frutos de escolhas, seleções e organização de ontem, são janelas que possibilitam espiar lances de histórias de vidas, dimensões entre indivíduo e sociedade em suas relações tão diversificadas” (WASCHINEWSKI, 2020, p. 55).

Nessa perspectiva, como transformar objetos e documentos de um arquivo pessoal em fonte para a pesquisa em História da Educação? Acredito que todo material produzido num contexto e tempo histórico, é passível de investigação, e pode se tornar fonte de estudos, desde que a visão do pesquisador esteja focada na essência dos documentos e trabalhe procurando desvendar enigmas escondidos por trás de cada fonte. Prado (2010, p. 124), corrobora tal afirmação, ao colocar que o pesquisador poderá “[...] direcionar-se a outros tipos de documentos e fontes que contribuam para a reconstituição de seus dados. A busca por indícios no entorno do contexto é parte implícita a uma pesquisa em história da educação”.

Por esse caminho iniciei a coleta dos documentos no arquivo pessoal da professora Cleuza. Tal coleta foi sendo feita, a partir do recebimento das fontes, na medida em que a professora ia disponibilizando para a pesquisa. Embora o acesso a uma parte do arquivo

pessoal da docente já tenha acontecido, desde a pesquisa do mestrado, o processo de vasculhar e rastrear o conjunto documental de seu arquivo foi desafiador, porque imaginei o que poderia encontrar e acabei me deparando com muitas surpresas, na medida em que segui escarafunchando o arquivo.

Neste sentido, “a paciência é arma básica do pesquisador em arquivos: paciência para descobrir os documentos que deseja, e paciência para passar semanas, quando não meses ou anos, trabalhando na tarefa de cuidadosa leitura e transcrição das informações encontradas” (BACELLAR, 2008, p. 53).

A coleta da documentação no arquivo pessoal da professora Cleuza, assim como os procedimentos metodológicos seguiram em cinco momentos, que nomeei como “momentos de empiria e descobertas”. Esse nome foi dado por acreditar que o espaço empírico é um lugar de descobrimento, de exploração, tal como de experiência e elaboração de problemáticas, análises e conhecimentos. Além disso, quando o todo é dividido em partes torna possível ser realizado com mais clareza do caminho necessário a percorrer para chegar ao destino desejado.

Os cinco momentos foram ordenados como segue:

1º momento de empiria: consistiu na fase da primeira visita à casa da professora Cleuza, momento em que foi feito o convite e apresentada a pesquisa. Isso ocorreu no final de outubro de 2020. A professora ficou de pensar se aceitaria participar da pesquisa. Foram quase dois meses de inquietações e preocupações até ter a resposta definitiva da professora, em meados de dezembro desse mesmo ano.

2º momento de empiria: no ano de 2021 já estava tudo certo para que a pesquisa começasse: o contato com a professora se firmou, e o aplicativo WhatsApp foi um grande aliado nesse processo. O estudo, as leituras acerca do tema e o objeto, assim como com o estado do conhecimento no âmbito, nacional, estadual e local já estavam definidos. Feita essa parte, e passados alguns meses, marquei novo encontro com a professora Cleuza para a realização de uma entrevista.

O referido encontro aconteceu no mês de maio de 2021. A entrevista teve duração de duas horas e quarenta e dois minutos. Gravei por uma hora e dezoito minutos, foi dado pausa para um café, depois seguimos o diálogo por mais uma hora e vinte e quatro minutos. Foi uma tarde longa e emocionante de rememoração, ora de muitas lembranças que pareciam estar bem vivas na mente e no coração da entrevistada, ora por esquecimento que também pairava, sobre o ar. Desta forma, percebo que a história oral é uma arte da escuta, como bem descreve Alessandro Portelli (2016):

[...] a história oral é uma arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações: 1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo); 2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória); 3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história - entre, digamos, a História e as histórias; 4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador. (PORTELLI, 2016, p. 12).

Neste sentido, vale acrescentar a importância da narrativa biográfica, a qual concebe uma dinâmica relacional entre entrevistador e entrevistado instituindo um momento de investigação e de conhecimento pressupondo uma ação de interdependência e de colaboração entre as partes (DELORY-MOMBERGER, 2016).

No ano de 2017, a professora Cleuza sofreu um acidente vascular cerebral – AVC, que, segundo ela, afetou o seu cérebro e, de certa forma, a deixou debilitada para acessar todas as memórias e experiências vividas. Portanto, mencionou que, mesmo assim, muita coisa ainda estava guardada em sua mente. Frente a essa questão, vale adicionar que lembrança e esquecimento fazem parte da memória. E Portelli (2016, p. 47) corrobora com essa ideia ao adicionar que “[...] o esquecimento é parte necessária da memória”. Nesta mesma direção Ricouer (2007, p. 448) coloca que o esquecimento está ligado à memória, e “o esquecimento designa então o caráter *despercebido* da perseverança da lembrança, sua subtração à vigilância da consciência”.

Deste modo, após a entrevista, a professora Cleuza me apresentou o quarto onde estavam inúmeros documentos, fotos e medalhas – todos dispostos sobre uma cama –, e disse que já os havia organizado e que poderia ser usado o que fosse necessário para a pesquisa. Importante frisar que no primeiro encontro que tivemos, quando fiz o convite para que ela participasse da pesquisa, Cleuza relatou-me que tinha muita coisa guardada em pastas, caixas e que gostaria de saber o que eu precisava para que ela organizasse conforme o meu interesse para a pesquisa.

Então, ela separou pela ordem que sinalizei: nomear documentos da vida pessoal, documentos da trajetória na educação, e documentos da trajetória na Assistência Social. E na hora, ao ver os materiais, meu coração acelerou, abri um sorriso e meus olhos devem ter brilhado de tanta alegria ao ver que realmente a pesquisa poderia acontecer. Foram levadas algumas fotos, uma pasta preta recheada de papéis, e as medalhas. Portanto, ao verificar a forma pela qual tive acesso às fontes do arquivo da professora Cleuza, mesmo eu sinalizando qual o interesse nas fontes, conforme os objetivos da pesquisa, cabe pensar que

nessa separação de documentos, ela selecionou seus melhores contextos para serem analisados no estudo e o que ela gostaria que fosse apresentado.

Nessa direção, o biografado escolhe o que quer dar ênfase em sua história. No entanto, como pesquisadores nós temos o controle do que temos acesso a partir do que os donos dos arquivos nos permitem usar. E deste modo, cabe a nós interpretarmos e fazermos as reflexões necessárias, indo para além do que temos e vemos em cada fonte que analisamos.

Por esse motivo, me levo a questionar: será que se eu tivesse tido acesso às documentações diretamente nos órgãos que a professora Cleuza atuou como a Gerência Municipal de Educação, prefeitura, Assistência Social e a própria Igreja Católica, podendo entrecruzá-las com as fontes coletadas em seu arquivo pessoal, eu teria as mesmas problematizações e resultados a que cheguei? O que mais eu teria descoberto sobre sua trajetória e suas relações nesses espaços? Será que ela omitiu ou não algum episódio de sua vida? Quais episódios seriam deixados de lado? Essas indagações têm me acompanhado, nesse processo de análise, e muitas poderiam ser as respostas para elas. Contudo, segui a pesquisa com o que tinha em mãos, procurando entrever aquilo que estivesse além do que as fontes pré-definidas pela biografada representassem.

Após este procedimento, efetivei a transcrição, textualização e transcrição da entrevista, com base nos pressupostos de Meihy (2021, p. 131 e p. 139):

[...] de forma objetiva, *transcrição* equivale à passagem dos enunciados orais para o código escrito o mais próximo possível de como foram emitidos. [...]. A *textualização* se caracteriza pelo reordenamento das ideias emitidas pelo entrevistado, independentemente da ordem que ele as expôs. Para tanto, é importante um reescalonamento das frases, as quais poderão sofrer alterações na exposição textualizada. [...] a *transcrição* se caracteriza pela qualidade textual aperfeiçoada a partir da superação das etapas anteriores, da transcrição e textualização; no entanto, não se diz de aperfeiçoamento como ajeite. Transcrição é mais do que ajeitar: é reimaginar, recriar, refazer. Se fosse tela artística a ser transcrita, seria necessário repintá-la para chegar ao destino visual acabado. Em história oral, a sofisticação apresentada no ato transcritivo não remete o leitor a um texto descaracterizado, tampouco desfigura feições narrativas do colaborador. Ao contrário, procura-se por aprimoramento na recriação para tornar o produto competente no que tange a comunicação de ideias, de pensamentos, de sentimentos.

Ainda nessa fase do estudo, realizei, durante os meses de junho e agosto de 2021, o escaneamento dos documentos adquiridos. Dada a riqueza dos arquivos, em seu conteúdo constam documentos que são instrumentos insubstituíveis, como assegura Belloto (2012),

pelo fato de serem únicos. Uma vez perdidos, se vai também a história e as memórias que eles carregam.

3º Momento de empiria: esta fase foi configurada pela catalogação dos documentos, que foram classificados e divididos em três categorias: a vida pessoal da professora, a trajetória na educação e atuação na Assistência Social e na Igreja Católica foram agrupados em pastas separadas, a fim de facilitar o processo de análise. Separei por tipologias e datas.

Concluí a transcrição da entrevista e retornei à casa da professora Cleuza para entregar a documentação do arquivo pessoal e a transcrição da entrevista com 45 páginas, para que a depoente averiguasse o que foi falado durante a gravação e dar seu aval para a utilização das informações na pesquisa. Foi uma visita rápida somente para entrega dos materiais e combinados para um novo retorno sobre a documentação digitalizada. A catalogação por categorias durou dois meses, de setembro a outubro de 2021.

4º Momento de empiria: nesta etapa foi realizada nova visita à professora Cleuza, para tratar das fontes escaneadas com o intuito de sanar dúvidas acerca das datas e também dos contextos da documentação. Foi mais uma tarde fluída e produtiva.

Impressionei-me ao chegar à casa da guardiã do arquivo pessoal, ao ver a mesa da sala de estar – de madeira enorme! Linda e brilhante, repleta de documentos de toda espécie: quadros, fotografias, caixas, pastas, entre outros que estavam todos à disposição da pesquisa. Separei mais uma pasta e um álbum fotográfico para a catalogação que se constituiu no segundo conjunto documental da pesquisa.

Destaco que havia uma pasta com documentos que pareceu ser de assuntos sigilosos, da qual ela fez menção, porém não deu muita abertura para que fosse manuseada. Como não tive acesso à documentação, certamente sigilosa, essa pasta poderia conter questões muito particulares, das quais não valeria a pena tornar públicas em uma pesquisa acadêmica, evitando assim comprometimentos futuros para a professora Cleuza. Isso mostra mais uma vez que ela nomeou somente aquilo que gostaria que fosse contado. Essa visita aconteceu em novembro de 2021.

5º Momento de empiria: no último momento de empiria, efetuei a catalogação do segundo conjunto documental coletado no arquivo pessoal, citado no momento 4º. O tempo dedicado à separação e organização desse material durou 3 meses, iniciando em março e finalizado em maio de 2022. Esse conjunto documental foi devolvido a professora Cleuza e no percurso também foi realizada uma entrevista com a professora Maria de Lourdes Ribeiro do Nascimento Simões que trabalhou na educação de Naviraí/MS no tempo em que a professora Cleuza esteve à frente da gestão da rede municipal de ensino.

A professora Maria tem formação em magistério, Pedagogia também possui pós-graduação na área. Participou de cursos de capacitação oferecido pela Gerência de educação do município e trabalha na educação desde 1996. Durante esse tempo teve experiência na sala de aula em turmas de ensino fundamental, coordenação pedagógica e atualmente está diretora em uma instituição de educação infantil de Naviraí/MS desde 2008. Professora Maria vivenciou os dois mandatos de gestão da professora Cleuza na Gerência municipal de educação e também tem participado de ações em uma instituição filantrópica da qual Cleuza foi fundadora.

No entanto, após a qualificação ocorrida no dia 10 de julho de 2023, as professoras da banca examinadora sugeriram que eu não usasse a entrevista feita com a professora Maria de Lourdes na pesquisa, nem realizasse outra que estava prevista para acontecer no mês de agosto com umas das gerentes da Assistência Social que trabalhou no tempo de atuação da professora Cleuza nessa área. As professoras examinadoras mencionaram que eu poderia trabalhar somente com os dados e documentações da professora Cleuza, para que fosse possível realizar as análises necessárias, dentro do tempo disponível, e a data de defesa da pesquisa. Desta maneira, a partir das sugestões recebidas retornei à casa da professora Cleuza para coletar as últimas informações, bem como fontes documentais para melhor fechar a pesquisa. Assim, coletei mais 10 fotos sobre a vida privada e pública da professora. Das dez fontes visuais catalogadas, foram usadas três na análise do estudo.

Foram seguidos todos os procedimentos de pesquisa acadêmica, e os nomes reais das colaboradoras foram usados conforme o consentimento dado. Deste modo, ressalto que a entrevista feita com a professora Cleuza, foi transcrita e textualizada, a fim de manter a coerência verbal e compreensão assertiva dos fatos narrados pela entrevistada.

Depois de todo esse processo, a escrita e análise da pesquisa foi se desencadeando. E deste modo, optei em organizar os conjuntos documentais, elencando as fontes separando-as nas três categorias, agrupando documentos da vida privada de Cleuza – documentos pessoais; da vida pública – documentos da trajetória na educação; e documentos da atuação na Assistência Social e Igreja Católica.

Primeiramente, foi realizada a digitalização de todos os documentos e a separação das fontes de acordo com as categorias elencadas, as quais foram armazenadas em pastas. Em seguida foi feita a descrição de cada documento e cronologia e, posteriormente a seleção quantitativa e a tipologia de todo o material. Foi um verdadeiro ‘cotejo de fontes’ (ANJOS, 2018) e neste sentido, ordenei as peças coletadas no arquivo pessoal da professora

Cleuza e selecionei 116 peças documentais que foram organizadas conforme as tabelas a seguir.

Tabela 1 – Documentos da vida privada

Tipologia	Quantidade	Ano
1º Conjunto documental		
Ficha de batismo (nascimento)	1 peça	1950
Certidão de casamento	1 peça	1971
Carta	5 peças	(1 de 1997, demais sem data)
Foto	9 peças	Sem data
Total	10 peças	
2º Conjunto documental		
Carta	1	2005
Carta	1	2008
Carta	1	2008
Carta	1	Sem data
Total	10 peças	

Fonte: Arquivo pessoal de Cleuza Campos Marques da Silva. Elaborado pela autora (2021).

Existe na maioria das pessoas um desejo de preservar seus pertences e manter coisas para lembrar acontecimentos marcantes, sejam fotos, diários, cartas, registros, objetos, buscando “[...] salvaguardar-se do esquecimento, conservar o que, quase sempre, se extravie na vertigem do tempo, daí certa compulsão pelo que se chamou de *arquivamento do eu*” (CUNHA, 2008, p. 111-112).

O termo “arquivamento do eu” é originado no texto “Arquivar a própria vida” do historiador francês Philippe Artières (1998). Nele, o autor investiga as maneiras de arquivamento do eu, que a pessoa ao guardar seus registros e materiais, sejam eles diários, cartas, telegramas, fotos etc., dá ênfase à sua intenção autobiográfica, ou seja, “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÉRES, 1998, p. 3). Ao guardar seus pertences o sujeito acaba testemunhando a sua trajetória de vida.

O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano.

(ARTIÈRES, 1998, p. 7).

Assim, compreende-se que os arquivos pessoais podem ser vistos como guarda de memórias, provas de existência e dos feitos que a pessoa realizou. Isso ficou explícito, quando me deparei com o arquivo pessoal da professora Cleuza, vi tanta coisa! Tanto material! E mesmo guardados em caixas e pastas desordenadas estavam ali a aspectos da identidade dela e resultados de seu trabalho de longa jornada ilustrados em quadros, medalhas, certificados, documentos, fotos entre outros.

Deste modo, a Tabela 2, a seguir, testemunha parte da atuação da professora Cleuza na educação.

Tabela 2 – Documentos da vida pública - trajetória na educação

Tipologia	Quantidade	Ano
1º Conjunto documental		
Certificado	28 peças	1969 2004
Atestado/comprovação de função/participação em evento	2 peças	1978 1986
Diploma curso de professor primário e de Pedagogia	2 peças	1970 1981
Diploma de honra ao mérito	6 peças	1990 2008
Histórico escolar	2 peças	1968 1980
Recorte de jornal	2 peças	1987
Carteira de especialista	1 peça	1987
Identidade/FEPROSUL	1 peça	Sem data
Avaliação de desempenho	4 peças	1985 1989
Aviso de férias	1 peça	1988
Licença de cargo	1 peça	1984
Informativo tempo de serviço	1 peça	Sem data
Ficha	1 peça	1985 Sem data
Curriculum vitae	1 peça	Sem data
Ofício	3 peças	1980 2003
Decreto	1 peça	1997
Moção de repúdio/SIMTED	1 peça	Sem data
Fotos (isoladas)	9 peças	Sem data

Parte de jornal	1 peça	Sem data
Medalhas	6	-
Total	67 peças	
2º Conjunto documental		
Parte de jornal	17	1983 – com datas alternadas até 2008
Plano anual de cultura e esporte	1 peça	2001
Álbum fotográfico	1 peça	2003
Convite - evento gestão escolar – premiação qualidade na educação infantil		2003
Carta/Ofício/Assomassul	1	2003
Fotos (isoladas)	6	2004 2007
Folheto/atividades culturais e calendário de eventos	1	2007 2008
Carta	1	2008
Total	11 peças	

Fonte: Arquivo pessoal de Cleuza Campos Marques da Silva. Elaborado pela autora (2021).

Dentre os dados coletados no arquivo pessoal da professora em questão, observei um número significativo de fontes ligadas à educação, o que possivelmente demonstra a preocupação dela em ter mantido tal documentação por considerar a relevância de sua atuação na área, e talvez por pensar nos que consultariam sua documentação no futuro, tornando satisfatório manter fontes documentais que atestassem suas ações profissionais e suas concepções pedagógicas.

Almeida (2021, p. 19) coloca que os arquivos são entendidos como “[...] lugares em que se cuidam de traços do passado, pensando, também, naqueles que virão depois de nós”. É oportuno expor aquilo que engradece os indivíduos e suas ações pois são espaços que guardam coisas dos tempos que já se foram, de “[...] diferentes estações da vida expressando tanto a vontade de forjar uma glória como um desejo de guardar os momentos mais significativos” (CUNHA, 2005, p. 126).

A Tabela 3 permite observar a atuação da professora Cleuza na Assistência Social e demonstra a participação ativa da professora nos espaços públicos de sua cidade.

Tabela 3 – Documentos da vida pública – atuação na Assistência Social e Igreja Católica.

Tipologia	Quantidade	Ano
1º Conjunto documental		
Certificado	7 peças	1975 1999
Certificado de honra ao mérito	2 peças	1996 1997
Carteira de associado/NAVICLUB	1 peça	1984
Carteira de saúde	1 peça	Sem data
Certidão de frequência	1 peça	1984
Foto	2 peças	Sem data
Total	14 peças	
2º Conjunto documental		
Certificado de associado do Lions Clube (obs: José Marques da Silva – esposo de Cleuza)	1	1973
Certificado	1	1995
Projeto - Lar do menor abandonado	1	1996
Certificado	1	1999
Total	4 peças	

Fonte: Arquivo pessoal de Cleuza Campos Marques da Silva. Elaborado pela autora (2021).

Em toda essa documentação dos conjuntos documentais, as peças estavam guardadas dentro de caixas envolvidas por pastas, sacos plásticos e outros. Os documentos do primeiro conjunto documental foram disponibilizados em uma pasta de cor preta, e outros em suportes plásticos transparentes. As do segundo conjunto se encontravam em uma pasta de plástico transparente com algumas peças dentro de um saco plástico.

Percebi que o arquivo pessoal, em questão, não se ajustava a uma organização, conforme exigem os procedimentos da arquivística, no que diz respeito ao ambiente e suportes adequados de guarda mantendo uma separação e cronologia dos acontecimentos (BELLOTTO, 2012). Obviamente que uma pessoa, ao decidir armazenar seus objetos e documentos pessoais, não está preocupada em seguir algum procedimento rigoroso de guarda ou alguma metodologia, a não ser que tenha o conhecimento necessário para isso

para fazer, ou passe essa tarefa para alguém habilitado para tal. Essa prática é mais comum em arquivos públicos; os arquivos pessoais, frequentemente, são estruturados de acordo com o que os seus guardiões julgarem pertinentes. Assim, a forma pela qual um arquivo está guardado revela o valor atribuído a ele e ao que ele guarda.

Nessa dinâmica de lembrar e esquecer, as práticas de arquivamento levam a pensar, acima de tudo, sobre o que motivou a professora Cleuza a guardar e manter todos os seus conjuntos documentais, bem como quais os critérios de seleção que adotou. Por que esses documentos e objetos, e não outros? O que ela estava fazendo quando guardou sua documentação? Sua ideia foi guardar para não esquecer? Ou guardar para não ser esquecida? São essas inquietações que também procurei entender no decorrer desta pesquisa. Nessa conjuntura, com base em Waschinewski, (2020, p. 36) apreendo que:

[...] professores(as) e intelectuais da educação, geralmente, guardam papéis por diferentes motivos e de diversas formas, seja para um dia escrever sobre suas trajetórias, seja para manter documentada uma vida de atuação, servir como suporte para essa própria atividade profissional, ou até para lembrar com saudade e poder se orgulhar de seus percursos profissionais.

Desta forma, o guardião do próprio arquivo tem suas motivações, concepções, significados e as conjunturas que arquitetaram a construção da sua documentação: ele o fez com base em suas alegações, ocupações e funções sociais (CAMPOS, 2018). Segundo Cunha (2017), ao arquivar e documentar a própria vida o guardião “[...] imortaliza uma época e produz representações e marcas de si mesmo. Os objetos autobiográficos que compõem um arquivo pessoal materializam, assim, uma proposta de leitura associada à imagem que se quis preservar de si mesmo” (CUNHA, 2017, p. 191).

Em entrevista, a professora Cleuza comentou sobre a perda de documentos que não conseguiu guardar por ter ficado em escolas, outros na Igreja Católica, mas mesmo assim salvou parte da documentação e procurou preservar alguma coisa que estava sob seu domínio, porque sempre teve a preocupação de que um dia alguém poderia precisar da documentação para falar da história da educação de sua cidade.

É possível pensar também que a professora Cleuza pode ter guardado tais documentações, a fim de deixar sua marca na história e ser lembrada pelo trabalho assistencial e educacional que realizou em seu município, porque quem armazena seus próprios documentos, geralmente se preocupou, por algum motivo, em guardar materiais e documentos que definiram como relevantes para manter, e que carregam significados para quem os guardou (BRITTO; CORRADI, 2017). Para tanto, os arquivos pessoais são “assim

como cofres, que conservam preciosidades, arquivos protegem, oferecem abrigo a papéis que lá buscam a perenidade” (ALMEIDA, 2020, p. 20).

Nesta perspectiva, documentos de arquivos pessoais são peças raras, verdadeiras relíquias. Neles, temos a possibilidade de encontrar uma diversidade gigantesca de fontes e “o tratamento de fontes diversas permite alcançar o conjunto de pontos de vista (e de posições sociais) que formam uma figuração social, e compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 9).

Deste modo, trabalhar nesta pesquisa com toda a documentação do arquivo pessoal da professora Cleuza, sua entrevista e com os dados das entrevistas realizadas com as duas profissionais, já mencionadas neste capítulo, tem sido uma árdua tarefa. Foi, portanto, um caminho possível e que me ajudou a desmistificar os meandros da trajetória profissional e de vida da professora Cleuza perpassados nos múltiplos espaços e relações entre os grupos que fez parte. E ainda, elucidar a forte contribuição dela para a história da educação de Naviraí.

Esse processo de análise de todo o material também colaborou para que eu entendesse como ela tem se movimentado nessas “teias de conexões humanas” e foi se tornando estabelecida nesses grupos, entre estabelecidos e *outsiders* (ELIAS, SCOTSON, 2000). Os conceitos de estabelecidos e *outsiders*, abordados na obra⁹ de Norbert Elias e John J. Scotson (2000), comumente são usados para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder, no caso dos estabelecidos, e posições de desfavorecidos de poder, no caso dos *outsiders*.

Neste mesmo viés, enfatizando o ângulo desta tese, aponto que o procedimento metodológico seguido aqui, tem procurado manter a essência do arquivo pessoal da professora Cleuza, por valorizar uma documentação que não apenas vem “[...] preservar memórias, mas também de servir de documentos à produção historiográfica” (CUNHA (2017, p. 195), sobretudo para a educação naviraiense, a partir do seu arquivo pessoal.

⁹ Nesta obra de Elias e Scotson, os autores utilizam tais conceitos em um estudo de caso que se passou por uma cidade pequena ao sul da Inglaterra, e deram o nome fictício de Winston Parva. Eles distribuíram as suas análises em três zonas: a primeira pertencia à classe de indivíduos mais abastados economicamente, e as zonas segunda e terceira designavam a classe de operários de fábricas locais. Nesta obra de Elias e Scotson (2000), o destaque é não somente às relações de interdependência e poder estabelecidas entre os grupos analisados, mas o modo como trabalharam com as fontes e a conexão entre elas.

3. FAMÍLIA, INFÂNCIA E ESCOLA

Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida.
Norbert Elias (1995, p. 13).

A epígrafe acima foi extraída de um trecho da obra *Mozart: a sociologia de um gênio*, de Norbert Elias (1995), para potencializar o diálogo sobre a vida privada da professora Cleuza, a qual vai ao encontro das análises acerca das figurações sociais e familiares em que a professora cresceu e se formou enquanto pessoa. Desta maneira, este capítulo é constituído por três subseções e tem como finalidade tratar a respeito da infância, as vivências da professora Cleuza em família e suas memórias de escolarização e demais episódios de sua vida pessoal, como: o casamento e a mudança para o município de Naviraí. A foto representada na Figura 2 traz lembranças da infância da professora com aproximadamente 2 anos de idade.

Figura 2 - Professora Cleuza no quintal de sua casa em Parapuã/SP, 1952



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Na figura acima, a professora Cleuza está sentada em uma bicicleta de ferro infantil, usando vestido e sapatos, o que leva a pensar que foi arrumada para tirar essa foto. De acordo com a professora Cleuza, o vestido que usou, neste dia, foi a sua tia madrinha que lhe deu.

A Figura 2 também mostra parte do quintal onde ela morava, e é perceptível no local alguns pedaços de madeira, uma cerca e ao fundo da imagem uma casa. Vidal e Abdala (2005), no texto *A Fotografia como fonte para a história da educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa*, enfatizam a importância do uso da imagem como fonte documental e objeto de pesquisa por ser um “[...] campo pleno de possibilidades” (VIDAL; ABDALA, 2005, p. 192), e por permitir trazer fragmentos de um passado que pode ser revivido no presente.

3.1. Infância e vida em família

A professora Cleuza veio de uma família, segundo ela, de baixas condições financeiras, católica, e a religião era algo importante para seus pais, principalmente para sua mãe, como disse na entrevista: “minha mãe era muito católica participava de todas as atividades que podia e pertencia ao grupo carismático também” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). Por crescer em uma estrutura familiar religiosa, penso que esse fato tem sido algo marcante na vida da professora Cleuza e também a tenha levado pelo caminho da fé e da caridade, ao mesmo modo de seus pais. Falarei mais sobre a professora Cleuza e sua fé, bem como suas obras nessa área, no capítulo 5 desta tese.

Quando moravam no Paraná, o pai da professora Cleuza trabalhava como barbeiro em uma barbearia própria, também cuidava do sítio do avô da professora, e sua mãe trabalhava como costureira doméstica, fazendo algum trabalho de costura para a vizinhança, mas a professora Cleuza relatou que os afazeres de casa e os cuidados com os filhos tomavam tempo de sua mãe, o que a levava costurar mais para a família mesmo. Abaixo está o documento do registro de batizado de nascimento da professora Cleuza que sinaliza a fé católica de seus pais.

Figura 3 – Certidão de batismo da professora Cleuza em 1950

BATISMO

Igreja Matriz de NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
São Paulo — PARAPUÁ — L. Paulista

Aos 17 de Setembro de 1950

Nome Cleusa

Nascido aos 28 de Agosto de 1950 em Parupua
F. 19 de Armando Campos

Pais:
e de D. (Marta) Marise Tozzo

Cas. Parupua Res. Parupua

Padrinhos:
e D. Alice Tozzo

Padre: I. R. Miss

Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Na certidão consta a data de 17 de outubro de 1950 e revela que, aproximadamente dois meses após o seu nascimento ela foi batizada. No documento consta o nome dos pais – Ernesto Campos e Clarice Tozzo Campos – além dos padrinhos João Amadeu e Alice Iozzo, e o do padre, I. R. Miss, que realizou o batismo. Os padrinhos eram tios da professora Cleuza. Interessante notar que o nome da professora foi escrito errado no documento expresso na Figura 3, e me leva a pensar na pessoa que a escreveu: Será que não percebeu o erro? Ou realmente era dificuldade com a escrita?

Portanto, à época dos anos 1950, em que poucas pessoas sabiam ler e escrever, quem tinha a habilidade da escrita estava à frente daquele que não possuía tal habilidade, logo imagino que às vezes os pais da professora Cleuza não tenham percebido ou se importado com o erro. Neste sentido, o documento é uma evidência do passado e também ilustra as relações interdependentes e de poder entre as pessoas no contexto de sua produção, considerando os tempos e os espaços históricos (ELIAS, 2006).

A professora Cleuza guarda esta Certidão de batismo há 73 anos. Me pergunto: por que ela pode ter guardado um documento de teor religioso, como esse, por tantos anos? Será que se deve ao fato do compromisso confessional e dos valores de sua família em relação à religião? Bom, talvez as respostas para essas perguntas seja “sim”, pois como bem demonstraram as fontes consultadas em seu arquivo pessoal, e as suas narrativas orais, Cleuza tem dedicado parte da vida às atividades religiosas, e na entrevista foi possível perceber o significado e o valor que ela dá à fé cristã até os dias de hoje.

A certidão de batismo era e é exigida pela Igreja Católica para fazer a primeira comunhão e, posteriormente, para o casamento religioso. Isso revela o poder da ambiência familiar na formação do indivíduo como um todo, porque a família é o primeiro espaço de sociabilidade da criança e tais aspectos influenciam na constituição desse indivíduo. Como diz Norbert Elias (1994a), a criança é educada “[...] cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social – seja este qual for” (ELIAS, 1994a, p. 17).

Deste modo, segundo a professora Cleuza seus pais viveram pouco tempo em Parapuã/SP pois decidiram mudar para o Paraná para buscar melhores condições de vida. Então se instalaram na cidade de Santa Isabel do Ivaí – lugar onde a professora viveu sua infância, adolescência e juventude. As memórias de infância são carregadas de significados e revelam traços de convivência em família, normas, valores e estilo de vida de um tempo que, agora, só existe nas suas lembranças. Isso faz lembrar uma das repostas de Elias (2001) dada a uma pergunta, feita a ele, em 1990 por A.J. Heerma Van Voss e A. Van Stolk sobre o universo em que viveu até os seus 18 anos de idade em Breslau, Alemanha. O autor narrando a infância e a casa onde brincava informa:

[...] o prédio ficava na esquina de uma rua; as janelas de frente e a entrada principal davam para o antigo fosso da cidade – do qual fizeram um canal, como em outras cidades alemãs. Haviam transformado as antigas fortificações em um parque com árvores espalhadas e bancos, onde as crianças iam brincar. Assim, em frente à casa, tínhamos uma vista muito bonita, muito peculiar, e no inverno – todos os invernos, que me lembro – a água dos fossos congelava e as pessoas patinavam. Era essa a vista movimentada que tínhamos, e, às vezes, eu também ia patinar no gelo. As outras janelas davam para uma ruela que fazia parte de um bairro mais pobre. (ELIAS, 2001, p. 11-12).

Destarte, percebo como as experiências que vivemos, sobretudo na infância, podem marcar de modo muito específico toda a nossa vida. Crescemos, seguimos o nosso destino, saímos da casa de nossos pais, mas ela nunca sai de nós. Neste sentido, sigo apresentando e dialogando com os episódios da vida da professora Cleuza e destaco que ela viveu sua infância em um vilarejo próximo ao meio rural, e assim permaneceu por um tempo até a sua entrada na escola.

A seguir, a Figura 4 mostra a professora Cleuza no município de Santa Isabel do Ivaí/PR, no vilarejo chamado de Guaraçara/PR – distrito de Santa Isabel do Ivaí/PR – ,posando para uma foto, com idade, de aproximadamente 3 anos.

Figura 4 - Professora Cleuza em Santa Isabel do Ivaí, 1953.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Na Figura 4, a professora Cleuza está em um ambiente, subentendido como um estúdio fotográfico. No entanto, isso leva a refletir sobre o aspecto em relação às condições financeiras de sua família, como mencionara, no momento da entrevista, que foram as dificuldades econômicas a razão que os fez se mudarem para o Paraná, a fim de encontrar melhores opções de sobrevivência.

Diante disso, como será que seus pais conseguiram fazer as fotos, como ilustram as figuras 2 e 4, em estúdio, naquele tempo (década de 1950-1960)? Por mais que a professora Cleuza tenha declarado na entrevista que seus pais não possuíam boas condições financeiras, suas fotos de infância vão na contramão dessa informação, pelo fato da qualidade do cenário, bem como das roupas e demais artefatos ilustrados em cada imagem remeterem a um padrão social financeiro elevado.

Todavia, as idas e vindas à casa da professora Cleuza para conversar sobre a pesquisa e entender melhor o contexto de produção da documentação arquivada por ela, perguntei-lhe se as fotos haviam sido retiradas em estúdio fotográfico, ou não. A professora Cleuza não conseguiu se lembrar, acha que pode ter sido sim, mas não tinha certeza. E durante a busca de fontes no arquivo pessoal da professora, encontrei essa e outras fotos de

sua infância e me indaguei: Por que será que ela guardou essas fotos de sua infância e não outras? Muitas podem ser as respostas para essa pergunta.

Contudo, como uma das respostas podemos pensar na raridade da fotografia pois, antigamente, tirar foto não era um costume comum das pessoas, e somente as mais abastadas economicamente faziam fotografias em estúdios em acontecimentos especiais. Deste modo, é possível notar que fotos eram relíquias a serem guardadas. E a professora Cleuza também pode ter preservadas essas fotos simplesmente por serem as únicas do período como recordação a ser mantida, por representar um marco significativo em sua vida e retratar suas memórias de infância, pois geralmente se mantêm o que de certa maneira conferimos alguma relevância.

Para tanto, como coloca Susane da Costa Waschinewski (2020) na tese *Jessy Cherem (1929-2014): percursos da professora catarinense e seu arquivo em três tempos* “ao longo de nossas vidas, guardamos diversos papéis, documentos, fotografias e objetos. Esses guardados apontam para aspectos de nossa personalidade e compõem nossas histórias de vida” (WASCHINEWSKI, 2020, p. 35).

Assim, nós mulheres temos o “hábito de guardar as coisas” que achamos importantes e que de alguma forma nos remete a algo ou alguém que consideramos. Em vista disso, Magda Sarat (2004) afirma que as mulheres são as guardiãs de memória, sobretudo da família e/ou de fatos e experiências vividos durante a vida, assim “[...] no que diz respeito a objetos e imagens (móveis, fotografias, quadros, livros, enfim as materializações das lembranças) são as mulheres” (SARAT, 2004, p. 135) que cuidam de reunir e preservar.

Apreendo, desta forma, a importância da fonte visual ao permitir a viagem pelo vivido e captar características, ela traz as evidências da história de um determinado tempo em que se viveu. Nesse sentido, menciona Ana Maria Maud (2005, p. 135) que as imagens “[...] nos contam histórias (fatos/acontecimentos), atualizam memórias, inventam vivências, imaginam a História”. No momento da entrevista, a professora Cleuza relatou sobre sua infância e citou sua relação com os irmãos:

[...] cabia a mim cuidar dos menores (**risos**). Foi bem puxadinho, por que abaixo de mim, tinha cinco. Mesmo assim considero que minha infância foi tranquila, a gente tinha liberdade de brincar, correr... Foi uma infância simples de família pobre. Morávamos em Guaraçara/PR, meu pai tinha uma barbearia e cuidava do sítio do meu avô nos finais de semana, minha mãe costurava e eu ajudava nas atividades de casa. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Contudo, percebo que “usualmente é à infância que retornamos quando queremos/precisamos pensar em toda nossa vida. Os primórdios da existência nos fascinam, nos encantam e, ao mesmo tempo, nos amedrontam e desafiam, pois sobre eles não conseguimos um total domínio” (CAMPOS, 2018, p. 69). Alinhado a isso, os guardados da infância da professora Cleuza e a sua narrativa remetem a episódios que ao serem analisados com as lentes do agora, e “por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor” (BOSI, 1994, p. 55).

Christine Delory-Momberger (2016) em seu texto *A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular* enfatiza que é na e pela narrativa que a pessoa realiza um esforço e interpretação para dar forma e sentido à experiência vivida. A autora constata que “a narrativa não é então apenas o produto de um ‘ato de narrar’, ela tem também um poder de efetivação sobre o que ele narra” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 141). Deste modo, as lembranças relatadas pela professora Cleuza evidenciam também o papel da memória como agente importante na compreensão de vivências e acontecimentos durante sua infância, pois “[...] a memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia” (BOSI, 1994, p. 481).

Tais marcas da vida de um indivíduo ficam evidentes no momento em que é relatada sua história, e a memória pode ser entendida como “[...] propriedade de conservar certas informações [...] atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 36). Ou seja, observa-se o lugar da memória no estudo das trajetórias de vida de professores, percebendo que a finalidade da memória não deve estar somente na necessidade de rememorar, como diz Philippe Joutard (2006, p. 48), “[...] mas também como dever de transmitir uma experiência indizível, a fim de impedir que se perca esse acontecimento único”.

Ainda segundo Joutard (2006), a memória e a história são representações do passado. E a história não consegue ser a ressurreição completa do passado, porém a memória pode lhe dar o fio condutor que a história precisa para fazer com que o passado se torne inteligível.

A memória, por sua vez, é uma construção do presente e uma representação seletiva do passado, como diriam as autoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (2006, p. 94) ao apontarem que a memória “[...] é um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto, familiar social, nacional”.

Nessa perspectiva, cabe acrescentar mais sobre os episódios da vida privada da professora Cleuza, no que se refere à sua configuração familiar. Enquanto filha mais velha, era encarregada de ajudar a mãe com os irmãos e cuidados da casa desde pequena, como ela mencionou na entrevista, e já citado anteriormente. Com o decorrer dos anos, todos foram se casando e a professora Cleuza e os demais familiares se mudaram para o município de Naviraí, assim como os seus pais.

Atualmente, a professora e uma irmã residem no município, e os demais em outros estados como São Paulo e Mato Grosso, e uma irmã mora no Paraguai. Um dos irmãos já é falecido. Ela mencionou que só uma de suas irmãs não teve formação superior, os outros estudaram. Ela é professora, tem dois irmãos advogados, um era contador; uma irmã trabalha na área da saúde e outra é fazendeira e reside no Paraguai. A foto a seguir mostra a professora Cleuza junto com os pais e os seus 5 irmãos.

Figura 5 – Professora Cleuza, irmãos e os pais



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2023).

A professora mencionou que no dia da produção desta foto estavam comemorando os 50 anos de casados de seus pais, e toda família se reuniu em Naviraí para celebrar esta data tão especial para eles. Nessa época, o pai de Cleuza já estava doente – sofrera um derrame, e viveu até os 82 anos; sua mãe viveu até os 83 anos.

3.2. Memórias de escolarização e demais episódios da vida da professora Cleuza

A escola que estudei existe até hoje.
Voltei lá depois de muitos anos e está do mesmo jeito.
Professora Cleuza (2021, informação verbal)

A epígrafe acima ilustra uma lembrança da professora Cleuza em relação à escola em que estudou durante toda a vida escolar. Vejo, desta forma, que a escola se configura como um lugar de construção de memórias, que se consideram importantes “[...] registros vividos que partem das lembranças e perpetuam lugares com referências e paisagem para um constante retorno ao passado, trazendo em si os mais diversos sentimentos documentados e expressados em narrativas, sonhos e percepções” (TEIXEIRA, 2015, p. 4).

Nesse ínterim, a professora Cleuza mencionou na entrevista mais sobre suas recordações da escola dizendo que seu primeiro ano escolar ia a estudar no pequeno vilarejo Guaraçara e havia muita falta de professores, então seus pais decidiram mandá-la para Santa Isabel do Ivaí, onde morava sua avó para que ela não fosse prejudicada nos estudos. Isso mostra que seus pais tinham preocupação com a vida escolar da filha. A professora Cleuza ficou com a avó por dois anos até seus pais se mudarem também para a referida cidade, onde nascerão seus irmãos.

Comecei a estudar a partir da primeira série. Tive dificuldade porque lá em Guaraçara não tinha professora. Como faltava muito professor fui para Santa Isabel do Ivaí/PR morar com minha avó. Foi quando conclui a primeira série na escola Alberico Marques da Silva, onde estudei até o ensino de magistério, nessa mesma cidade. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Mesmo na escola maior, a dificuldade em ter professores com habilitação necessária continuava, isso fazia com que um professor ministrasse mais de uma disciplina sem a devida habilitação na área. Posteriormente, quando Santa Isabel do Ivaí foi crescendo, essa necessidade foi suprida, mais professores chegaram à cidade e a escola passou a ter mais recursos. Isso aconteceu quando a professora Cleuza já estava cursando o magistério.

Acerca disso, a fala da professora expressa o seguinte: “a gente não tinha quase nada de recurso, mas tínhamos o básico para sermos alfabetizados. Tínhamos até uniforme. E era um ensino bem exigente e cheio de regras” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). A foto da professora, a seguir, nos ajuda a pensar parte do contexto de sua escola,

bem como acerca de padrões de comportamento, em se tratando da educação das meninas em seu tempo escolar.

Figura 6 – Cleuza em Santa Isabel do Ivaí, 1961



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

A figura acima refere-se à formatura da professora Cleuza ao concluir a 4ª série do ensino primário, como era chamado¹⁰ anteriormente, na escola Estadual denominada de Grupo Escolar Alberico Marques da Silva. Ela tinha aproximadamente 11 anos de idade quando tirou essa foto. Deste modo, na Figura 6, há todo um cenário preparado com tapete sobre o chão, cortinas na parede e a professora Cleuza segura um papel em suas mãos – o certificado de conclusão da respectiva série –, como acrescentou a colaboradora durante as idas e vindas ao arquivo pessoal pesquisado.

Ela está vestida para a ocasião, usa luvas de cetim, o vestido parecendo ser de tecido gripir, muito bem alinhado e bonito. Como a dona do arquivo não recordou de todos os detalhes deste dia em que tirou a foto, cabe pensar que talvez até tenha sido sua mãe a fazer esse vestido, já que era costureira. Os sapatos combinando com o vestido, cabelos bem arrumados e postura de menina comportada, o que revela os bons modos da época, em

¹⁰ Nomenclatura usada conforme a Lei nº 4.024 de 1961 que fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – (LDBEN) - (BRASIL, 1961).

que mulher era controlada e deveria se portar bem, e já ia sendo conduzida também para o casamento e o espaço doméstico desde cedo.

E esse padrão de comportamento estabelecido para as mulheres é herdado, sobretudo, de modelos europeus de sociedades do século XIX. A esse respeito, os pesquisadores Magda Sarat e Renato Suttana (2022) discutem, ao escreverem sobre memória de mulheres em modelos civilizados, no texto “Bela, recatada e do lar: memórias dos modelos civilizados para as meninas/mulheres”, enfatizando que

[...] os modelos de civilidade, etiqueta e comportamento, ditados por elites econômicas e culturais, devem ser almeçados pelas camadas baixas, se disseminando em protocolos de educação destinados às meninas (devendo os meninos se esforçarem para dominar as artes da agressividade, da competição, do mando e da repressão do choro), na medida em que são educadas para os afazeres domésticos e para a discricção que devem caracterizar a vida privada. (SARAT; SUTTANA, 2022, p. 84).

Dessa forma, as fontes coletadas no arquivo da professora sinalizam os moldes em que ela cresceu, e neste sentido, de acordo com historiador Ivo Canabarro (2005) é possível perceber que a história se aproxima do presente, e a fotografia é um meio para isso e pode nos revelar situações inéditas de um lugar, de uma determinada cultura, de um povo, de um indivíduo e do funcionamento de uma sociedade em um tempo específico. E neste sentido, as fotos da professora Cleuza me ajudam a acrescentar interpretações, propor problematizações e imaginar ângulos de seu contexto de vida, o que facilita a compreensão de suas memórias de infância e também de sua escolarização. Suas narrativas orais também colaboram para isso, como podemos ver em um dos seus relatos, a seguir, no qual a professora Cleuza trouxe alguns aspectos da vida escolar.

Eu gostava da escola. Tínhamos uma programação: uma vez por semana tínhamos que ir para o pátio da escola cantar o hino nacional. Algumas vezes tinha apresentação cultural que era organizada por nós alunos. Havia disciplina na escola. Me lembro tão bem assim, que era dividido: as meninas não podiam passar para o lado dos meninos e os meninos não podiam passar para o lado das meninas. Até na hora da formação de fila, na hora de apresentação cultural, tinha toda uma exigência de disciplina. Tinha um bom ensino naquela época. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Com base em Norbert Elias (2006), entendo a escola como uma figuração social de aprendizagem, pois além de sua função primeira de propagar saberes, propaga também padrões sociais – jeito do indivíduo ser e se comportar socialmente –, que fazem parte desses próprios saberes institucionalizados. Na narrativa da professora Cleuza destacada

acima, há reflexos do padrão social de seu tempo de escola, onde a disciplina que me pareceu, um tanto, ‘rígida’ de funcionar, e a decodificação da separação entre meninos e meninas durante as atividades escolares pareciam ser recorrentes.

No entanto, a professora Cleuza ao analisar suas lembranças, as memórias da escola – o prédio escolar, as filas dos meninos e das meninas, as apresentações culturais, entre outras –, com os olhos de hoje, considera a educação de seu tempo de criança como um bom ensino. Isso pode se dar pelo fato de a professora ter crescido e aprendido a seguir esse padrão social que repercute em sua vida e memória ainda no momento presente. A foto (Figura 6) da formatura da 4ª série da professora Cleuza ilustra o que ela relatou sobre o funcionamento da escola e das atividades que participava. Seguindo a trilha de suas narrativas, consegui informações sobre o trabalho, sobre o qual a colaboradora enfatizou ter começado ainda muito jovem:

[...] iniciei escondido do meu pai, aos 12 anos. Fui ser empregada doméstica, porque queria ter o meu dinheiro. Trabalhei 6 meses na vizinha. Sempre fui muito curiosa e gostava de trabalhar. Catava algodão; a cidade era pequena e era tudo perto, limpava pés de café. Ia um grupo de pessoas. Depois trabalhei numa cerâmica limpando telhas para ir para o forno. Era serviço bruto! Por que se eu queria dar um presente de dia das mães tinha que comprar com dinheiro que eu tinha trabalhado, não que tinha ganhado do meu pai. Era tudo muito controlado. Também trabalhei como auxiliar de dentista. Eu tinha 15 anos nessa época. Fiquei um ano depois fui para Exatoria Estadual de Rendas trabalhar com notas fiscais. Nesse escritório, trabalhei dos 16 até os 21 anos de idade. E aos 21 me casei. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

A professora Cleuza precisava ajudar a mãe com os cuidados dos irmãos, já que era uma adolescente e a filha mais velha da casa. No entanto, desde jovem a professora era “meio fora da curva”, ou seja, fugia do que se esperava de uma menina, porque conseguia driblar seu pai para conseguir dinheiro sem comprometer a organização da família. Diante disso, nos parece que seu pai não deveria ser tão rígido pois aos 15 anos ela foi trabalhar com seu consentimento, daí em diante não parou mais.

Em vista disso, cabe refletir na questão de que toda história de vida pessoal inscreve-se na história coletiva de seu tempo e sociedade. Desta forma, no tempo da adolescência da professora Cleuza quando tinha 15 anos de idade, como será que a adolescência era entendida pela sociedade? Muito provavelmente, há 50 anos a compreensão do indivíduo adolescente e seu papel na sociedade era muito diferente de agora. Muitos precisavam trabalhar para ajudar nas demandas familiares, seja no sustento da casa ou nos cuidados dos irmãos mais novos, no caso da professora Cleuza.

Hoje, conforme a bibliografia da área, os adolescentes são entendidos em suas especificidades de desenvolvimento, e nesta direção, leis e regras nacionais foram elaboradas ao longo dos anos para garantir o cuidado, a proteção e o direito deles à vida, ao trabalho e à educação, respeitando a sua fase.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal nº 8.069/1990 (BRASIL, 1990), é um exemplo de lei protetora que foi elaborada com o objetivo de promover a garantia do atendimento à criança e ao adolescente, nos quesitos mencionados acima. E os pertencentes às camadas pobres economicamente, continuam se inserindo no mercado de trabalho, enquanto ainda estão no ensino fundamental, ensino médio ou ensino profissional e técnico. Esses aspectos possibilitam refletir que a sociedade, segue um curso de transformações permeados por interesses políticos, econômicos e culturais que moldam também as pessoas e seus comportamentos, e ainda o jeito de ser e viver em sociedade no decorrer do tempo (ELIAS, 1994b).

Neste viés, a professora Cleuza, aos 16 anos de idade, conheceu o rapaz que seria o seu futuro esposo, segundo ela foi assim: “ele era da vizinhança e no próprio quarteirão, a gente se reunia em frente de casa para conversar. Não tinha televisão, então a moçada se reunia, e assim fomos nos aproximando”. (risos). (Professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifo nosso). Cleuza destacou que ele também tinha o magistério e quando a conheceu trabalhava em Santa Isabel do Ivaí como contador em um escritório de uma serraria. Ainda afirmou que começaram a namorar, e logo se casaram e vieram para Naviraí, que à época se apresentava como uma cidade promissora por estar em desenvolvimento.

O casamento da professora Cleuza aconteceu em junho do ano de 1971, conforme consta no documento certidão de casamento religioso ocorrido na paróquia de Santa Isabel do Ivaí/PR.

Figura 7 - Certidão de Casamento de 1971

Paróquia de "Santa Isabel do Ivaí"
DIOCESE DE MARINGÁ PARANAVAI Estado do Paraná

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Certifico que aos dois dias do mês
de julho do ano de mil novecentos e setenta e
um na matriz de Sta. Isabel do Ivaí
paróquia de Sta. I. do Ivaí, Diocese de Maringá, às _____ horas, na
presença do Revmo. Padre José Abreguão
e das testemunhas Adair Brecher
Antônio Antônio Salete
receberam-se em matrimônio "servatis omnibus de jure servandis".
os contraentes: Sr. José Mesquita da Silva
e a Sra. Cleuza Campos
Sta. Isabel do Ivaí, 6 de julho de 1971
O Vigário
[Assinatura]



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Esse documento, certidão de casamento da professora Cleuza atesta um casamento religioso, e afirma a sua fé católica, a qual foi ensinada desde criança, assim como ilustrou as demais fontes analisadas neste estudo. A partir dos pressupostos eliasianos é possível perceber que o documento representado pela Figura 5 também traz à tona o conceito de a “modelagem social” da época, revelando os costumes, regras, normas, comportamentos, ritos e modelos estabelecidos pelo grupo social e familiar em que a professora Cleuza cresceu (ELIAS, 1994b). A foto abaixo ilustra o dia da festa de casamento da professora.

Figura 8 - Festa de casamento, 1971



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2023).

Segundo a professora Cleuza, para o matrimônio, foi realizada uma cerimônia simples e um jantar para os amigos próximos e familiares. Assim, após o casamento, a professora Cleuza, juntamente com seu esposo vieram para Naviraí começar a nova vida. Importante notar que “pelos histórias de vida temos acesso aos modos como os sujeitos constroem a si, se reconhecem e se projetam, na produção de suas vidas com o outro” (NEVES; FRISON, 2020, p. 21).

Nessa perspectiva, o interesse do casal pela mudança para o município se deu pela influência e necessidade da figuração familiar, e as vantagens de melhores condições de vida identificadas no referido município foi algo determinante para o casal pois Naviraí estava em sua gênese e demonstrava ser um bom lugar para trabalhar e também iniciar negócios. Havia muitas carvoarias, serrarias e na área da agricultura se destacava também o plantio de algodão e café (GONÇALVES, 2015).

O marido da professora veio para trabalhar e, posteriormente, começar um empreendimento contábil juntamente com sua família, com irmãos, cunhados e sobrinhos. Depois os pais da professora Cleuza também vieram para o Mato Grosso do Sul: “fomos trazendo a família e foram chegando e ficando, até organizar aqui e ali, ficaram todos comigo em casa” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). Nesse período muitas pessoas estavam chegando de vários estados como Paraná, Rio Grande Sul e São Paulo.

3.3. A mudança para o município de Naviraí - MT/MS

Naviraí era a cidade das serrarias. Era um movimento danado!
Era caminhão de tora saindo e chegando toda hora.
E de madrugada era uma barulheira de apito
quando começavam a trabalhar...
Professora Cleuza (2021, informação verbal).

A epigrafe destaca uma memória da professora Cleuza de quando chegaram ao município de Naviraí. Ela relatou que no começo não foi fácil porque a cidade estava começando a se desenvolver, não tinha energia, nem água encanada, era preciso fazer poço para ter água. Como em Santa Isabel do Ivaí/PR, de onde veio, tinha tudo, e agora no novo lugar acostumar com a falta de infraestrutura foi complicado. Como comentou: “a casa que vim morar deu um barro no poço, e precisávamos buscar água na vizinha. Ela era muito legal puxava água para mim. Aprendi até fazer aquelas rodilhas de pano e colocava na cabeça para carregar os baldes de água. Então, era terrível, sabe! (**risos**)” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Ainda, “era tudo de lampião, tinha motor também. Era aquele barulho! O motor trabalhava até às 23h00 para manter as casas, e até a geladeira era tocada por esse motor. Era um sacrifício. Tinha muito areão, mas aqui era gostoso pelo menos” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). São perceptíveis as dificuldades que a professora Cleuza e sua família enfrentaram ao chegar ao município. É uma realidade de todo local que está em crescimento. Até uma cidade se desenvolver ao ponto de suprir todas as necessidades básicas de sobrevivência das pessoas leva tempo, investimento, e precisa das pessoas. E junto com sua família pôde viver tudo isso, e ainda colaborar com a expansão de Naviraí.

No que diz respeito às serrarias de Naviraí, segundo a professora Cleuza eram cerca de 50, “essas serrarias todas apitando de madrugada nós assustávamos, por que não estávamos acostumados” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). A atividade madeireira, assim como o setor agrícola voltado para o cultivo, o comércio de café e algodão, no período, era de “[...] grande relevância para a economia de Naviraí, que produziu um impacto positivo nas arrecadações da localidade” (ARCANJO, 2021, p. 38).

Foi em meio a essa “paisagem social”, termo usado por Sá Avelar (2011) que a professora Cleuza e seu marido chegaram a Naviraí em 17 de junho de 1971. Recém-casados vieram começar a vida, onde acreditaram ser o lugar ideal para viverem e prosperarem, já que a região estava em um momento de expansão. No entanto, fico imaginando como deve ter sido difícil para ela, uma jovem recém-casada, que inicialmente precisou sair de sua cidade para outro local, onde tudo estava começando. E suas narrativas indicam que existia mais mato do que pessoas, não havia água encanada, nem energia, e era serraria para todo lado. E foi nesse cenário que a professora Cleuza, junto com o marido, veio para o Mato Grosso, e aqui ficou para nunca mais voltar a morar na região sul do país.

Contudo, o marido da professora Cleuza visitara o município, quando ainda estavam noivos, para conhecer, e percebeu que seria um bom local para organizar a nova vida. Ao chegarem, ele começou a trabalhar como contador em uma das serrarias e logo outros membros da família também vieram para Naviraí.

A professora Cleuza falou muito sobre o início de sua vida em Naviraí. Relatou sobre como as informações chegavam ao município: “a gente ouvia as músicas e as notícias pelo alto-falante. Era bem grande! Ficava na avenida Amélia Fukuda. Se acontecia alguma coisa na capital, ou por perto, já era anunciado” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Portanto, vale lembrar que o município foi criado em 16 de abril de 1952 num período de exploração de riquezas naturais e de desenvolvimento da região, e foi

considerado como um lugar próspero, planejado para crescer. Isso foi sinalizado na dissertação *A Colonizadora Vera Cruz Mato Grosso limitada e a formação de Naviraí*, estudo realizado por Djalma Lino Gonçalves em 2015. Todavia,

Ariosto da Riva enviou, de São Paulo, o sobrinho Augusto dos Santos Virote, com um grupo pequeno de sete famílias, incluindo o médico Yokio Shinozaki, e esses foram os primeiros colonizadores que chegaram navegando em barças pelo Rio Paraná e dele subindo pelo Rio Amambaí, onde, nas proximidades desse rio, formaram um vilarejo que foi denominado de povoado de Vera Cruz, [...]. (RODRIGUES, 2019, p. 65).

A Colonizadora Vera Cruz comprou mais glebas de terras. A gleba Bonito e Naviraí foram divididas em lotes, dando origem à cidade de Naviraí. A empresa para incentivar a vinda de pessoas para a região, e impulsionar a venda desses lotes “[...] utilizava as emissoras de rádio do Oeste paulista para divulgarem e fazerem propagandas das novas terras” (GONÇALVES, 2015, p. 52). Os documentos da época utilizavam a criatividade e vendiam a ideia por meio de músicas que ilustravam as riquezas de uma esplêndida natureza, o que mostrava um destino de oportunidades de crescimento e abundância. Usavam também a estratégia de vendas e divulgação de terras por meio do envio de corretores de imóveis para os estados do Paraná, Minas Gerais, São Paulo divulgando o lugar a ser desbravado.

Circulavam pela imprensa, na época, sobre o surgimento de Naviraí, tinham o objetivo de passar uma boa imagem do local, com vistas a fomentar o interesse da população para a compra desses lotes de terras. Assim, pode-se dizer que a imprensa, por meio de suas matérias e propagandas sobre Naviraí, era utilizada como uma estratégia pela empresa Colonizadora Vera Cruz Mato Grosso na venda dos lotes. (ARCANJO, 2021, p. 35).

Desta forma, em 1955, começou um importante ciclo da produção de café, algodão, erva-mate e a industrialização de madeiras, e Naviraí, participando desse ciclo, passou a ser vista como a Capital da Madeira. Nesse período, pertencia ao Distrito da Paz de Caarapó/MT, somente em novembro de 1963 que ocorreu a sua emancipação política e administrativa desvinculando-se de Caarapó.

O município de Naviraí, à época pertencia ao estado de Mato Grosso. A divisão do território de Mato Grosso aconteceu por intermédio da Lei Complementar nº 31, no governo de Ernesto Geisel, em 11 de outubro de 1977 (BRASIL, 1997), com os dois estados formados oficialmente em 1979. Segundo Silva (1997), essa divisão de Mato

Grosso contribuiria com objetivos econômicos e políticos dos representantes da separação do sul, sendo parte das mudanças e das estratégias do governo, a fim de aumentar o poder.

O Mato Grosso do Sul teria uma função de colocar o setor econômico e a agropecuária numa condição de impulsionar o crescimento nacional e conquistar novos negócios com aliados externos. Por outro lado, essa divisão estadual facilitou o acesso e a movimentação das pessoas que moravam no interior do Mato Grosso para a cidade maior e mais próxima como Dourados e também a capital do Mato Grosso do Sul que passou a ser Campo Grande.

Na classificação geopolítica atual, o município de Naviraí está localizado no Centro-Oeste do Brasil, no sul de Mato Grosso do Sul, na Mesorregião¹¹ do Sudoeste e na Microrregião de Iguatemi (FARIA, 2018).

Entretanto, na década de 1960 e nas décadas posteriores como 1970 e 1980 muitas famílias continuavam chegando ao município, algumas de origem japonesa, as quais instituíram, mais tarde, a Associação Nipo-Brasileira, praticaram o cultivo de algodão e, em 1978, formaram a Cooperativa Agrícola Sul Mato-Grossense Ltda. (COOPASUL), em uma parceria de 27 famílias japonesas. Nesse momento, a professora Cleuza chega ao município, juntamente com seu marido, e destaca que foi bem recebida pelas famílias que já estavam na cidade:

[...] a família do Sr. Sakai, os Fukudas, à família Cândido, eram alguns dos colonos que chegaram nos anos de 1950 e 1960. Quando chegamos já fomos convidados para uma festa junina num sítio próximo ao vilarejo, e o pessoal pulava fogueira, pulava bandeira e nossa amizade começou. Eu tive muita facilidade de me integrar, quando cheguei em Naviraí, por que já estava começando. Isso foi pela igreja, o padre também havia chegado de fora. E fui convidada a participar com a dona Iolanda, a Terezinha Sakai e todas elas já moravam aqui. A Terezinha e o Sakai foram fundadores. Depois veio o seu Euclides e a Iolanda, a Lourdes do Hotel 2 Gaúchos, o Sr. Mieres. Já tinha um bom grupo de pessoas aqui. Eram muitas famílias, ali a gente se reunia. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Observo a narrativa da professora, e apreendo, com base em Norbert Elias (1994a) que nós precisamos um dos outros para vivermos, e juntos formarmos o nosso espaço, por

¹¹ Mesorregião é uma divisão territorial de região por cidades que possuem características econômicas, culturais, históricas semelhantes e outras. A Mesorregião do Sudoeste do Mato Grosso do Sul é formada por três microrregiões como a: Microrregião de Bodoquena (cidades: Bela Vista, Bodoquena, Bonito, Caracol, Guia, Lopes da Laguna, Jardim e Nioaque), Microrregião de Dourados (cidades: Amambai, Antônio João, Aral, Moreira, Caarapó, Douradina, Dourados, Fátima do Sul, Itaporã, Juti, Laguna Carapã, Maracaju, Nova Alvorada do Sul, Ponta Porã, Rio Brilhante e Vicentina) e a **Microrregião de Iguatemi** (cidades: Angélica, Coronel Sapucaia, Deodópolis, Eldorado, Glória de Dourados, Iguatemi, Itaquiraí Ivinhema, Japorã e Jateí, Mundo Novo, **Naviraí**, Novo Horizonte do Sul, Sete Quedas, Paranhos e Tacuru) (BRASIL, 2016).

meio de ideias e de todas as experiências e, essencialmente, daquelas vividas no interior dos grupos que vamos compondo durante a nossa existência. Conforme assegura Elias (2006, p.70), “[...] as sociedades não são nada além de indivíduos conectados entre si; cada indivíduo é dependente de outros de seu (deles e dele ou dela) amor de sua língua, de seu conhecimento, de sua identidade, e [...] de muitas outras coisas”.

Também Priore (2009), por sua vez, enfatiza que o indivíduo não existe só, sua existência permeia uma dinâmica de relações sociais diversificadas, e foi deste modo que a professora Cleuza e seu esposo começam a construir laços com povoado do município. Portanto, ela destacou que embora tenha sido difícil no início, por conta da precariedade da infraestrutura do lugar, foi bom porque teve apoio das pessoas, se tornaram grandes amigos, houve facilidade de interação e logo iniciou sua participação nas atividades da Igreja Católica que já havia se instalado no município.

Vendo a acolhida e a integração da professora Cleuza e seu esposo, recorro a Norbert Elias (1994) ao afirmar que todo indivíduo se movimenta no meio social “[...] partindo de uma rede que existia antes dele para uma rede que ele ajuda a formar” (ELIAS, 1994a, p. 30). Para o autor, essa dinâmica se dá pelo fato de estarmos envolvidos em uma rede de interações que nos ligam mutuamente pelas próprias formas de dependência entre nós, em um processo mútuo de figurações permeadas por inúmeras interdependências, e nesse conjunto de ações humanas interdependentes aparecem também as relações de poder constituídas pelos jogos de interesse individuais ou coletivos, que são regras, padrões e normas sociais (ELIAS, 2008). Cleuza entrou para o grupo de mulheres católicas e juntas iniciaram um trabalho social na cidade crescendo juntas com o município.

Neste íterim, vejo a importância da coletividade na vida da professora Cleuza, a qual foi sendo constituída, sobretudo em um coletivo feminino que começou a desbravar obras sociais, o que mostra a força e capacidade dessas mulheres, em um tempo onde os traços do padrão social desvalorizava e questionava o papel da mulher no espaço público (PERROT, 1998). Essa questão será melhor delineada na subseção 4.1.1 da desta tese, nas análises acerca dos diferentes espaços públicos ocupados pela professora.

A professora Cleuza destacou também que teve sorte porque foi muito bem recebida e se ambientou rápido, sendo convidada a lecionar também como professora. Quando os demais familiares – cunhados, tios e os pais dela – chegaram, a família montou um escritório de contabilidade e deram o nome de União.

Todos ficaram na casa de Cleuza, ela até mencionou assim: “eu não tive aquele início de casamento” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). Ao analisar essa

narrativa, acredito que a professora quis dizer que não pôde viver um início de matrimônio com momento, a dois, como gostaria, pelo fato de ter tido de acolher sua família que também chegou para morar no município. Portanto, isso deve ter sido bastante complicado para ela começar sua vida matrimonial com toda essa “parentela” em sua casa tirando a sua privacidade, dividindo seu espaço.

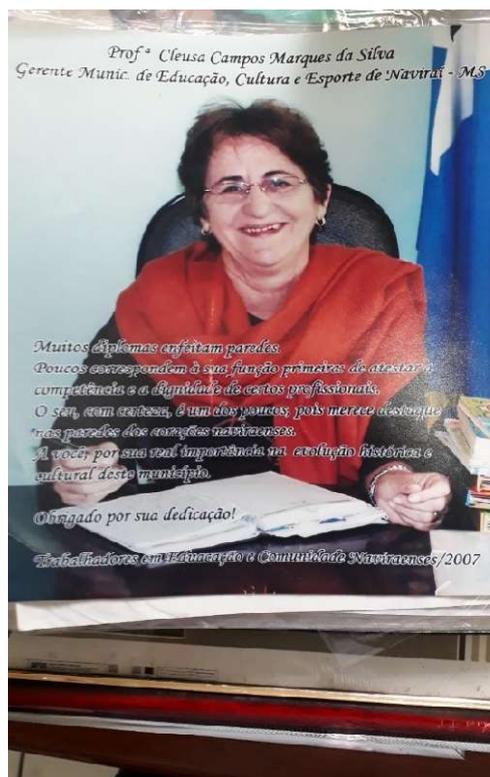
Contudo, a família foi crescendo, veio a maternidade, os filhos da professora Cleuza foram crescendo e todos estavam se fortalecendo no município, trabalhando e lutando por seus ideais. Um dos cunhados de Cleuza fez parte da política de Naviraí, na função de vereador. Nessa direção, ao contar sua história de vida, a professora reconstrói, a partir do seu olhar do presente, o seu passado ressignificando o vivido. Entretanto, penso que “uma história nunca é a história de uma única vida, mas de múltiplas vidas, socialmente vividas, em conexão e em partilha” (NEVES; FRISON, 2020, p. 20) e assim foi acontecendo a história de vida da professora Cleuza ao se estabelecer na cidade.

Desta forma, a história de vida provém de criação realizada na e pela narrativa, produzida a partir do presente, em diálogo com um passado e recomposta entre a relação da escuta atenta ao que é narrado. Em vista disso, acredito que narrar é debruçar-se sobre a história e a vida interpretada, deixando assim de ser biológica e passando a ser social.

4. TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO DE NAVIRAÍ- MT/MS

Todos os indivíduos, em maior ou menor grau, partilham de elementos comuns da vida cultural e intercambiam experiências e projetos.
Sá Avelar (2011, p. 144)

Figura 9 – Professora Cleuza no gabinete da Gerência Municipal de Educação, em 2007



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

A epígrafe citada foi extraída de um trecho do texto *Figurações da escrita biográfica* de 2011 do historiador Alexandre de Sá Avelar, que argumenta acerca da Micro-História e seus desdobramentos e me faz lembrar da história da professora Cleuza construída à luz das experiências coletivas que viveu em Naviraí, em que foi marcada por tempos e lugares específicos desde a sua chegada ao município. Deste modo, faço menção ao texto de homenagem exposto na Figura 9 que diz assim:

[...] muitos diplomas enfeitam paredes. Poucos correspondem à sua função primeira: de atestar a competência e a dignidade de certos profissionais. O seu, com certeza, é um dos poucos pois merece destaque nas paredes dos corações naviraienses. A você por sua real importância na **evolução histórica e cultural** deste município. Obrigado por sua dedicação! (Trabalhadores em Educação e Comunidade Naviraienses, 2007, grifos nosso).

No texto acima, é possível notar o carinho da comunidade à sua pessoa e ao seu trabalho na educação de Naviraí. Assim, diante do exposto na segunda parte da pesquisa, adentro na vida pública da professora Cleuza enfatizando sua trajetória profissional e também os atributos acerca da história da educação naviraiense.

Esta sessão IV foi estruturada em três subdivisões que analisam o processo formativo da professora Cleuza, a sua atuação nos demais espaços ligados à educação como: na gestão escolar, na coordenação de cursos de formação de professores no município e sua estada na Gerencia Municipal de Educação de Naviraí – GEMED, e ainda na Gerência Geral da prefeitura. Na medida em que fui dialogando sobre a trajetória da professora, iniciei também uma discussão em torno dos construtos da história da educação da cidade, numa dinâmica que une seu percurso profissional e de vida e a história da educação naviraiense.

4.1. Elementos históricos da educação de Naviraí – MT/MS

Ao olhar para a documentação da professora Cleuza e cotejando os indícios, os sinais (GINZBURG, 1989), percebe-se que sua história se mistura à história da educação da cidade, por ela e sua família terem sido parte dos primeiros grupos a chegarem ao município, no início da colonização e desenvolvimento. Ao longo da construção de ambas as histórias, Cleuza foi se constituindo na profissão docente integrando-se aos grupos que viviam no vilarejo, e nesse processo permeado por aproximações, dependências e necessidades recíprocas foi se constituindo na educação como profissional.

Entretanto, em sua longa jornada a professora Cleuza e o modo como ela se destacou na vida pública, foi também uma intelectual da educação naviraiense pelos feitos que realizou no campo, especialmente pelas ações para a formação de professores, investindo em recursos, conhecimentos e ideias pedagógicas. Deste modo, “para se compreender uma história intelectual de alguém, é preciso conhecer os anseios individuais e as figurações sociais constituídas por ele e pelos demais” (HONORATO, 2022, p. 48), envolvidos com sua trajetória. Honorato (2022) acrescenta que quando olhamos para a história de intelectuais educacionais podemos analisar suas trajetórias,

[...] no entrecruzamento do pedagógico (saberes e práticas), do cultural e do político nas instituições, nos projetos editoriais e na gestão pública educacional. Esse entrecruzamento é considerado crucial para problematizar e compreender a trajetória histórica de indivíduos no cenário educacional. (HONORATO, 2022, p. 45).

É nesses moldes que sigo, neste capítulo 4, pela história profissional da professora Cleuza, e também apresentando elementos da história da educação de Naviraí.

De antemão, destaco que a história da educação naviraiense teve início em 1958, conforme constam os Planos Municipais de Educação. Nesse período, havia falta de professores habilitados para atuar, e somente em 1967 os primeiros docentes com habilitação chegaram ao município vindos de São Paulo, trazidos pelo prefeito João Martins Cardoso. Sobre esse período, a professora Cleuza lembrou no momento da entrevista e destacou que as primeiras escolas não tinham currículo nem materiais.

Os materiais curriculares que havia, à época, vinham do Paraná, dada a proximidade entre os estados, e pelo fato de muitos imigrantes terem vindo de lá para residirem no município: isso abriu acesso para essa parceria interestadual, já que Naviraí estava longe da então capital do estado – Cuiabá. Só após a divisão do estado de Mato Grosso em dois estados, no ano de 1977, originando o Mato Grosso do Sul, a educação naviraiense passou a ser mais estruturada em termos curriculares pedagógicos, uma vez que surgiu uma nova organização educacional para todo estado com surgimento primeiro das Delegacias de Ensino, posteriormente, da Secretária Estadual de Educação e agências regionais. A respeito disso, a professora Cleuza mencionou as dificuldades de acesso ao município de Dourados, local onde se resolviam as questões da educação escolar de Naviraí, e que sediava a Delegacia de Ensino.

Não tinha asfalto, era areão as estradas. A gente enguiçava o fusquinha que nós íamos. O Gilberto e a Míria, que eram diretores, também: uníamos para as despesas, por que cada um pagava do bolso e ia. Às vezes posávamos na estrada, por que ficávamos encalhados no areão e não tinha como sair. Íamos até lá para receber as orientações, para levar as contratações de professores: era tudo determinado por Dourados. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Isso posto, cabe dizer que as atividades escolares do município de Naviraí começaram no Grupo Escolar Marechal Cândido Rondon, em um modelo de ensino primário que surgiu em São Paulo em 1890 e expandiu-se pelo país chegando ao Mato Grosso/MT em 1910 e espalhando-se também no interior do estado. Tal modalidade de escola graduada visava instruir as crianças tanto nos aspectos de conhecimentos morais, científicos, bem como ensinar hábitos e valores referentes ao trabalho (SÁ, 2008).

Nesta direção, Pardin (2020) ao analisar o Grupo Escolar de Naviraí, constatou que era organizado tendo horários estabelecidos, turmas separadas por idade e série. Tinha calendário escolar estabelecido no início do ano, estruturado com atividades cívicas,

atividades típicas valorizadas na época. Havia algumas unidades que funcionavam em salas de aulas isoladas no perímetro urbano, e na zona rural até 1980.

Deste modo, a população naviraiense começou a se expandir no perímetro urbano, e mais ainda na zona rural devido à agricultura com o ciclo de café e de algodão. Também com o desenvolvimento dos setores do comércio, da mão de obra na construção civil e na instalação de indústrias de beneficiamento de café, arroz e madeira, iniciou um movimento migratório de famílias que saíam do campo para a cidade e as que chegavam de outros estados, o que tornou cada vez maior a demanda necessária de implantação de escolas de ensino primário e oferecimento de 5ª à 8ª série do 2º grau, cursos profissionalizantes, atendimento para as crianças menores de 6 anos de idade¹², educação especial e Educação de Jovens e Adultos.

Entre os anos de 1966 e 1979, havia 46 escolas e 11 extensões, tanto na cidade como nas fazendas dos arredores de Naviraí. Em 1966 foi criada a Escola Municipal José Cândido de Castro – atualmente essa escola está situada na zona rural e concentra o Assentamento Rural chamado de Juncal. E nesse mesmo tempo, a Escola Joaquim Maria Machado de Assis na fazenda Santa Helena do Vasco. Em 1967 foi criado também o Ginásio Estadual de Naviraí, que anos mais tarde chamou-se Escola Estadual Presidente Médici.

No ano de 1972, a Escola Juracy Alves Cardoso teve um marco significativo na profissionalização docente do município: foi onde a professora Cleuza atuou em grande parte de sua trajetória profissional (os aspectos relacionados a essa sua fase serão abordados mais adiante).

Em 1973 foi criado, em Naviraí, o Departamento de Educação e Cultura tendo um diretor responsável. Até aquele momento, as escolas eram dirigidas pelo diretor do Grupo Escolar Marechal Cândido Rondon. O primeiro diretor deste departamento, o professor Hamilton dos Santos Marinho, ficou durante dois períodos administrativos – 1973 a 1980 – tendo conseguido inovar a construções de escolas, a implantação do curso Mobral que foi um curso de alfabetização de jovens e adultos, o investimento em equipamentos, recursos pedagógicos; incluiu Naviraí no Programa do Livro Didático, tornando a cidade polo de distribuição para outros municípios e a criação da Biblioteca Pública Dom Aquino

¹² Surgiram iniciativas de atendimento à infância, sobretudo, ligada a assistência social, como o Clube de Mães que foi uma instituição precursora nesse tipo de atendimento na cidade. Também tiveram ofertas de atendimento às crianças de 0 a 6 anos nos finais da década de 1970 e durante a década de 1980 de cunho filantrópico mantidas por empresas e igrejas.

Corrêa; além de sediar as primeiras competições desportivas e promover melhoria salarial dos professores (NAVIRAÍ, 2004).

Em 1977, é criado o Centro de Educação Especial Naviraiense – CEDEN/APAE; em 1978 foi inaugurada a Escola Estadual Eurico Gaspar Dutra, onde a professora Cleuza também trabalhou. No ano de 1980, foi implantada a Agência Regional de Educação – um projeto do governo estadual de descentralização da administração do ensino. Naviraí passou a ter esse órgão representante da Secretária de Educação do Estado. A nova estrutura pedagógica e técnico/administrativa, que substituiu as antigas Delegacias de Ensino, administravam a educação do estado e a Agência Regional passa a coordenar e prestar assessoria técnica e pedagógica a todas escolas de Naviraí e região.

Nessa mesma década, a professora Tânia Maria Fonseca criou uma escola particular chamada Maxi Reino, e a professora Maria das Graças Tadano inaugurou a Escola Objetivo Minie, também no ramo privado. Em 1987, mais uma Escola no âmbito municipal – Escola Antônio Fernandes; e em 1988, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Maria de Lourdes Aquino Sotana (NAVIRAÍ, 2004).

A partir dos anos 1990, surgiram muitas escolas municipais, estaduais e centros de educação infantil em Naviraí, tanto para suprir a demanda existente, como também para cumprir com as normatizações das novas políticas educacionais acerca do direito da criança ao cuidado e à educação de todas as pessoas. Dentre elas, enfatizo a Constituição Federal de 1988, quando novos rumos na educação foram sendo tomados. Esse documento afirma o direito da criança como cidadã e expressa, no artigo 208, que o atendimento em creches e em pré-escolas constitui um direito social da criança e dever do Estado (BRASIL, 1988).

Na mesma direção, a literatura ainda informa sobre a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (BRASIL, 1989), que estabeleceu as garantias e o bem-estar infantil, assim como o ECA – Lei Federal nº 8.069/1990 (BRASIL, 1990) –, que asseguram os direitos das crianças e adolescentes, enquanto ser histórico e social. Foi criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério – FUNDEF¹³, de 1990, o Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB criado como o conjunto de avaliações externas, em larga escala, que permite ao Instituto Nacional de

¹³ Transformado em 2007 pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB, no qual a Educação Infantil passou a receber recursos para a sua manutenção, o que ajudou no desenvolvimento de creches e de pré-escolas, e os professores também ganharam visibilidade (BRASIL, 2007).

Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante.

Posteriormente, a Lei Federal nº 9394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDEBEN, que foi um marco legal fundante para a história da educação brasileira –, no caso das crianças menores de 6 anos, reconheceu sua educação como Educação Infantil e como 1ª etapa da Educação Básica, conforme explica o artigo 21, e afirmando, no artigo 29, “[...] o desenvolvimento integral da criança de até 05 anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

A referida Lei trouxe também uma exigência formativa, indicada no artigo 62, para os profissionais que atuam em toda a educação básica e em outras instâncias (BRASIL, 1996). E desta forma, foi acontecendo uma estruturação na oferta e atendimento educacional em todo o país, entre outras políticas educacionais.

Todo esse arcabouço legal também incidiu na história da educação de Naviraí, e nesse contexto foram criadas escolas. Entre estas, destaco a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vereador Odécio Nunes de Matos, e o Centro Integrado de Educação Infantil Maria José da Silva Cançado – em 1993; a Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Milton Dias Porto em 1996; o Centro Municipal de Educação Infantil Irmã Evanete dos Santos – em 1999; o Centro Integrado de Educação Infantil Vera Maria de Brida – em 2003; o Centro Integrado de Educação Infantil Sonho de Criança – em 2005; a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Martins Flores – em 2006; a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José Carlos da Silva – em 2008; a Creche Eva Moraes de Oliveira – em 2009; o Centro Integrado de Educação Infantil Professora Zenaide Nunes dos Santos – em 2015; e as três escolas particulares, sendo: a Escola de Educação Infantil Peixinho Feliz Naviraí 2014, Colégio GEO de Naviraí, em 2015, e o Colégio Naviraí (a data de criação não consta no documento consultado (NAVIRAÍ, 2015).

Portanto, Naviraí conta hoje com 7 instituições de Educação Infantil com três extensões, 12 escolas entre municipais e estaduais e 3 escolas privadas.

4.1.1. Constituindo-se professora: formação, docência e atuação

A professora Cleuza possui formação em magistério, licenciatura plena em Pedagogia, pós-graduação em Administração Escolar e Supervisão Escolar, Inspeção Escolar e Metodologia de Ensino, e participou de vários cursos de capacitação com mais de 30 horas de duração na área da Educação, Assistência Social e outros.

Sua entrada no magistério se deu pelo fato de ser um curso voltado para mulheres e pelo incentivo familiar, como relata: “na época tinha o técnico em contabilidade e o magistério. Só que o magistério era um curso mais feminino e os pais, geralmente já iam induzindo para esse curso (**risos**)” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifo nosso). A narrativa da professora permite refletir sobre nossa capacidade de decisão: principalmente quando somos jovens fazemos escolhas carregadas de influências, seja do ambiente familiar ou social. A esse respeito, Elias (2001, p. 11) afirma “nunca acho que se possa dizer que determinada atividade seja resultado de uma opção pessoal” pois o contexto tem sua parcela de responsabilidade.

Segundo Sarat e Suttana (2022) a figuração familiar tem papel central na educação das crianças e, em se tratando das mulheres, e das suas escolhas, esses autores afirmam que vivemos em grupos sociais nos quais “[...] conceitos que – tudo indica – remontam às gerações passadas, preponderam, pois, essas gerações não viram a mulher senão como coadjuvante, importante ou não, do jogo social, mas nunca a protagonista, do jogo decisório” (SARAT; SUTTANA 2022, p. 91) e acrescentam que os padrões comportamentais ditam o espaço doméstico para a mulher pois:

[...] prevalece na formação das meninas até meados do século XX [...], quando ainda se assiste à educação das mulheres, na infância, sendo regulada por esses modelos de comportamento que preveem uma atuação restrita ao seio da família (fortemente religiosa) e à escola, mas sempre direcionada para o espaço doméstico. Ou seja, cabia à mulher a administração da casa, o cuidado com os filhos e solidariedade submissa ao marido. (SARAT; SUTTANA, 2022, p. 85).

Os reflexos desses padrões estão presentes naqueles vividos pela professora Cleuza, em seu tempo de ingresso no magistério, como pôde ser identificado na sua narrativa anterior. Assim, partindo dos pressupostos de Norbert Elias (1994) compreendo que tais padrões ligados ao papel das mulheres, sobretudo, no espaço público, são constituídos num processo de longa duração e perpassam tempos e gerações, no qual

resquícios desses modelos, normas e etiquetas reverberaram ao longo de anos, e até nossos dias, mesmo diante de todas as conquistas realizadas pelas mulheres.

Na história da professora Cleuza, detectei que ela entrou no caminho da docência por intermédio de seus pais, e o magistério foi uma oportunidade à época pois era um curso voltado para prática docente e habilidades femininas, também preparando as mulheres para o lar – lugar que se esperava para as mulheres, por esta ser a possuidora de dons maternais. Ligado a isso, por muito tempo tem sido “[...] agregados atributos à mulher como o de ser guiada pelos sentimentos, agir sempre com o coração, pertencer ao ambiente doméstico, tornando-se a rainha do mesmo, além de ser considerada a educadora nata da primeira infância” (ARCE, 2002, p. 57).

Dessa maneira, segundo Campos (2018) cabe refletir na seguinte ideia, a qual me levou a pensar que pode ser que as mulheres tenham visto aí uma possibilidade de sair do espaço privado e começar e ampliar a sua trajetória no espaço público. Entretanto, muitos diziam ser a sala de aula o lugar propício às mulheres, pois exercer o magistério era considerado próprio para elas, já que sabiam como cuidar dos filhos. Logo se vislumbrou, poderia não haver diferença em cuidar e educar as crianças na sala de aula, afinal “[...] as mulheres frágeis, meigas e doces, reuniam características fundamentais para o trato com as crianças pequenas” (CAMPOS, 2018, p. 138). No entanto, embora as mulheres tenham sido maioria no trato com as crianças, a pesquisa de Faria (2018) aponta uma profícua trajetória de docentes do sexo masculino na educação do interior de Mato Grosso:

[...] algumas circunstâncias contribuíram para a entrada das mulheres no magistério e temos como perceber, ao longo de um processo histórico, como se deu tal mudança, pois as relações de gênero no sistema educacional brasileiro passaram por diferentes figurações desde a sua colonização. Inicialmente, os homens foram os primeiros a atuar como professores. As mulheres não tinham direito à educação, no entanto, a partir de um processo de industrialização e mudanças no mundo do trabalho, aos poucos elas ocuparam espaços antes destinados ao sexo masculino nas esferas públicas. (FARIA, 2018, p. 21).

Conforme a autora supracitada, a educação do Brasil, no início, era masculina e religiosa, ensinada por homens e para homens (FARIA, 2018). Guacira Lopes Louro ao investigar a presença das mulheres na educação também corrobora com essa afirmação enfatizando que o espaço educacional foi “[...], a princípio, marcadamente masculino” (LOURO, 2007, p. 77). Isso se devia ao fato de que as mulheres se destinavam somente ao espaço doméstico, enquanto os homens ao espaço público, afirma Michelle Perrot (2007, p. 16-17, grifos nossos), em sua obra *Minha história das mulheres*:

[...] menos vistas no espaço público, [...]. Elas atuam (**atuavam**) em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem (**faziam**) parte da ordem das coisas. É (**era**) a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa (**causava**) medo.

Assim foram percebidas as mulheres em séculos passados, as quais por muito tempo viveram à sombra da história, como diria Perrot (2005). Entretanto, após a segunda Guerra Mundial e a Revolução Industrial pouco a pouco as mulheres foram ocupando seu lugar no meio público, sobretudo na educação e “como docentes: depois de terem sido ‘indesejáveis’ por muito tempo [...]” Perrot (2007, p. 20), elas conquistaram o seu espaço e hoje estão presentes em todos os setores, especialmente os educacionais.

A esse respeito, a professora Cleuza, no momento da entrevista, acrescentou: “a mulher no campo educacional, desempenha um grande papel, mas terá que se conscientizar do seu valor e lutar para que seus direitos sejam assegurados e garantidos, combater a discriminação social e dar o seu devido valor, como verdadeira profissional” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). É perceptível o valor que a professora Cleuza atribui ao espaço da mulher na vida pública, e sua percepção da necessidade de valorização do trabalho feminino, principalmente na educação.

Destaco que essa possibilidade de atuação das mulheres na docência brasileira se deu por meio da Lei Federal nº 5.692/1971¹⁴, podendo aproveitar a oportunidade para reivindicar seus direitos (CAMPOS, 2018). Outrossim, foi que “[...] as mulheres viram uma possibilidade na sala de aula e, de certa maneira, aproveitaram-se desse caminho para iniciarem a saída de uma condição de reclusas à vida privada, do lar” (CAMPOS; SARAT, 2022, p. 5).

No entanto, a partir do estudo em *Mulher e educação: a paixão pelo possível*, realizado por Jane Soares de Almeida em 1998, entende-se que mesmo o magistério sendo uma condição que expressava o lugar da figura feminina, tem servido, de algum modo, para a mulher sair do lar – lugar onde se esperava que ficasse exercendo o papel de esposa e mãe. No entanto, as mulheres ousaram estudar, se profissionalizar como professoras e “ainda que a atividade docente da mulher fosse vista como uma continuação de suas lides maternas e, por isso mesmo aceita, o magistério primário constituiu uma das grandes oportunidades de inserção [...] da mulher de classe média no mercado de trabalho”

¹⁴ Esta Lei Federal nº 5.692/1971 que fixou Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e regulamentou a docência dessa fase de ensino explicitados nos artigos 29 a 40 desta Lei. (BRASIL, 1971).

(ALMEIDA, 1998, p. 3), foi um caminho e oportunidade para sua emancipação para ingressarem em outras áreas profissionais – a exemplo, inicialmente, da enfermagem.

A presença feminina na docência, no Mato Grosso do Sul, a formação de professores, bem como a concepção de feminilização do magistério, no caso da região de Naviraí, foi mais tardia em relação a outros lugares do país, como apontada por Faria (2018, p. 95, grifo nosso) em seu estudo, já mencionado anteriormente,

[...] cabe adicionar a essa particularidade, conforme relataram os professores, o fato de que, no período da colonização da região dos municípios da microrregião de Iguatemi, por volta da década de 1970, que inclui os municípios de Mundo Novo, Iguatemi e Naviraí, **a maioria dos docentes era do sexo masculino**. Relataram que a causa disso era a necessidade de viajar para se capacitar, o que não era permitido às mulheres. Os pais ou os maridos não permitiam que as mulheres se ausentassem do lar e viajar às cidades maiores para os cursos oferecidos. Esses dados nos levam a inferir que o processo de feminilização do magistério nessas localidades não ocorreu ao mesmo tempo que na maior parte do país onde o acesso aos cursos era mais próximo.

Partindo do que sinalizou Faria (2018) na citação acima, é possível considerar que a docência no Mato Grosso do Sul diferiu dos demais estados brasileiros. Por um lado, pela localização geográfica, que tanto dificultou o acesso aos centros de formação docente de cidades maiores da região – Cuiabá, Campo Grande, Corumbá. Por outro lado, a divisão do estado de Mato Grosso, em 1977, estabelecendo a criação de um novo estado, que passa a ser denominado Mato Grosso do Sul, pode ter sido um dos pontos para essa situação: iniciar a institucionalização da educação, como já mencionado na subseção 4.1.

Esse processo de colonização do MS, que foi também uma expansão do sul de MT, e no mesmo período a expansão do norte do MT, de certa maneira influenciou na implementação de escolas e de formação de professores em tais localidades. Segundo Khodem (2012), adaptações no espaço e nos materiais iam sendo feitas para o atendimento escolar dos filhos dos imigrantes que chegavam nessas regiões, para garantir a permanência das pessoas e o progresso colonizador continuar.

Dito isso, no entanto, pensando na feminilização¹⁵ do magistério do sudeste do país, é possível notar que o processo de colonização do Mato Grosso do Sul fez com que a docência deste estado fosse, inicialmente, constituída pela presença masculina considerando o difícil acesso aos cursos de formação docente para as mulheres.

¹⁵ Optei pelo uso deste termo com base na pesquisa de Faria (2018).

No entanto, no caso da professora Cleuza, que já chegou em Naviraí com o curso de magistério concluído, logo ingressou na docência, e posteriormente, com apoio de seu esposo, seguiu para o curso de Pedagogia, ela foi alguém que parece ter ultrapassado os padrões esperados para uma mulher de seu tempo e na região que passou a residir.

A trajetória da professora Cleuza foi marcada pelo magistério, caminho que ela percorreu e construiu na educação e na assistência social do município. Sua conduta parece ter influenciado também o seu modo de pensar em relação à docência feminina, revelando que acrescentaria conhecimentos aos dons domésticos e maternais. Isso ocorre quando, posteriormente, esteve à frente da organização de um curso de magistério em Naviraí. No seu relato ela dizia para as alunas: “gente por favor, vamos fazer o magistério! Se vocês não forem atuar como professoras, o curso vai lhes servir para educar seus filhos e cuidar da sua casa, tem aula de psicologia, tem isso, tem aquilo... **(risos)**” (professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Nesta direção, a professora Cleuza que, ao chegar ao município já tinha concluído o magistério e estava ansiosa para iniciar o trabalho, logo começou a lecionar em uma sala de aula da 3ª série, na primeira escola formada no município – a chamada Escola Estadual Marechal Cândido Rondon em agosto de 1971, como segue sua narrativa: “eu cheguei e já consegui aula em uma turma de terceira série na época. E não foi fácil” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). Ela relatou as inúmeras dificuldades no início da docência, pois a turma tinha muita dificuldade de aprendizagem, sobretudo em português e matemática. Como ela relata: “eu tive que ‘rebolar’, porque era só a teoria ainda, mas fui me dedicando e ao longo do tempo me apaixonei. E no final deu tudo certo” (Professora Cleuza, 2021, Informação verbal). Sobre seu início na docência, ela segue:

[...] a primeira turma que comecei, a professora anterior a mim, era bem novinha. Cheguei em agosto e as crianças não tinham visto nada de matemática, porque a professora não gostava. Era uma sala de alunos “meio selecionados”. Não me lembro muito bem, mas acho que pediram para unir os alunos que pertenciam a uma renda melhor, uma coisa assim. Eram filhos de comerciantes e professores. E desses, eles cobravam mais. Só que eles tinham todas essas dificuldades. Tive que iniciar toda essa parte de matemática e, como estava iniciando, eu queria resultado, e sempre fui muito ansiosa. Eu ainda não tinha filho, e o que eu fazia? Levava os alunos em casa. Eles – os que tinham mais dificuldade –, iam na parte da manhã na minha casa e à tarde nos encontrávamos na escola. Queria ajudá-los nessa dificuldade, e também até para facilitar para mim a sequência, porque sem experiência... e toda essa dificuldade das crianças, não foi fácil, mas fui me saindo. Mas, até chorei muito por isso, tinha hora que não sabia como lidar com o aluno direito, **(risos)**, portanto, segui e acabei me saindo bem, tanto que no segundo ano já me deram

duas salas. E foi um aprendizado muito grande para mim. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Observei na narrativa da professora, a dinâmica segregadora da escola onde ingressou, e a atitude de privilegiar o grupo de alunos filhos das famílias mais abastadas, economicamente, no início da urbanização da cidade. Interessante perceber também a forma que a professora Cleuza usou para ensinar esses alunos, bem como estabelecer domínio sobre a função de docente.

Ela chegou ao município bem no momento de expansão das escolas, mesmo que nas áreas rurais, porém se movimentou nas atividades docentes na zona urbana, se aventurando em turmas de 3^a e 4^a séries do ensino primário. Ficou em sala de aula até 1973, e em 1974 foi convidada para ser vice-diretora na Escola Estadual Juracy Alves Cardoso. Em seguida, com o afastamento da atual diretora por problemas particulares, Cleuza precisou assumir a direção dessa escola. No mesmo período, teve seu primeiro filho e comentou sobre o dilema de viver a licença maternidade:

[...] eles brincavam comigo e falavam que eu ia ganhar o bebê na escola. Tinha acontecido alguma coisa no direito de licença, mais ou menos isso, eu falei: vou ganhar é aqui mesmo, pode preparar! Tinha dois coordenadores homens, e falei: e vocês vão fazer o parto. (risos). Sempre fui muito brincalhona. Depois passei mal e fui ganhar o bebê Fiquei de licença que eram três meses na época. Quando voltei a minha sala de 3^a série estava à minha espera e trabalhei até o final do ano de 1973, mas já comecei com o pezinho na vice-direção. Eu era amiga da diretora. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Em 1974, a professora Cleuza assumiu a direção da Escola Estadual Juracy Alves Cardoso e na entrevista mencionou que foi pesadíssima essa fase, pois teve que reorganizar muitas demandas na escola, inclusive regulamentar o curso de magistério ofertado pela escola Juracy. Com pouca sabedoria, como ela mesma diz, sem formação em Pedagogia, ainda, para lidar com os assuntos de gestão, enfatizou: “foi muito pesado! Tive que lutar e aprender” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). Deste modo, ela procurou soluções imediatas para exercer o cargo, contudo relatou que teve todo apoio da equipe da Agência Regional de Educação de Dourados que dava suporte, à época, em Naviraí.

A professora conta que foi a Cuiabá – na época Naviraí pertencia ao estado de Mato Grosso –, e tudo era resolvido nessa cidade, para aprovar a grade curricular do curso de magistério e, segundo seu relato, contou com a ajuda de muitas pessoas para adequar o currículo do curso. Foi preciso agilizar rápido para que a primeira turma pudesse se formar.

Organizou o magistério, e quando a diretora retornou ao cargo, a professora Cleuza que estava nessa função, voltou para a vice-direção.

Em 1976, a professora vai novamente para a gestão da Escola Estadual Juracy Alves Cardoso, função que exerceu até 1983. Ela fez menção, na entrevista, de que quando estava gestora nessa escola evidenciou o jeito de atuar na função: a cena ocorreu em um dia de prova da turma do curso de magistério segundo relata:

[...] enquanto diretora do magistério, eu cuidava até do comprimento das saias das meninas – as alunas – e das professoras (**risos**). Elas já sabiam. Eu falava para elas: **Vocês sentam de qualquer jeito. Tem de sentar direito!** Entrou umas modinhas de mini saia que era a onda da época. Me lembro da [...], ela é professora. Foi um dia de prova e ela foi com uma saia bem curtinha. E já sabia que não podia. De vez em quando eu chegava perto e brincava com elas, dava um beliscão na perna, elas já sabiam que eu estava chamando a atenção delas também. Eu falava que quem não fosse de uniforme ou não fosse bem vestido não ia fazer a prova. E daí que [...] precisava fazer essa prova e como estava de saia curta, eu fui lá em casa que era perto peguei uma saia minha! (**Risos**). Levei para ela vestir! (**Risos**). Hoje eu dou risada disso tudo. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifos nossos).

A narrativa de professora, além de mostrar sua concepção sobre como uma mulher deveria se portar em espaço público, revela também os modos e costumes da época, no que diz respeito ao comportamento feminino. Esse modo de coagir as estudantes em nome do bom comportamento, diz muito sobre as concepções dela, bem como do padrão social exigido e esperado por parte delas – as alunas –, colocando-as em um lugar de submissão.

Além de remeter a ideia de que as estudantes precisariam ser “civilizadas” – práticas comuns do conservadorismo que repercutia nas regras dessa escola –, esta era a perspectiva em que a professora Cleuza também foi educada, como já discutimos na subseção 3.2 da pesquisa ao analisarmos sua foto de formatura da 4ª série. Também percebo como tais práticas estiveram presentes em sua vida profissional, ao longo de sua trajetória, e a tem tornado uma figura feminina que se destacou, e passou a doutrinar outras pessoas também, como no caso das referidas estudantes. A este respeito, Norbert Elias (2006, p. 21) ensina que,

[...] embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização, portanto uma autorregulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões [...].

Nesse contexto, o controle social estabelecido faz com que o indivíduo absorva e aprenda a viver conforme o que lhe é exigido nas relações sociogênicas, isto é, interações

no meio social. De acordo com Elias (1993), ao incorporar tais condutas, o indivíduo passa a exercer um autocontrole agindo na medida em que consegue controlar suas próprias emoções e instintos: é o processo interno que o autor chama de psicogênese. E “é essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, e que subjaz ao processo civilizador” (ELIAS, 1993, p. 194).

Para tanto, o referido autor nos ajuda perceber que estamos envolvidos em rede de ações e de sociabilidades que nos ligam mutuamente um ao outro, pelas próprias relações de dependência entre nós. Essa rede, forma um complexo enredo, resultando em um processo de interdependência entre os indivíduos que vai além da nossa simples vontade ou desejo de mudança, ou manutenção dos processos vivenciados. Desta forma, somos acometidos a conviver mutuamente e dependemos uns dos outros socialmente.

Seguindo a trilha da viagem pela vida pública da professora Cleuza, cabe destacar que no período entre 1976 e 1983 ela cursou Pedagogia em Marília/SP, com mais duas colegas. Elas iam a Marília fazer algumas aulas e as provas, e também traziam o material do curso para estudar em casa. Dada a distância, iam somente uma vez ao mês nas aulas presenciais. Seu esposo ia junto pois também estava cursando ciências contábeis na mesma instituição, além de dois amigos. Ela finalizou seu curso em 1981, conforme o diploma:

Figura 10 – Diploma do Curso de Pedagogia de 1980



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Depois da pedagogia, a professora Cleuza fez especializações, já mencionadas no início deste capítulo, e se dedicou às funções de coordenação e gestão escolar, bem como

de cursos de formação de professores de Naviraí. Durante os anos de 1976 a 1993 transitou pela gestão das escolas estaduais Juracy Alves Cardoso; Escola Estadual Eurico Gaspar Dutra e também esteve na chefia do Núcleo de Serviço de Educação na Agência Regional de Ensino que havia sido implantada em Naviraí na década de 1980.

No movimento desse percurso, nesses lugares de gestão e coordenação, a professora enfrentou dilemas políticos, e entre estes se destaca um evento de candidatura a prefeito da cidade quando ela estava gestora na Escola Juracy Alves Cardoso. Segundo a professora Cleuza, ela e sua equipe não apoiaram o candidato Simplício Vieira de Souza Nego, que ganhou as eleições. Portanto, a professora não expressou seu descontentamento pelo candidato no período das eleições, e nem o apoiou após a vitória nas urnas. Porém, a sua vice-diretora se manifestou contra o tempo todo e junto com outros ofendeu o político Onevan de Matos que estava apoiando o prefeito eleito. Diante disso, a vice-diretora perdeu o cargo. Em suas palavras, aconteceu da seguinte forma:

[...] quando ele a tirou, não deixou eu indicar uma pessoa para assumir o seu lugar. Então, falei: se eu não puder indicar alguém de minha confiança também não fico! Ou ela fica! Já era meia noite e ele estava me telefonando, me chamando de orgulhosa que precisava que eu ficasse lá, que ele sabia que eu fui contra, mas que ele queria que eu ficasse pois gostava de mim. O filho dele estudou lá, o irmão dele foi meu presidente de APM. Mas ele não cedeu e quis indicar outra pessoa para a vice-direção. Falei: Está bem doutor: ou o senhor deixa a minha vice-diretora ou o senhor me deixa indicar. Ou não concordo! Eu também não vou ficar. Ficou uma pressão, pressão...Resultado: assinei a minha demissão. A cunhada dele era professora e foi para direção. A Delegacia de Ensino, que já era aqui, me deixou escolher a escola que eu quisesse ir. E fui para a direção lá para a escola Eurico. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Escrever e analisar a história e trajetória profissional da professora Cleuza conduz a ver que as relações de poder estiveram presentes em sua vida, tanto pública como privada o tempo todo. E em cada episódio, ela tem se posicionado seguindo sua jornada, ora em meio ao caos, ora em meio à paz. Deste modo, ela tinha uma forte influência política por ser amiga das famílias e dos próprios políticos pois a maioria chegou ao município no mesmo período que ela e foram então construindo laços afetivos que influenciaram, de alguma maneira, nas figurações que a professora Cleuza construiu e participou.

Depois de ir para a gestão da Escola Estadual Eurico Gaspar Dutra, a professora Cleuza foi atuar, então como chefe no Núcleo de Serviço de Educação na Agência Regional de Ensino. Nesse tempo, ela participou também de greve de professores, quando estava na chefia desse setor, mostrando o seu interesse frente às lutas, a favor da educação, bem como

da categoria docente. Após essa greve, ela pediu demissão, porém, com base em sua narrativa, parece mesmo que foi convidada a sair por ter se manifestado a favor dos professores e contra o Estado:

[...] na Agência pedi demissão, porque participei de uma greve de professores, e a agente de educação – acho que era assim que chamava na época –, e o próprio Onevam com a influência política começou... eu pedi demissão. Ele disse assim: recebi um recado lá do setor que você participou da greve e o Dr. Paraguassu, – que era secretário de educação do estado –, lamenta muito porque gosta de você, mas você não vai poder continuar. Saí e voltei para a direção na escola Eurico. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Logo em seguida, a professora Cleuza foi convidada a voltar para a gestão da escola Juracy Alves Cardoso, como disse: “foi quando o Onevam pediu para eu voltar. Só que combinei que não ia ficar todo o mandato. Ele disse: você vai poder escolher a sua vice-diretora. E escolhi a mesma que ele havia tirado, tempos atrás. **(risos)**. Ou levo alguém de minha confiança para me ajudar, ou eu não vou” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Essas relações interdependentes da professora nas figurações escolares faziam com que ela se movimentasse, de maneira a conseguir alcançar seus ideais, pois o seu trabalho era requisitado pelos representantes maiores do ensino, sendo parte deles, ou seja, os políticos. Ela então voltou para a escola Juracy e ficou por dois anos, pois o deputado Onevam ia dar a reforma da escola. Ela frisou para os professores:

[...] eu volto com essa condição de esperar a reforma, e daqui dois anos não quero mais direção: é muito cansativo, é muita política e eu já estou desgastada com esse negócio. Então fui para lá e em 1992, eu acho e implantei o CEFAM. E eu quis sair da direção para coordenar o CEFAM. Por que eu não tinha quem fizesse esse trabalho. E o CEFAM estava na minha cabeça. Era uma necessidade para melhorar o magistério. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

A postura da professora ante a “discussão” com o deputado mostra, de certa forma, muito perspicaz para conseguir também o que precisava e o que almejava que fosse feito por parte do político, o que era também o seu dever. Importante ressaltar que ela foi uma precursora na formação de professores em Naviraí ajudando a formar os primeiros professores do município, pois a realidade da docência nos anos de 1980, até à metade da

década de 1990 era, na grande maioria, composta por professores leigos¹⁶, ou seja, sem formação mínima para atuar.

Assim, a professora Cleuza, enquanto transitava pela gestão das escolas em parceria com a prefeitura da cidade, ficou encarregada de mandar também os professores leigos de Naviraí para o curso Logos, “em Dourados, no início da década de 1980. E, em meados dessa década, foi implantado o Projeto Logos II no município de Naviraí para aqueles que ainda não tinham concluído o magistério” (RODRIGUES, 2019, p. 111).

Nesta direção, Cleuza implantou o curso Normal de Férias na escola Estadual Juracy Alves Cardoso que visava formar professores rurais que eram considerados leigos. Para esse curso, que teve duração de três anos, vieram professores de Mundo Novo, Japorã, Eldorado e Itaquirai, formando uma turma.

[...] o Dr. Ronald era o prefeito na época e dava todas as condições para a gente. Esses professores eram do estado, mas ele apoiava. Então, o que acontecia? Eles vinham morar na escola, dormiam na sala de aula. Eu tinha as cozinheiras pagas pela prefeitura para cozinhar para eles ali. Ficavam de dezembro a janeiro, depois retornavam em julho. Eles traziam filhos, nós éramos uma verdadeira família: passamos momentos bons, e momentos de lutos também: era aluno que perdia, familiares, era aluno que morria... Foram três anos esse curso e três turmas se formaram. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Deste modo, percebo que “o sujeito, no ato de narrar, enlaça a razão que quer dar sentido à experiência vivida, à emoção dessa alegria, dessa dor corpórea, e à consciência de si, que anima o corpo, no sentido de lhe dar alma” (PASSEGGI, 2021, p. 18). Em vista disso, a fim de aprimorar a formação docente Cleuza, posteriormente, também trouxe para Naviraí o Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério – CEFAM, em 1992, como já citado em sua narrativa.

O curso CEFAM, de iniciativa nacional criado em 1982 “[...] pela antiga Coordenadoria do Ensino Regular de Segundo Grau do MEC e divulgado junto às Secretarias de Educação” (TANURI, 2000, p. 82), visava reestruturar o curso Normal, atribuindo características suficientes de formação técnica e política a professores para o segmento pré-escolar e séries iniciais do ensino fundamental.

Cabe destacar que o CEFAM chegou no Mato Grosso do Sul em 1987 e “[...] o Estado buscava soluções para a formação de docentes com o intuito de suprir a necessidade de profissionais para atuarem no magistério, considerando-se que este problema era

¹⁶ “Professor leigo” termo utilizado na Lei nº 5.692 de 1971 nesse período, era o termo usado para referir os docentes que estavam trabalhando em sala de aula e não tinham a preparação de acordo com o artigo 30 dessa Lei vigente (FARIA, 2018).

vivenciado em todos os estados brasileiros” (SOUZA, 2013, p. 33). Percebo que Cleuza, assim como as finalidades do projeto CEFAM, pretendiam oferecer, no período, uma formação de um docente um pouco mais qualificado (RODRIGUES, 2019).

Neste sentido, tomo nota a partir da dissertação *História do Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) “Juracy Alves Cardoso” de Naviraí-MS (1992-2000)*, realizada por Natalícia Gomes Teixeira Arcanjo defendida em 2021, a qual analisou a implantação e funcionamento do referido curso, e enfatiza que:

[...] o Projeto CEFAM do município de Naviraí tinha a pretensão de redimensionar o Curso de Magistério, ou seja, melhorar a formação dos (as) professores (as), para assim ofertar uma educação de qualidade na educação da pré-escola e do 1º Grau, pois era a esse nível de ensino que as camadas populares tinham mais acesso e buscavam ingressar. (ARCANJO, 2021, p. 64).

Em Naviraí, o CEFAM não teve vida longa devido ao surgimento da LDB, sobretudo devido ao seu artigo 62, o qual determinou/determina que a formação de professores de toda a educação básica deveria/deve ser realizada em nível superior (BRASIL, 1996).

Deste modo, o CEFAM funcionou por 8 anos, e mesmo assim, formou 6 turmas totalizando 174 professores formados: muitos desses continuaram se capacitando seguindo para o nível superior e em Programa de Pós-Graduação, e muitos ainda se encontram no município atuando na educação infantil e no ensino fundamental, exercendo cargos de docência e gestão escolar (ARCANJO, 2021).

No decorrer desse tempo, houve também uma parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS que vinha capacitar professores em Naviraí na área da educação especial (hoje conhecida como educação inclusiva), e ainda em outros cursos. Dessa forma, a professora Cleuza ajudou a impulsionar muitas iniciativas acerca da formação e capacitação dos professores de Naviraí, junto com o deputado Onevan de Matos, prefeitos que estiveram à frente do poder público, e demais parlamentares, durante a sua atuação nos espaços educativos.

Em 1987 foi implantada a FINAV – Faculdades Integradas de Naviraí – iniciando com os cursos de Pedagogia e Geografia – unidade hoje suprimida. Em 1994 foi implantada a UEMS, e já existia uma extensão dessa unidade trazida para o município desde finais dos anos 1980, que chegou para formar professores, trazendo o Curso Normal Superior e depois cursos nas áreas de Ciências com habilitação em Matemática, Ciências com habilitação em Biologia, entre outras. Depois a instituição ofereceu cursos de Química e Direito e

atualmente oferta Direito, Engenharia de Alimentos, Matemática, Química e Tecnologia de Alimentos.

Entre os anos de 1990 e 2000, quando a professora Cleuza estava à frente da Gerência Municipal de Educação, foram trazidos outros cursos de capacitação docente para o município, entre os quais os estudos de aperfeiçoamento docente sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 2018) que regiam as propostas de ensino do Ensino Fundamental, à época. Os PCNs foram lançados em 1997 pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação com a finalidade de auxiliar o professor, a fim de servir de referencial para o seu trabalho.

Foram ministrados os chamados Telecursos 2000¹⁷, que foi um projeto nacional, e no Mato Grosso do Sul, em Naviraí, chegou no formato gravado em DVD e tinha duas tutoras responsáveis que ministravam as teleaulas para os professores participantes. Eram cursos de curta duração de diversas áreas. Tais cursos foram criados em parcerias com a Fundação Roberto Marinho, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI-SP, Serviço Social da Indústria – SESI-SP e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP: o que indica uma característica de preparação técnica de escolarização para o trabalho.

Dentro da categoria de cursos de aperfeiçoamento, nos anos 2000 também foi desenvolvido no município o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – PROFA lançado pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação com o objetivo de oferecer novas técnicas de alfabetização, originadas em estudos realizados por uma rede de educadores de vários países (MONTIEL, 2019).

Do mesmo modo, a professora Cleuza colaborou com os trâmites de implantação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, efetivados em 2008 – período em que atuava na Gerência Municipal de Educação. Nessa época, estava em vigor a

¹⁷ Foi uma tecnologia educacional criada em 1978, reconhecida pelo Ministério da Educação - MEC, a fim de oferecer escolaridade básica de qualidade ampliando o acesso à educação a milhares de brasileiros, por meio de teleaulas na TV, feito em parceria com a Fundação Roberto Marinho, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI-SP, Serviço Social da Indústria - SESI-SP e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP. A partir de 1995 foi aprimorado e pautando-se também em materiais pedagógicos desenvolvidos em um conjunto de atividades, como a formação continuada de professores e gestores, prática de sala de aula, acompanhamento pedagógico e avaliação de resultados, em prol dos alunos. Fonte: Disponível em: <https://www.frm.org.br/conteudo/educacao-basica/solucao/telecurso>. Acesso em: 12 ago. 2023.

expansão das universidades através da iniciativa federal com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, criado em 2007, e que inaugura o Campus da UFMS em Naviraí, no ano de 2009, e em outros municípios como Bonito e Ponta Porã (NAVIRAÍ, 2015).

A UFMS começou suas atividades oferecendo cursos de Ciências Sociais e Pedagogia. Hoje existem os cursos de Administração, Pedagogia, Ciências Sociais e Arquitetura e Urbanismo. Essas duas universidades públicas têm sido o principal meio de formação superior dos professores do município nos últimos tempos. No entanto, hoje existem 5 instituições de ensino superior no município: Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP/Anhanguera criada em 2015; Universidade Paulista – UNIP e o Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN/EAD/UNIGRANET.

Ligada à educação profissional de Naviraí, se destacam: o Serviço de Aprendizagem Industrial – SENAI, formalizado em 1993; o Centro de Educação Profissional IPED-PR de Umuarama – PR, criado em 2011; a Escola Estadual Vinícius de Moraes, em 2011; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, em 2013, que porém não está mais em funcionamento; Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – IFMS, em 2014; e o Centro de Educação Profissional Senador Ramez Tebet em 2014. Ao longo dos anos, a Gerência Municipal de Educação tem feito parcerias com essas instituições, principalmente as duas universidades públicas, por meio de projetos de capacitação docente para garantir o aperfeiçoamento dos professores nas atividades docentes.

4.1.2. Atuação na Gerência Municipal de Educação Escolar

Sempre fui considerada bastante rigorosa. Por que me eduquei assim, e queria que tudo ao meu redor fosse na linha. Então, cobrava, queria que tudo fosse bem feito. Me doava muito e cobrava de mim mesma também.

Professora Cleuza (2021, informação verbal).

A epígrafe acima refere-se a um trecho da transcrição da entrevista realizada com a professora Cleuza, e vislumbra seus pensamentos quando refletia sobre o seu trabalho à frente da Gerência Municipal de Educação como gestora. Sua característica de líder rigorosa foi sendo forjada durante as sociabilidades de sua vida em cada lugar que habitou, e sobretudo desde a base de sua existência: o ambiente familiar: “meu pai e minha mãe cobravam de mim, e cresci com essa responsabilidade rigorosa” (Professora Cleuza, 2021,

informação verbal). Elias (1994a), ao dizer que o indivíduo já nasce em uma figuração e vai sendo moldado pelas influências desse meio, ao analisar a sua narrativa observa-se o quanto esse aspecto pode marcar a sua vida e suas relações interpessoais.

Deste modo, a professora Cleuza atuou por 13 anos na Gerência Municipal de Educação, no período de 1993 a 2000, depois saiu para administrar a Gerência Geral da prefeitura, por 3 anos, e retornou em 2003 ficando até o ano de 2008 quando se aposentou. Durante esse tempo realizou várias obras com uma equipe de trabalho. Segundo ela, formou, capacitou e deu oportunidades para aqueles que estavam dispostos a estudar e a se preparar para atuar com crianças e alunos na rede de ensino no município. Além disso, a professora Cleuza, em sua gestão, priorizava a organização do trabalho, a capacitação dos gestores escolares e professores, e cobrava serviços e resultados positivos nas escolas.

Da mesma forma, conforme ela mesma relatou, era bastante atuante nos eventos de sua área e buscava trazer benefícios para a educação, como mostra a Figura 11, a seguir. Cleuza também tinha como foco a participação ativa de todos na educação das crianças e alunos, e gostava de ouvir a comunidade entender suas necessidades para melhor atendê-las. Sempre que podia marcava presença nas ocasiões importantes e eventos das escolas. A foto abaixo lembra um desses momentos.

Figura 11 – Cleuza em reunião com a comunidade escolar



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Observo na Figura 11 um número considerável de pessoas na reunião que a professora Cleuza proferia, em uma das escolas do município. De acordo com ela, era vista

como a que cobrava, mas também estava presente intermediando condições para os gestores e professores conduzirem a educação das crianças.

Deste modo, a educação conduz a formação humana do indivíduo com outros indivíduos, e no âmago das figurações sociais a educação se torna um gradiente de transformação fundamental. E isso significa abrir redes de relações humanas mais relacionais e complexas. Pensando a educação a partir de Norbert Elias (1994b), é possível dizer que é sair de redes fechadas, e irmos para redes mais amplas. É abrir e fazer crescer redes de interdependências, algo que a professora Cleuza parece ter procurando fazer, desde o início de sua carreira, e principalmente quando esteve gestora na rede de ensino.

Nessa perspectiva, a próxima foto traz um pouco dos momentos da professora Cleuza em eventos de gestores educacionais. Este, em específico, trata-se de um encontro da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME¹⁸. Este órgão visa a defesa da educação pública com qualidade social e pela proteção de crianças e adolescentes, combate à exploração aos abusos sexuais e ao trabalho infantil, além de mobilizar e integrar os dirigentes municipais de educação para pensarem em ações em defesa do ensino.

Figura 12 – VII Encontro da UNDIME, em 1999



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (Ano de coleta - 2021).

A professora Cleuza mencionou que sempre estava presente nos eventos da Undime, e via essa iniciativa como fundamental para a educação municipal, pois era uma oportunidade de pensar em novas perspectivas para a rede de ensino de Naviraí. Na Figura

¹⁸ Fonte: Disponível em: <https://undime.org.br/>.

12, ela está no centro da foto unida ao grupo de pessoas, sendo quatro homens e quatro mulheres no local do evento em 1999.

Interessante perceber que as fontes fotográficas como artefatos de memórias, como ensina Canabarro (2005), trazem para nós uma riqueza de detalhes e nos permite imaginar o contexto em que foi produzida, para que foi, e por quê foi feita, “como também, a diversidade das articulações e das vivências dos atores sociais que atuaram em um determinado contexto sociocultural” (CANABARRO, 2005, p. 25). No caso da professora Cleuza, é possível notar a dinâmica relacional no espaço de aprendizagens e trocas de saberes entre intelectuais da educação, que ela viveu (ELIAS, 2006).

A Gerência Municipal de Educação era ligada ao Núcleo de Cultura e Esporte que apresentava vários projetos para a Gerência de Educação, e que os promovia, como ela relata: “havia muitas competições, jogos estaduais e nacionais e todos organizados pela Gerência Municipal de Educação. Tínhamos uma integração grande com o estado e com os órgãos sociais da cidade, por que município pequeno acabava apoiando todas as coisas do estado para receber os benefícios que vinham” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Contudo, a professora Cleuza, uma administradora financeira destemida, afirmou que cuidava para distribuir os recursos da educação nos lugares certos, onde precisava, de modo a atender às necessidades existentes, e quando necessário economizava para não deixar nenhum espaço faltando. Sua narrativa elucida essa questão em um episódio ocorrido sobre a construção de uma escola para a qual o recurso demorou a chegar: “a Escola José Martins Flores construí com o dinheiro nosso. Depois apareceram uns políticos lá, nem sabiam. Estavam liberando o recurso para uma escola que já estava pronta. Como a gente tinha que fazer a parte política também batia palma sabe! Era duro de engolir, mas engolia” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

É sinalizado o jogo político na fala da professora Cleuza, ou seja, os trâmites burocráticos e lentos quando se trata de recursos públicos financeiros para a educação: na maioria das vezes, nem vêm quando solicitados, ou quando é conseguido chega quando o problema já foi resolvido. Entretanto, olhando a narrativa da professora percebo sua característica de competência para a resolução de problemas, uma capacidade administrativa construída com competência, articulação como se estivesse administrando a sua própria casa, algo típico das mulheres, e parece-me que sem levar em consideração a

Lei de Responsabilidade Fiscal¹⁹, que serve justamente para cuidar da execução dos recursos públicos. Como será que isso estava funcionando em Naviraí quando ocorreu o episódio da construção da escola. Isso não ficou muito claro na entrevista.

No período da professora Cleuza na gerência, um marco significativo na educação em se tratando de mudanças na legislação e que trouxe impactos foi a organização da educação básica, bem como a formação de professores, todas provocadas pela LDB 9.394/96. A professora Cleuza comentou a esse respeito, dizendo:

[...] tivemos que ampliar o atendimento. Eu criei, na verdade não criei, a própria legislação a LDB exigia isso. A Educação Infantil saiu da Assistência Social e passou para a Educação. Havia uma grande demanda, uma necessidade de as mães trabalharem e não tinha onde deixar as crianças. Eu sempre defendi essa política, por que a mãe pode trabalhar para ajudar a família, e ao mesmo tempo em que os filhos estão sendo cuidados e educados por quem tem capacidade para isso. Acho que a Educação Infantil foi uma das políticas mais importantes na educação. Por que começa ali, desde o berçário, todo atendimento. Antigamente que jeito que era o atendimento: as crianças ficavam lá, não tinha uma pedagogia, não havia uma exigência, uma lei do direito da criança a aprender. Nesse tempo, passei momentos de bastante pressão também. O promotor chamava, batia em cima para ampliar vagas. Eu falava: calma promotor! Não posso fazer tudo de uma vez. Depende de construção, porque não dá para amontoar as crianças de qualquer jeito, por que tem que ter qualidade, tem que ter espaço. Então, fomos ampliando. Quando entrei na Gerência pela primeira vez tínhamos só a creche Mamãe Zezé, criada em 1992. No decorrer dos anos, fomos aumentando as escolas, algumas delas cederam espaços para atender as crianças. Logo construímos o CIEI Vera Maria de Brida, e depois a creche Irmã Evanete dos Santos, a creche Eva de Moraes e o Mundo Mágico e outras escolas de ensino fundamental e médio também. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Na fala da professora Cleuza, seu entendimento sobre a importância do direito ao cuidado e educação mostra que ela parecia defender os direitos das crianças da Educação Infantil, portanto também estava cumprindo com o que a lei exige, e ao mesmo tempo os resquícios de ações assistenciais de atendimento, ligados também ao direito da mãe trabalhadora – questão que não foi, nem é preocupação explicitada na LDB, mas sim a

¹⁹ A Lei de Responsabilidade Fiscal constituída pela Lei Complementar nº 101 de 4 de maio de 2000 é um código de conduta para os administradores públicos de todo o país, que passa a valer para os três Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), nas três esferas de governo (federal, estadual e municipal). [...]. Através dela, todos os governantes passarão a obedecer a normas e limites para administrar as finanças, prestando contas sobre, quanto e como gastam os recursos da sociedade. Disponível em: https://www.gov.br/economia/pt-br/centrais-deconteudo/publicacoes/planejamento/orcamento/lei-de-responsabilidade-fiscal/dicas/080807_pub_lrf_dicas_port.pdf. Acesso em: 26 set. 2023.

prioridade do direito da criança em estar em instituições de cuidado e educação de forma indissociável.

Entretanto Montiel (2019), ao estudar sobre a mudança do atendimento das crianças em Naviraí da Assistência Social para a educação, constatou que o município foi um dos primeiros no estado a realizar essa transição, que levou até o ano de 2006 para se efetivar, e de certa forma tem sido destacado no trabalho realizado pela Gerência Municipal de Educação representado pela professora Cleuza no período.

Nesse momento, conforme enfatizou a professora, a Gerência Municipal de Educação também precisou tomar decisões difíceis para cumprir o que pedia a legislação, pois uma vez que teria de mudar a organização do atendimento infantil, teria de mudar também o quadro de funcionários existentes para um quadro com formação adequada para estar com as crianças. Foi quando precisou realocar as monitoras de creche para o setor administrativo, e abrir concurso para as educadoras de creche que, na sua grande maioria formada pelo curso Normal Superior da UEMS e Pedagogia da FINAV, passariam a atuar diretamente com as crianças.

Diante deste cenário, a professora Cleuza impulsionou a criação e formalização do primeiro Plano Municipal de Educação – PME que foi sancionado pelo prefeito Euclides Antônio Fabris, por intermédio da Lei municipal nº 1167/2004 que teve vigência até o ano de 2010. Segundo o documento, ficou estabelecido, dentre as metas a serem alcançadas pelos responsáveis da criação do PME: a elevação do nível de escolaridade da população; promoção do acesso e permanência do aluno na escola, reduzindo as desigualdades sociais dentro do município; melhoria na qualidade do ensino; democratização da gestão do ensino público nas unidades escolares seguindo os princípios de participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto político pedagógico e a participação da comunidade escolar em Conselhos Escolares, Associação de Pais e Mestres e Grêmios Estudantis (NAVIRAÍ, 2004).

O PME tinha ainda dentro de suas finalidades gerais, o intuito de: ampliar o atendimento da Educação Infantil; valorizar os profissionais da educação; promover formação continuada que atendesse às demandas do ensino e garantisse qualidade; garantir o Ensino Fundamental a todos que não tiveram acesso na idade certa, ou não concluíram tendo a modalidade da Educação de Jovens e Adultos - EJA; oferecer uma educação para a cidadania com o combate ao racismo, discriminação de gênero, religião, educação ambiental, ética e violência, entre outros (NAVIRAÍ, 2004). Todas essas aspirações e atribuições estabelecidas pelos elaboradores, nesse documento, foram distribuídas em 27

metas dentro do referido documento. Deste modo, vale acrescentar um trecho da apresentação do PME escrito pela professora Cleuza:

[...] com a certeza de que ‘ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar, (Paulo Freire)’ que estaremos empenhando todos os esforços para que este Plano se torne o caminho para uma educação de qualidade e de inclusão social. (NAVIRAI, 2004, p. 4).

Compreendo, desta maneira, que a professora Cleuza e todos os participantes na elaboração desse documento, o produziram, tanto para atender às necessidades locais, bem como para cumprir o que estabeleciam as políticas educacionais mandatórias do período, dentre elas o Plano Nacional de Educação – PNE de 2001, a LDBEN Lei nº. 9.394/96, em vigor, e o Plano Estadual de Educação – PEE de 2003. Desta forma, Cleuza comentou sobre a participação da comunidade nas decisões sobre o ensino e educação nas escolas, bem como a reciprocidade que conquistou ao longo de sua atuação.

Convidávamos representantes da sociedade, como de igrejas, das escolas, de pais por meio das Associação de Pais e Mestres – APMS, e representantes dos bairros. E tínhamos uma participação boa. Eles participavam, questionavam e começaram a fazer parte dos conselhos. Então, fomos implantando conselho de educação, merenda escolar, as contas eram todas aprovadas através destes conselhos junto com as pessoas da sociedade e os professores e diretores. Tudo isso era importante e a gente foi conquistando um respeito por todos. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Deste modo, vejo que "o narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história" (BOSI, 1994, p. 14). Ouvir Cleuza falar de suas experiências na educação de Naviraí/MS me faz imaginar como era a sua interação com o público e como se movimentava frente às demandas e regia para que a rede de ensino se fortalecesse.

A Gerência Municipal de Educação no período da gestão da professora Cleuza trabalhava em parceria com o Núcleo de Cultura e Esporte e realizavam alguns programas projetos sociais educacionais, dentre eles, se destacam: Grêmios estudantis; Campanha Toda Criança na Escola; Combate à violência, às drogas e doenças sexualmente transmissíveis; Programa de Aceleração de Aprendizagem para ao Ensino Fundamental, Programa de Aceleração e Educação de Jovens e Adultos, PETI; Programas de capacitação docente continuada; Programa do livro didático e do transporte escolar; Agente Jovem; Escolinhas de Futebol; Bolsa Escola Estadual; Bolsa Escola Federal; Projeto Reviver;

Banda Marcial e Escolinhas de Banda; Projeto Arte Vida Coral; Teatro; Aulas de teclado e violão; e cursos em parceria com o SENAI, entre outros.

Enquanto esteve nessa gerência, algumas escolas se destacaram em prêmios nacionais e internacionais, algo que, segundo ela, a fez se orgulhar de suas professoras e gestoras escolares. Dentre as escolas que ganharam premiação se destacam:

- *Prêmio Nacional de Gestão Escolar em 1998* - Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria de Lourdes Aquino Sotana;

- *Prêmio Nacional de Gestão Escolar em 1999* - Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria de Lourdes Aquino Sotana (1º lugar fase estadual e a professora Valdenice de Oliveira foi representar o Mato Grosso do Sul nos Estados Unidos); O Centro Integrado de Educação Infantil José da Silva Cançado (3º lugar) e a Escola Municipal Marechal Rondon (5º lugar).

- *Título Nacional de escola referência em 2000* – Escola Municipal Milton Dias Porto e novamente o Centro Integrado de Educação Infantil José da Silva Cançado.

- *Prêmio Cooperjovem de Mato Grosso do Sul 2002* – Escola Municipal de Ensino Fundamental Odécio Nunes de Matos (1º e 2º lugar frase e desenho). E mais seis prêmios nacionais de Qualidade Educação Infantil de 1999 a 2003.

Essas práticas têm mostrado o reconhecimento do trabalho realizado na rede pública de ensino de Naviraí. E, na época, existia um envolvimento significativo das escolas em participar de projetos e premiações locais, estaduais e também nacionais.

Neste sentido, faço ressalvas para destacar outros aspectos relevantes da história da educação de Naviraí, como a construção do segundo PME no ano de 2015 que encontra-se em vigência e vai até 2025, quando já era o professor Ciro José Toaldo gerente de educação, e esse PME foi autorizado pelo prefeito Leandro Peres de Matos, a partir da Lei municipal nº 13.005, de 25 de junho de 2014, seguindo também as normatizações federais e estaduais legais.

Houve avanços também no que diz respeito à escolha dos gestores escolares que passaram a ser eleitos e não mais indicados; a criação do Plano de Cargos e Carreiras dos Profissionais da Educação Básica municipal em 2010 e o reconhecimento das educadoras de creche (como eram chamadas), que passaram a ser denominadas de professoras e a serem melhor remuneradas, a partir do ano de 2012 (NAVIRAÍ, 2014). Segundo a professora Cleuza esse movimento começou ainda em seu mandato, mas os objetivos foram alcançados por outros que continuaram a gestão, após a sua saída em 2008.

Na trajetória da professora Cleuza foi possível averiguar como esse processo de oportunidades de atuação em cargos de liderança educacional, dificuldades e atropelos foram intensificando cada vez mais o seu posicionamento como líder frente aos cargos importantes da educação do município.

Entendo, deste modo, que o impulso que a levou a atuar no espaço público começou a partir de sua chegada em Naviraí, com a necessidade de organização educacional que existia, à época, pelas integrações e parcerias que fez, assim como as oportunidades que surgiram para contribuir com essa área, uma vez que possuía o magistério. Com sua personalidade de líder me pareceu a solução para a educação naviraiense em sua gênese, e durante todo o processo de construção de ensino nas escolas públicas, também na formação e capacitação dos professores da região.

Nesta perspectiva, todos os aspectos da educação naviraiense, apontados até aqui, incluindo as iniciativas de formação e capacitação docente, os planos municipais elaborados e todas as conquistas alcançadas, tais como a ampliação do atendimento em toda a rede pública de ensino e o Plano de Cargos e Carreiras dos Profissionais da Educação Básica municipal, ao longo do tempo têm sido marcos significativos na história da educação de Naviraí, para a qual a professora Cleuza desempenhou papel importante nesse processo, enquanto professora, gestora e intelectual da educação.

4.1.3. Atuação na Gerência Geral da prefeitura de Naviraí – MT/MS

Após sete anos comandando a Gerência Municipal de Educação, em 2001 a professora Cleuza foi convidada pelo prefeito Euclides Antônio Fabris para atuar como Gerente Geral da prefeitura estando à frente de todas as demais gerências municipais no segundo mandato do referido prefeito. O documento abaixo registra essa informação localizada no jornal *Tribuna do Povo*.

Figura 13 – Matéria de jornal anuncia a entrada de Cleuza na Gerência Geral em 2001



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (Ano de coleta - 2021).

Essa informação referente ao novo cargo da professora Cleuza na prefeitura foi identificada, tanto no jornal *Tribuna do Povo*, como no jornal *O Liberal* que datam o ano de 2001. Cleuza era a pessoa de confiança do prefeito e reconhecida por ser extremamente organizada, austera e disciplinadora, que colocava as coisas para funcionar. A professora Cleuza se encarregou em fazer uma profunda reforma “na máquina administrativa” passando a exercer um melhor controle e planejamento das ações de todas as secretarias que haviam sido transformadas recentemente em gerências.

Deste modo, no trecho do jornal a professora Cleuza enfatizou sobre como iria atuar na nova função: os gerentes “[...] em hipótese alguma irão perder os seus poderes” (*Tribuna do Povo*, 2001). Acrescentou ainda que não haveria falta de gestão em qualquer setor e as decisões seriam tomadas depois que fossem muito bem discutidas com os gerentes de cada setor. Em sua fala, no trecho do jornal, demonstrou diplomacia e objetividade no que queria comunicar, e ao mesmo tempo sua capacidade de domínio de poder de quem sabia manifestá-lo. Desta maneira, cabe refletir que um indivíduo em dada oportunidade pode aproveitar para manipular os gradientes de poder, ao modo dele, ou seja, do jeito que

desejar segundo seus interesses, conforme o lugar que ocupa na balança de poder da sua teia relacional.

Neste sentido, com base em Norbert Elias (1980) vejo que as relações de poder também podem ser mantidas em termos de dominação e subordinação, onde um grupo ou indivíduo exerce controle sobre outro, impondo suas vontades e interesses. Portanto, o poder não é estático, mas sim dinâmico e em constante transformação. Segundo ele, relações humanas são construídas em um contexto de interdependência e dependência entre os indivíduos e grupos sociais.

Para o referido autor, os indivíduos “podem reter ou monopolizar aquilo que outros necessitam, como por exemplo, comida, amor, segurança, conhecimento, etc., portanto, quanto maior as necessidades desses últimos, maior é a proporção de poder que detêm os primeiros” (ELIAS, 1994b, p. 53). Ligados a essa questão, Gebara e Lucena (2011, p. 57), contribuem com o diálogo ao destacarem que “o poder é fruto de relações e, portanto, não é um fato posto e situado que pode ser isolado como uma coisa qualquer, mas algo relacional, inerente às interdependências que se estabelecem na prática social”.

Desta forma, observo Cleuza enquanto estabelecida em grupos de pessoas na condição de outsiders (ELIAS; SCOTSON, 2000) no documento, quando afirmou que uma das primeiras tarefas que iria executar seria avaliar o perfil de cada funcionário do município, e fazer acompanhamento do desempenho de cada um. E ainda, que a intenção do prefeito Euclides Fabris era investir mais no servidor dando oportunidades de aperfeiçoamento e qualificação para melhor cumprimento da função.

No entanto, também apontou que um dos graves problemas da administração pública era o paternalismo. Assim, frisou que essa prática estava com os dias contados pois não haveria mais espaço para isso, e advertiu: “a partir de agora só vai sobreviver quem tiver competência e austeridade no trato com a coisa pública e vamos lutar muito para conseguirmos isso” (*Tribuna do Povo*, 2001). Essa atitude de Cleuza expressa nas narrativas, revela a sua personalidade de líder e de poder posicional, frente ao novo cargo.

Esse momento da vida pública da professora Cleuza, assim como os demais episódios lembram, em parte, a trajetória biográfica de Oliva Enciso (1909-2005) estudada por Britez (2020). Ambas as professoras, Cleuza e Oliva, são vistas em uma postura não igual, porque cada pessoa é única e constrói a sua própria história, mas são semelhantes na atuação do espaço público e interesse que as moveram enquanto mulheres, tornando-as precursoras, por estarem à frente de cargos importantes e por terem sido capazes de realizar grandes feitos para muitos setores de sua comunidade. A professora Cleuza não impactou

o estado como um todo, assim como Oliva Enciso, mas a presença e legado na educação e na profissionalização docente, bem como na Assistência Social ficaram marcados na comunidade naviraiense e região. Segundo Britez (2020, p. 226)

[...] a trajetória pública de Oliva Enciso e sua postura politizada nos campos social e político dotaram-na dos requisitos necessários para assumir cargos de responsabilidades na prefeitura. Detentora de uma visão moderna, ela viveu intensamente seus ideais cívicos e religiosos. Oliva Enciso foi a primeira vereadora de Campo Grande, a primeira deputada estadual de Mato Grosso, mas, além de disso, as fontes indicaram também que ela foi a primeira mulher a assumir um cargo de distinção na prefeitura, uma vez que assumiu cargos de chefia e de confiança dos prefeitos e se tornou representante da prefeitura para tratar dos interesses da cidade. Nessa posição, tomou a frente de decisões para as instalações de instituições escolares, mobilizando as relações entre o público e o privado em um espaço de conservação masculina.

Vejo que a trajetória pública de Oliva Enciso foi sinalizada pela presença na área política, e sobretudo por ações no espaço educacional (BRITIZ, 2020). Nessa perspectiva, portanto, Oliva construiu sua trajetória em um determinado contexto, sendo mais abrangente, enquanto a professora Cleuza foi em um contexto mais local. No entanto, têm sido mulheres de coragem que lutaram e conseguiram se destacar na vida pública dentro de cada espaço que ocuparam e contextos que viveram.

Deste modo, a professora Cleuza durante seu exercício na educação procurou, segundo ela, valorizar os professores, e seu desejo sempre foi que a educação fosse a prioridade e que a escola fosse vista por todos como um lugar de desenvolvimento de pessoas críticas, reflexivas e contribuintes, onde pessoas fossem colaborativas uns com os outros para a transformação da vida.

E desta forma, atuando como gerente geral na prefeitura, buscou organizar todos os setores e trazer melhorias; no que diz respeito à remuneração – abono salarial – de professores, conseguiu fazer com que esses profissionais tivessem, o que foi considerado no período, como 15º salário em 2001, prática essa que nunca mais voltou acontecer até os dias de hoje. Uma parte do jornal *Diário do MS*, que data o ano de 2001, corrobora tal afirmação, como se pode ver, a seguir.

Figura 14 – Matéria de jornal anuncia décimo quinto salário dos professores em 2001



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Esse recorte de jornal (parte) traz a notícia do 15º salário dos professores de Naviraí no ano de 2001, que é escrita à direita do recorte do jornal ilustrado com a foto de uma das professoras da rede. No documento é enfatizado que:

[...] Cleuza Campos, atualmente ocupando a gerência geral da prefeitura, foi a responsável pela administração dos recursos do Fundo, destinado a pagar os salários dos professores e introduzir melhorias nas escolas. Ela revela a satisfação em poder agraciar os trabalhadores, com o que estão chamando de décimo quinto salário, admitindo ter sido válido o trabalho para trazer e manter todas as contas em dia. “Além disso, devemos todo mérito ao prefeito Euclides Fabris e a equipe da área de Economia e Finanças da prefeitura, pois foram eles que deram as condições para que a Educação pudesse se dar ao luxo de guardar dinheiro durante o ano, sem prejuízo aos investimentos na área”, afirma Cleuza Campos. (*Diário do MS*, 2001).

Importante colocar o que adverte Anjos (2016, p. 108) acerca de documentos noticiários, ao afirmar que “notícias não são o que aconteceu, mas relatos de alguém sobre o que aconteceu. Nascem de pontos de vistas, muitas vezes, conflitantes ou não tão sinceros quanto deveriam ou gostariam de ser”. Deste modo, as interpretações postas no documento em sua produção interferem na maioria dos casos na objetividade de uma notícia.

Neste sentido, a professora Cleuza ficou na Gerência Geral da prefeitura até meados de 2003 e voltou para a Gerência Municipal de Educação onde ficou até à sua aposentadoria. A narrativa abaixo explica esse momento da sua trajetória pública.

Falei: ah eu não quero mais! (**risos**). Era um trem que você não tinha a mesma linha de trabalho. Só que foi bom. Tive uma experiência diferente. Eu era muito exigente. Fazia muito relatório. Por exemplo, eu ia ao hospital, sentava no meio dos pacientes para saber por que as pessoas reclamavam tanto. Ia saber o que estava acontecendo lá para resolver. Ia na raiz do problema. Ia na garagem ver a questão do transporte, ficava para lá e para cá. Só que eu ficava muito sobrecarregada, cansada. Falava: Ai meu Deus do céu! Não dá! Em todos os lugares que trabalhei na escola Juracy, Eurico, trabalhava de manhã, de tarde e à noite, depois na Gerência Municipal de Educação, a mesma coisa só que fechava às (17h), mas tinha as escolas para visitar, eram reuniões, era capacitação, era toda uma caminhada complicada, pesada. Eu queria voltar, e ele queria que eu ficasse. Falei: Não fico! Não quero mais, se eu não voltar para lá vou sair, mas aqui não vou ficar não. Aí ele falou: Você não vai sair não. Você vai voltar para a educação então. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifo nosso).

O prefeito Euclides Fabris encaminhou a professora Cleuza de volta para a Gerência Municipal de Educação, atendendo a seu pedido. Ela tinha uma proximidade afetiva bastante forte com a família desse prefeito, uma amizade iniciada desde sua chegada a Naviraí, no qual a professora Cleuza e a primeira dama a Sra. Iolanda fizeram grandes parcerias em obras e projetos sociais na cidade. Portanto, a professora Cleuza durante sua trajetória profissional tem transitado, em grande parte entre amigos, o que me leva a refletir, também, que isso poderia dar a ela, de certa forma, autonomia para agir, como agia nos lugares em que ocupou posição de gestora. Ela acionou redes de sociabilidades, porém as fontes analisadas na pesquisa revelam que a manutenção da professora Cleuza nessas redes de sociabilidades se deu, sobretudo, por sua competência.

Ao retornar para a área da educação, a professora Cleuza continuou com a equipe de trabalho que já conhecia, não mudou ninguém como relatou, e ainda enfatizou: “quem sabe das coisas aqui são vocês! Então, vamos trabalhar! Vamos sentar, estudar e fazer o que precisa ser feito” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

A professora Cleuza ficou nesta função por mais cinco anos e nesse contexto, como todo ciclo que se abre, também se fecha, chegou o dia do encerramento da participação da professora Cleuza na educação naviraiense, bem como o fim de sua trajetória profissional. Sua saída da Gerência Municipal de Educação aconteceu no ano de 2008, permeado por um dilema político e foi uma surpresa para ela, como bem colocou no momento da entrevista que não estava preparada para aquele momento, assim mencionou:

[...] fiquei muito triste, não por sair, por que eu precisava sair, para descansar um pouco também. O duro é que foi bem quando estava começando a colheita de tudo! Sabe! Quando o trabalho estava florindo, a equipe preparada e capacitada. Estava assim prontinha! Na verdade, já

vinha colhendo alguns resultados, mais ainda tinha muito a ser colhido... **(Cleuza nesse instante respirou fundo com um tom de “sinto muito”, então seguiu)**. Ele quem me convidou para sair do cargo. Estava esgotada. Também tenho que reconhecer isso. Nessa época, eu tinha perdido o meu pai, minha mãe, meu irmão – tudo isso ocorreu entre 2007 e 2008 seguido, assim, sabe? Estava muito cansada do trabalho! Trabalhava demais. Mas, gostaria de ter concluído o que comecei, e não consegui fechar. Essa saída foi uma surpresa para mim, por que estava tudo em andamento, gestão da qualidade das escolas, nós estávamos naquela fase de premiação das escolas, porque estava evoluindo o trabalho. Veio Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB em 2007, organizei tudo de ponta a ponta, e essas coisas a gente tem que estar presente apoiando ajudando, incentivando, senão não consegue. Mas bem nessa fase eu saí. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Percebo na narrativa da professora uma insatisfação por não ter fechado o seu trabalho, como gostaria, pelo fato de ter sido impedida de concluir seus projetos e planos que estavam em andamento. Deste modo, com um gesto atencioso, segui ouvindo Cleuza contar esse momento delicado de sua história, como salienta Neves e Frison (2020, p. 4), “uma história produzida pela narrativa de uma vida, construída no instante em que a memória toma a forma de palavra e, ao habitar o sujeito da narrativa, passa a habitar igualmente o outro que, em escuta atenta, a acolhe”.

Desta maneira, pensando com Norbert Elias (1980) sobre a dinâmica relacional humana e a existência da balança de poder, no cerne das figurações e das interdependências sociais, vejo no caso de Cleuza, uma alteração do poder por ela exercido, estando na função de gestora de um setor importante que era a educação do município. E uma vez que essa balança se desestabiliza, no âmbito das interdependências entre as pessoas, todo o resto se modifica, ou como diria Elias (1980, p. 97) “à medida que o equilíbrio de poder se altera muda o estado das coisas”. São os verdadeiros trâmites dos jogos de poder que ocorrem, tanto de forma direta e explícita, quanto de forma indireta e implícita, permeando todas as esferas da vida social. Logo, “[...] todas as relações, tal como os jogos humanos, são processos” (ELIAS, 2005, p. 102). Ou seja, as relações de poder são construídas e mantidas por meio de processos de socialização e controle social.

Neste caso, evidentemente, o que aconteceu? Segundo Cleuza, havia um grupo de pessoas, que ela não detalhou muito, mas deu a entender que eram representantes sindicalistas ligados ao Partido dos Trabalhadores – PT, e do qual as ideias da professora Cleuza iam em outra direção. Isso fez com que começassem a surgir conflitos de opiniões, desta forma, nas palavras da professora “esse grupo queria comandar a educação do

município, e com a mudança de prefeito, que não aguentou a pressão, ele pediu que eu saísse” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Neste ínterim, atesto que “as interdependências que ocorrem entre elas – *as pessoas* - são o seu problema central” (ELIAS, 1980, p. 109, grifo da autora), pois em toda figuração humana há os que têm poder superior, outros que têm sub-poder, e aqueles que não possuem poder nenhum, são os totalmente dependentes dos demais. E em todo grupo de pessoas existem hierarquias que regem todo funcionamento do ecossistema desse grupo.

Assim, a professora Cleuza era quem detinha o poder na Gerência Municipal de Educação, e acima dela o prefeito que dava a palavra final, logo, a estrutura dessa figuração educacional é alterada com a sua saída e a chegada de um novo integrante. Entretanto, o poder é uma das características das interações sociais que estará sempre em desequilíbrio, pois se firma em interesses, em jogos particulares, no qual um vai querer ganhar o jogo e o outro lutará para que isso não aconteça.

Contudo, por meio das narrativas da professora Cleuza é possível notar na atitude do grupo contrário ao trabalho dela, um desejo de participar da educação do município, na medida em que entra em jogo um fator inevitável nas relações humanas, apontado por Elias (1994a, p. 113) como: “a necessidade de se destacar caminha de mãos dadas com a necessidade de fazer parte”. Isso é característica do viver entre pessoas, viver em sociedade, o que mostra também que vivemos em um processo de constantes mudanças sociais, políticas etc., ao longo de nosso trajeto de vida pessoal e profissional. Nessa direção, vamos compondo lugares e nos comportando como “dançarinos” sempre em movimento, dançando conforme as músicas tocadas no meio das sociabilidades a que somos integrados. Em vista disso, a professora Cleuza acrescentou mais sobre esse episódio de sua saída.

Tudo começou ainda no último mandato do seu Euclides. Até fizeram ele assinar uma Ata. Eles não eram contra eu sair da prefeitura, mas queriam pegar a educação, por que era um campo bom para trabalhar, desejavam me mandar para outros setores ligados à educação, mas não diretamente. Mas eu não quis. Isso foi quando o PT estava no poder e foi um período que era deles, na verdade, mas daí o seu Euclides não abriu mão durante o mandato dele. Eles não tinham muita brecha, por que a sociedade também não deixava. Seu Euclides encerrou o mandato dele e entrou o Zelmo em 2005, e como a gente sabe toda mudança de prefeito tinha que colocar o cargo à disposição, e isso foi feito, mas continuei até 2008 com toda essa briga que vinha se afluando desde anos antes. Depois que saí, ele se arrependeu muito e tentou reverter, mas falei não. Não vou voltar mais! (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Pelas palavras da professora evidenciadas no relato acima, há a presença de concepções políticas, por parte do povo naviraiense que manifestava opinião frente a essas

questões. Tal consciência política dos naviraienses, e nesse contexto da própria professora, parece ter sido contrária às ideias do novo prefeito que assumiu o cargo em 2005. Do mesmo modo, sinaliza sua decisão de colocar um ponto final em sua trajetória profissional e seguir por outros caminhos. Logo, “esse arsenal de lembranças, impressões, gostos-desgostos são acessados voluntária ou involuntariamente, mediante a capacidade humana de refletir narrativamente para dar sentido ao que é contado, descrito, explicitado” (PASSEGGI, 2021, p. 12).

Todos esses fatos caracterizam os trâmites vividos por Cleuza nos últimos anos de trabalho na Gerência Municipal de Educação. Segundo Norbert Elias (1980) todas as lutas entre indivíduos, por poder, têm explicações. As pessoas têm seus objetivos e intenções em cada conflito que entram, e o desejo por prestígios e honra conta muito também, pois é uma necessidade humana estar entre humanos, se sentir importante, poderoso e contribuinte com o bem social – no entanto, o oposto disso também existe.

Então, chegou o dia da despedida da professora Cleuza. Ela comentou que saiu de cabeça erguida, sem mágoa e rancor das pessoas, até porque era muito respeitada e reconhecida por toda a comunidade. Deste modo, ainda de acordo com ela, sentiu-se no dever de sair, agindo como sempre agiu, carismática e transparente. No entanto, será que realmente, no final das contas, foi uma saída tranquila?

O amigo da professora Cleuza chamado César assumiu o lugar dela na Gerência Municipal de Educação. Ela contou que ele a havia ajudado muito durante sua estada na gerência, e não queria que ela saísse. Portanto, como “ele era do PT foi a pessoa indicada, porque já fazia parte do Sindicato dos Professores e poderia seguir. Minha despedida foi dura. Eu chorava me despedindo do grupo, e ele chorava porque eu estava saindo. Foi uma cena, sabe! (**risos**), mas a política é assim” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal grifo nosso).

Ao fim de sua carreira na educação, a professora Cleuza optou por trabalhar na empresa de móveis da sua família, onde ficou por um tempo e depois decidiu que não queria mais trabalhar na empresa, e passou a se dedicar 100% nas atividades sociais e da Igreja que também foi sua paixão e vocação. Atualmente, está como coordenadora da pastoral de idosos e ministra na Igreja Católica, trabalhando em visitas aos doentes, seja nos domicílios ou em hospitais. Ela acrescentou: “penso que fazer o bem não tem ganho melhor! Você se realiza, se sente bem. E vemos o quanto que as pessoas dependem da gente. Enquanto diretora, enquanto professora, enquanto gestora eu também acabava

fazendo esse papel no decorrer da minha trajetória” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Cabe destacar que a professora Cleuza, além de ter sido servidora municipal também foi funcionária do estado e aposentou-se no ano de 2000 pelo estado como especialista de educação, assim chamada à época, em 2008 finalizou sua trajetória profissional com o cargo de gestora da educação naviraiense totalizando, desta forma, 37 anos de trabalho na educação.

Nessa caminhada eu só tenho que agradecer a Deus. Foram tantas coisas bonitas e crescimento, mas também bastante sofrimento. A gente passa a ser parte disso tudo. Quando eu perdia um aluno chorava, se perdia um professor sofria...quando via alguém sofrendo, sofria junto. Agora quando eu via pessoas alegres conquistando, crescendo, ficava satisfeita. Era muito bom, porque fazia parte disso. Sempre tive muito apoio. Chorei algumas vezes, porque não é fácil, porque muitas vezes errava também. E nem sempre o emocional estava bem, aí tinha que fingir que estava tudo bem, porque eles viam em mim um amparo, então tinha que estar sempre firme. É muito emocionante, quando encontro os meus ex-alunos, os meus ex-professores, gestores, me lembro de toda essa caminhada que fizemos juntos. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

A professora Cleuza foi seguindo pelos meandros de sua vida pública e esteve muito atuante na educação, como pôde ser observado nesta sessão, e também na área da Assistência Social do município e parte desta trajetória que discutirei na próxima sessão.

5. DIFERENTES ESPAÇOS DE ATUAÇÃO E DE SOCIABILIDADES

Este capítulo é composto por duas subseções que têm o intuito de evidenciar a atuação da professora Cleuza nos diferentes espaços de sociabilidades, principalmente ligados à Igreja Católica e a Assistência Social de Naviraí, e também apresentar os destaques alcançados por ela ao longo de sua trajetória profissional: o legado dela frente à história da educação naviraiense na voz dos envolvidos com a sua trajetória pública.

5.1. Inserção em espaços de sociabilidades: Igreja Católica e Assistência Social

A vida pública da professora Cleuza foi marcada por tempos, lugares, pessoas, parcerias e experiências, caracterizada por sua participação em obras sociais ligadas à Igreja Católica, à Assistência Social e organizações filantrópicas sem fins lucrativos, instituídas por casais que pertenciam a grupos abastados do município de Naviraí.

Nesta perspectiva, “os lugares podiam ser outros, as lembranças poderiam criar outras tramas ou estabelecer morada em outros lugares” (NEVES; FRISON, 2020 p. 13), todavia, a história de Cleuza aconteceu nesses lugares e, por meio dos dados analisados na pesquisa o perfil de atuação da professora na área social pode ser caracterizado como a de uma mulher idealizadora de projetos, ministra e conselheira da Igreja e sócia-fundadora de instituições filantrópicas do município. Seus projetos sociais começam, dentro da Igreja Católica e se expandem para a comunidade naviraiense como retrata a sua narrativa: “o padre nos convidou para formar um grupo de cursilho. Isso foi em 1973 e já começamos a mexer com a parte social” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Assim, a professora Cleuza e demais mulheres entraram para a formação do Cursilho que, como diz, ocorreu na cidade de Rio Brillhante. Depois disso, formaram grupos de cursilhistas em Naviraí, com casais e a participação do padre, a fim de prepará-los para atender a comunidade em geral, para ministrarem na catequese e na organização de patrocínio e promoções para angariar fundos para as atividades de caridade. Nesses encontros, eles liam a bíblia, oravam aprendiam sobre o comprometimento com Deus.

Cabe acrescentar que o Cursilho foi um movimento que se chamava Cursilho de Cristandade surgido na Espanha em 1944 por um grupo de católicos que se espalhou por todo o mundo ao longo dos anos e chegou ao Brasil em 1962 (A MISSÃO, s/d), sendo disseminado em todas as regiões do país. O público destinado ao Cursilho era tanto

feminino, como masculino e funcionava no formato de cursos e retiros ou acampamentos nos finais de semana.

Algumas finalidades do movimento eram levar o indivíduo a uma autoconsciência de si, aprofundamento na fé, e ajudar a pessoa a ter um encontro consigo mesmo, com Cristo e com a comunidade, em outras palavras, evangelizar as pessoas. Esse movimento ainda é praticado nas Igrejas Católicas em todo o país. De acordo com a professora Cleuza em Naviraí esse movimento começou com casais, mas tinha como prioridade o atendimento aos adolescentes e jovens, realizando encontros aos finais de semana: “o Cursilho tinha um foco voltado para a formação de adolescentes e jovens, sabe? Tinha finais de semana que nós ficávamos empenhados trabalhando com os jovens. Uns cozinhavam, outros ensinavam...” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Destarte, nesse tempo no conjunto de implementação de obras sociais que a professora estava envolvida, cabe adicionar que segundo ela, logo foram visitar o Lar Santa Rita de Dourados e o Clube de Mães para conhecerem o funcionamento, por que tinham interesse de implantar esses modelos de instituições em Naviraí que era uma necessidade da época. De acordo com Vargas (2022) esse Lar de Dourados era destinado ao público de menores abandonados em apoio as famílias que não tinham condições de cuidar dos filhos. No entanto, em Naviraí/MS tais obras começaram, com o surgimento do Clube de Mães em 1974, a partir da Legião Brasileira de Assistência – LBA.

A LBA veio aqui para fazer uma formação com a gente sobre Clube de Mães. Nesse momento, nós já tínhamos ido à Dourados visitar o Clube de lá e o de Campo Grande também. Depois disso, fomos nos organizando e formamos o nosso Clube de Mães aqui e fizemos todo um trabalho com as mulheres, as crianças e as famílias carentes dentro do Clube de Mães. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Importante enfatizar que a LBA foi um órgão federal que surgiu em 1942, pelo Decreto Lei nº 4.830/1942 idealizado por Darcy Vargas, esposa do presidente do período - Getúlio Vargas, e funcionou até os anos de 1995, quando foi substituída pelo Programa Federal Comunidade Solidária, instituído pelo presidente da república, da época, Fernando Henrique Cardoso, a com a participação de sua esposa Ruthy Cardoso que colaborou com a implantação deste programa que mais tarde impulsionou no surgimento da Lei Orgânica de Assistência Social - LOAS (BARBOSA, 2017).

Com vistas para a LBA, segundo Fonseca e Almeida (2016), este órgão foi um propagador de algumas das mais expressivas políticas sociais de abrangência nacional aplicadas no Brasil entre as décadas de 1940 e 1980, por meio de convênios e parcerias

com os estados e municípios no desenvolvimento de programas de assistência social para população carente. Nesta direção, Rosemberg (2002) menciona que este órgão de assistência teve como objetivo amparar famílias dos soldados da guerra (no período 2ª Guerra Mundial) e contribuir na defesa da sobrevivência à criança em parceria com entidades especializadas, tendo como esfera a cooperação do Estado.

E em 1946 a LBA mudou a sua política com o final da Segunda Guerra Mundial, atentando-se mais para a maternidade e a infância por meio da família, tornando-se instituição de exame do Estado. A partir de então foram sendo construídos centros de proteção à criança e à mãe, creches, postos de puericultura, grupos municipais, hospitais para crianças, entres outros órgãos públicos similares. (RODRIGUES, 2019, p. 42).

Com base em Scavone (2011) no estudo sobre a história do avanço das creches em São Paulo, a autora também acrescentou aspectos acerca da criação de Clubes de Mães e sinalizou que, esses foram bastante incentivados entre os anos de 1942 a 1960 propagados pela a LBA e ligados ao Fundo Internacional de Socorro à Infância – FISI, às Nações Unidas e ao Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, que são órgãos intergovernamentais.

No Brasil, a Igreja Católica também teve papel centralizador na organização de Clubes de Mães, e no estado de Mato Grosso do Sul, não diferiu muito dos demais lugares onde foi implantado. Esse papel ocorreu por meio da ação de mulheres religiosas e esposas de empresários, e políticos no caso de Naviraí, e a professora Cleuza foi uma das principais idealizadoras do Clube de Mães do município.

Neste sentido, é válido lembrar do contexto em que vivia o país quando as instituições filantrópicas dos anos de 1970 disseminaram. O cenário era de um Regime Militar no Brasil, que percorreu os anos de 1964 a 1985, em que houve um conjunto de políticas de assistência integradas pelo governo que foram distribuídas por toda parte. Essas políticas buscavam atender às necessidades básicas da população e também tinham objetivos políticos e sociais específicos.

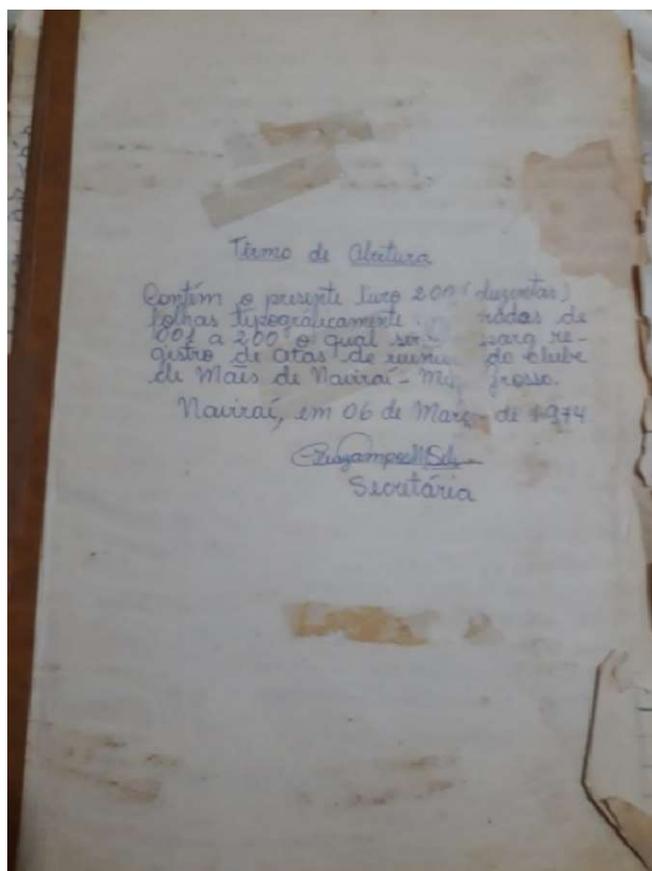
No que tange ao protagonismo das mulheres nestas políticas de atendimento, como diria Barbosa (2017) ao analisar o papel feminino na perspectiva da LBA, é importante destacar que, durante o Regime Militar, houve uma intensificação da participação feminina na vida política do país. Muitas mulheres se envolveram em movimentos sociais e organizações que buscavam promover melhorias nas condições de vida da população.

Além disso, é importante colocar que a função das mulheres na política e na assistência social, existia, mas era limitado e subordinado, pois na maior parte das vezes,

essas mulheres se viam em papéis secundários e eram compreendidas como complementares às atividades dos seus maridos atuantes políticos. No entanto, embora as esposas dos políticos tenham tido um protagonismo na assistência social durante o Regime Militar, muitas vezes essa atuação estava associada a uma visão paternalista e assistencialista, na qual as ações eram realizadas em caráter de doação ou beneficência, sem uma abordagem estrutural para enfrentar as desigualdades sociais. Essas ações foram em parte vividas para amenizar os problemas sociais, mas sem buscar transformações profundas na sociedade.

Nessas circunstâncias, foi criado o Clube de Mães de Naviraí, o documento Estatuto de Criação e o Livro de Atas, no qual consta a primeira reunião, quando foi discutida a implantação dessa entidade mostrando seu início no município.

Figura 15 - Folha do Livro de Ata em 1974



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Neste documento, constam 159 atas de reuniões – desde a primeira realizada para a criação do Clube de Mães, em 1974, a qual foi escrita pela professora Cleuza. A folha de capa mostrada na Figura 15 consta a assinatura da colaboradora escrita com uma caneta na cor azul. O documento apresenta imperfeições como partes amassadas com algumas manchas amareladas características típicas da deterioração provocada pelo tempo.

Segundo Estatuto da entidade, o surgimento ocorreu no dia 3 de junho de 1974 como uma instituição sem fins lucrativos com caráter cultural, social, educacional e de formação humana (NAVIRAI, 1974). Dentre os objetivos, o documento expressa: promover o aperfeiçoamento feminino em geral, partindo dos setores mais pobres; ajudar as mães nas tarefas do lar e responsabilidades nas relações familiares e na educação dos filhos; oferecer cursos que colaborem com a comunidade como de corte e costura, bordado, crochê, tricô, artesanato, tecelagem em tear manual, alfabetização e outros.

Na entrevista, a professora Cleuza também destacou que o Clube de Mães surgiu para atender especificamente as gestantes e demais mães. Contudo, depois com aumento da demanda e necessidade o Clube passou a atender jovens e também crianças, filhos dessas mães que frequentam suas atividades. Portanto, a instituição era formada por sócias fundadoras, e havia uma diretoria formada por uma presidente, uma vice-presidente, duas secretárias e uma tesoureira. Eram feitas reuniões, mensalmente, e também uma assembleia anual para votação e troca de diretoria.

Os cursos oferecidos eram organizados por departamentos e desenvolvidos por meio de projetos tendo uma responsável por cada equipe. Contavam com projeto de horta, de cestas básicas e distribuições de filtros de barro para as famílias carentes e o Projeto casulo destinado ao atendimento das crianças de 0 a 6 anos de idade. Havia também os responsáveis pelas campanhas e promoções para angariar fundos para a manutenção das atividades da instituição. Assim, era mantida pela LBA, a prefeitura e recursos doados pela comunidade em geral como empresários e fazendeiros. A foto abaixo apresenta a professora Cleuza em uma atividade de encerramento de um destes cursos na instituição.

Figura 16 – Cleuza na solenidade de encerramento de curso



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Na Figura 16, acima, a professora Cleuza é mulher que está de pé, em meio a outras pessoas. Segundo ela, essas pessoas eram algumas autoridades – como o padre, professores, representantes da Assistência Social, entre outros que compareciam na ocasião de solenidade de encerramento do curso destinado a mães e mulheres.

Por meio das fontes coletadas no arquivo pessoal da professora e da Figura 16, percebe-se a “boa” relação entre a Igreja Católica, Assistência Social, prefeitura e os empresários naviraienses nas atividades oferecidas pelo Clube de Mães: tudo isso mostra também o papel e as intencionalidades dessas figurações na monopolização sobre o público atendido, uma vez que era um povo necessitado que precisava de instruções para conduzir suas vidas, família, aprender boas maneiras, incorporar os padrões comportamentais do período para, então, viverem no meio social (ELIAS, 1994b).

E como o Clube de Mães nasceu dentro da Igreja, tudo indica que era uma oportunidade de proliferar a fé católica por meio das ações prestadas às mães, famílias e crianças carentes atendidas. E as damas da época, dentre elas a professora Cleuza, colaboravam com essa intencionalidade e ganhavam visibilidade impulsionando o poder feminino na área da caridade, do servir ao próximo. No entanto, a esse respeito diz Perrot (2007) que “entre as religiões e as mulheres, as relações têm sido, sempre e em toda parte, ambivalentes e paradoxais. Isso porque as religiões são, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres” (PERROT, 2007, p. 83).

Tais perspectivas se aproximam da discussão que Sônia Camara (2017) fez no texto “As damas da assistência à infância e as ações educativas, assistenciais e filantrópicas (Rio de Janeiro/RJ, 1906-1930)” e dentro do período analisado, a autora procurou saber como as mulheres da elite carioca atuaram na Associação das Damas da Assistência à Infância criada em 1906, como braço filantrópico do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro. Por suas obras elas foram denominadas de mensageiras do bem, e deste modo, ocorreu que:

[...] como mensageiras do bem, às mulheres portadoras das boas novas, repassadoras de valores, de preceitos e de regras sociais, atuaram no convencimento das mães e, em especial, das mães pobres. Através de iniciativas que se materializavam na cidade capital, com a promoção de festas cristãs de Natal, de Ano Bom e de Reis; na distribuição de brinquedos; na promoção de banquetes, de bailes, no tratamento das crianças doentes, [...] orientações às mães [...], bem como no agenciamento de ações visando angariar recursos, essas mulheres projetaram-se em diferentes frentes de ação. (CAMARA, 2017, p. 211).

Nesta linha de argumentação, a trajetória da professora Cleuza sinaliza que as damas naviraienses se movimentaram nessas mesmas frentes pontuadas na citação acima, à época que correspondia aos anos de 1970 em diante. A partir de Norbert Elias (2006), podemos apontar que para alcançar seus ideais “os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas” (ELIAS, 2006, p. 26), e desta forma, a professora Cleuza atuou junto as demais mulheres procurando cumprir com o que ela mesma enfatizou, como propósito, missão de vida. Sendo assim, a foto abaixo apresenta a professora em um grupo de mulheres, onde parece estar cozinhando.

Figura 16 – Cleuza e um grupo de mulheres



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Na Figura 17 a professora Cleuza está junto com 16 mulheres e 2 homens em uma cozinha, podendo ser no Clube de Mães ou na Igreja: o ambiente era composto por elementos como: ganchos pendurados na parede, fogão a lenha, panelas, bacia, bules, coador de café e talheres, e ela é a que está com 1 prato e 1 guardanapo nas mãos. Cleuza não se recorda de detalhes desse dia, mas destacou que possivelmente era uma das atividades específicas – promoções ou cafés e almoços beneficentes – do Clube de Mães comumente realizadas. A presença da professora neste grupo de mulheres mostra sua atuação também nos bastidores ajudando nos serviços, para além dos holofotes.

Neste sentido, a professora Cleuza relatou que no Clube de Mães faziam parcerias com médicos e demais profissionais da saúde e com nutricionistas que vinham à instituição dar palestras e instruções importantes necessárias à vida e cuidado da mulher e da criança. A seguir, alguns banners de palestras das atividades que eram realizadas.

Figura 17 – Banners de orientações



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Os materiais mostrados na Figura 18 eram da LBA, que enviava para o município e apoiava no desenvolvimento das ações da entidade em parceria com a prefeitura. O Clube de Mães funcionou até o ano de 2015. Segundo a professora Cleuza, as atividades da instituição foram encerradas porque não atendiam mais às necessidades da comunidade, uma vez que novas políticas de assistência social junto às secretarias de Assistência Social e de saúde surgiram, e os postos de saúde do município se encarregaram de fazer o trabalho que o Clube realizava de cuidado para com a mãe e o bebê.

A colaboradora pontuou, ainda, que não havia mais pessoas com interesse para estar à frente da instituição para comandar os serviços e muitas das fundadoras haviam mudado de cidade, tudo isso levou ao seu encerramento. O Clube de Mães funcionou por 41 anos atendendo mães, crianças, mulheres e famílias carentes de Naviraí nos aspectos de cuidado, educação assistencial, profissionalização para as mulheres, e mesmo de modo paliativo contribuiu com a melhoria da vida do público atendido, pois as mulheres participantes puderam ter um espaço de sociabilidade para além do ambiente doméstico para receber orientações, e ao mesmo tempo tiveram oportunidade de fala em relação às

dificuldades do dia a dia, pois eram acolhidas. De modo geral, posso dizer que o Clube de Mães cumpriu papel significativo na comunidade naviraiense.

A professora Cleuza também foi uma das idealizadoras do Lar do Menor Abandonado chamado Amor e Fraternidade, fundado em 1979 relacionado às iniciativas da Igreja Católica por meio das mulheres que atuavam no Clube de Mães e da associação chamada Lions Clube. Ao coletar as fontes no arquivo pessoal da professora Cleuza, identifiquei um projeto relacionado ao Lar do Menor Abandonado, feito para angariar verbas municipais, estaduais, federais para manutenção do atendimento às crianças e nele constava a finalidade desta instituição da seguinte maneira:

1.1 A FINALIDADE DA ENTIDADE:

[...] dar assistência, de modo geral, a todos os menores carentes, velando por sua guarda, saúde, educação, instrução e bem-estar. Manter, na medida do possível suas potencialidades, oferecer casas residências (abrigo) a menores sob sua proteção. Vigiar, proteger, educar os menores abandonados sob sua guarda. (NAVIRAI, 1996).

Conforme o documento, a finalidade da instituição pautava-se na garantia de sobrevivência e proteção das crianças e adolescentes amparados. A instituição funciona até os dias de hoje, porém em outra localidade, sendo uma casa alugada no centro da cidade. a Figura 19, a seguir, mostra o dia da inauguração dessa entidade.

Figura 18 - Inauguração do Lar do Menor Abandonado em 1979



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

A Figura 19 mostra algumas pessoas espalhadas no local. Há também alguns carros e três casas onde iriam funcionar as atividades do Lar, e ao fundo da imagem há uma paisagem natural. Segundo a professora Cleuza “em 1979 foi criado o Lar do Menor Abandonado, e nós também fazíamos parte. A dona Iolanda foi presidente por muito tempo, depois foi o doutor Gilberto. O grupo do Clube de Mães e mais um de fora ajudava no Lar também” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). As pessoas mencionadas pela colaboradora, faziam parte de um grupo do empresariado do município, que tinha condições financeiras para ajudar de alguma forma nessas ações de caridade.

O Lar ficava um pouco afastado do centro, localizava-se mais ao fim da cidade em uma área rural. Esta instituição, assim como o Clube de Mães tinha uma diretoria com presidente, secretárias e coordenadores. Desta maneira, entendo, a partir de reflexões em Elias (1994a) que tais relações estabelecidas entre os membros mantenedores do Lar de Menores Abandonados foram formadas por redes de sociabilidades entre indivíduos mais abastados economicamente, sendo tais redes compostas por “[...] funções que as pessoas desempenham (*desempenhavam*) umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos de “sociedade” (ELIAS, 1994a, p. 20, grifo nosso).

Neste sentido, a professora Cleuza mencionou na entrevista que na entidade existiam cinco funcionários de forma direta: motorista, cuidador de horta, faxineira, cozinheira e uma coordenadora para auxiliar as crianças e adolescentes nas tarefas escolares e no que precisassem, além de médicos especialistas clínicos, ortopedista, pediatra, oftalmologista, dentista, bioquímico que faziam parte de convênios com a prefeitura, Lions Clube e outros e prestavam serviços para o Lar.

De acordo com a colaboradora, o Lions Clube era uma associação que surgiu em Naviraí, em 1969, formada por casais que atuavam no levantamento de verbas para ajudar a manter as instituições:

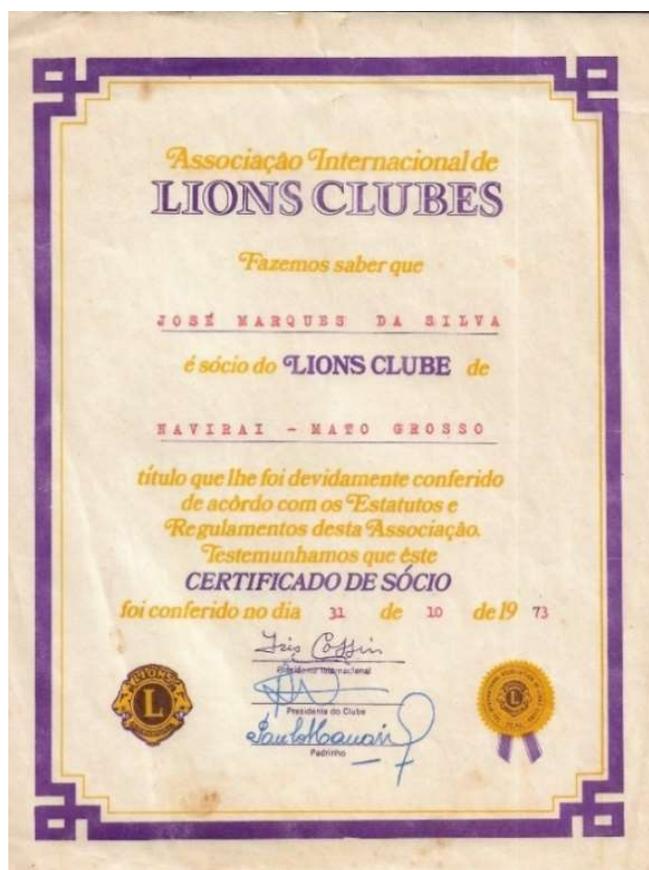
[...] o Lions Clube trabalhava para ajudar o Clube de Mães o Lar do menor e quem precisava. Porque se a gente fosse cuidar de tudo também não dava conta. Para arrecadar verbas, a gente fazia jantares, barracas nas festas juninas, vendíamos verduras produzidas dentro do departamento do projeto de horta do Clube de Mães, fazíamos exposições de quadros doados pelas sócias. Fazíamos tudo o que era possível. Esse era um grupo grande, era de 40 casais que ajudavam no Lions Clube. Às vezes 30, variava. Esses casais eram gente da sociedade como o doutor Ronald, o seu Sakai, o Euclides, o Nero de Brida e outros. Era assim: as mulheres no Clube de Mães e os maridos no Lions Clube, mas nós professoras estávamos no meio também (**risos**), às vezes. Era praticamente o mesmo grupo, todo mundo com aquele pensamento de servir, de fazer e ajudar o próximo. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifos da autora).

Ao observar a narrativa da professora Cleuza frente às experiências vividas com os pares nas figurações que ocupou na vida pública, sobretudo na área social, penso, assim como diria Delory-Momberger (2016), que as experiências que vivemos ao longo de nossa história, aconteceram em contextos históricos e sociais dos quais fizemos parte, e que no presente, reproduzem algumas marcas desses contextos. A autora também afirma que:

[...] os indivíduos atravessam sucessivamente, e algumas vezes simultaneamente, um grande número de espaços sociais e de campos institucionais: família, escola e instituições de formação, mercado de trabalho, profissão e empresa, instituições sociais e culturais, associações e redes de sociabilidade etc. (DELORY-MOMBERGE, 2016, p. 137).

Nesta mesma direção, as fontes da pesquisa também mostraram, assim como a própria colaboradora enfatizou, que seu esposo participava de algumas ações sociais da cidade junto com ela, como mostra a figura abaixo que certifica a afiliação de José Marques da Silva na associação Lions Clube. Portanto, ela era mais ativa na vida pública do que ele, o que mostra seu poder nas figurações educacionais e sociais que pertenceu.

Figura 19 - Certificado de sócio na Lions Clube de 1973

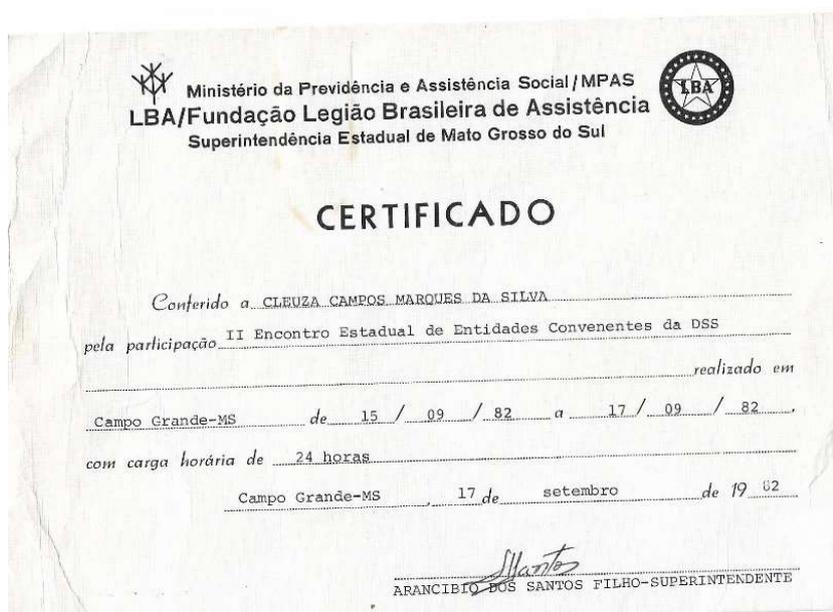


Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Interessante notar que o certificado data o ano de 1973, o que mostra mais uma vez o envolvimento do casal nas atividades de caridade desde a chegada ao município de Naviraí. Eles também davam apoio a vários projetos destinados a crianças, adolescentes e jovens como a Guarda Mirim e outros ligados à cultura e ao esporte, principalmente quando a professora Cleuza estava gestora na Gerência de educação. Portanto, conforme, relatou no momento da entrevista, embora seu esposo participasse de algumas ações, não era tão ativo, ele mais a apoiava em toda as empreitadas que ela encarava.

Outrossim, diz respeito à participação da professora Cleuza em treinamentos e cursos de capacitação, que ela, enquanto conselheira e representante da Assistência Social do município, procurava estar presente. Como retrata o documento, a seguir.

Figura 20 – Certificado estadual de 1982



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (2021).

Este documento atesta que se trata de um curso ministrado pela LBA em 1982, na cidade de Campo Grande. O evento específico para representantes de entidades conveniadas ao Ministério da Saúde, e o curso que a professora participou tratou sobre determinantes sociais de saúde – DSS²⁰. Buss e Pellegrini Filho (2007) informam que o

²⁰ As diversas definições de determinantes sociais de saúde (DSS) expressam, com maior ou menor nível de detalhe, o conceito atualmente bastante generalizado de que as condições de vida e trabalho dos indivíduos e de grupos da população estão relacionadas com sua situação de saúde. Para a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), os DSS são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população. (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007).

DSS foi uma iniciativa do Ministério da Saúde brasileiro, na década de 1980, que buscava ampliar o acesso aos serviços de saúde. Por meio desse sistema, o Ministério da Saúde estabeleceu convênios com entidades públicas, filantrópicas e privadas, como hospitais, clínicas, laboratórios e outras organizações de saúde, para garantir a prestação de serviços à população.

Ao analisar a vida pública da professora Cleuza e sua trajetória na Igreja Católica e Assistência social, observo que ela ajudou a criar e fortalecer o protagonismo feminino, sobretudo católico naviraíense, nas ações de caridade e assistência destinada ao povo menos favorecido economicamente no município.

Além disso, contribuiu com o surgimento de entidades e projetos assistenciais e educacionais voltados para mulheres, crianças e adolescentes e esteve à frente da primeira instituição de atendimento à infância em Naviraí que foi o Clube de Mães, considerado o marco histórico da educação infantil do município – instituição que a professora Cleuza esteve mais atuante durante a sua trajetória relacionado à área de assistência e caridade. Logo, vejo que a professora Cleuza não permaneceu no “fundo da cena social” como diria Norbert Elias (1994b), mas sim à frente da cena social e pública de Naviraí por ter se destacado em cada espaço que ocupou.

5.2. Os destaques à trajetória profissional da professora Cleuza

De modo que *nós não pegamos* a agulha e a linha para
bordar nossa história, *nós somos a agulha, a linha e o bordado*
que fazemos sobre o tecido da vida.
Passeggi (2021, p. 19, grifos do original)

Introduzo este capítulo com a epígrafe retirada do texto *Reflexividade narrativa e poder auto (trans) formador* de Passeggi (2021), para pensar a trajetória da professora Cleuza, sobretudo nos destaques que teve ao longo da carreira. E examinando a metáfora usada pela autora “[...] *nós somos a agulha, a linha e o bordado* que fazemos sobre o tecido da vida” (PASSEGGI, 2021, p. 19), logo penso, de fato, que somos responsáveis por criar nossa vida, as nossas experiências. Somos a agulha, que representa nossa vontade, capacidade de direcionar nossas ações e decisões. Somos a linha, que simboliza a conexão com as pessoas e os caminhos que seguimos ao longo da vida. E somos o bordado, que representa as escolhas que fazemos e as experiências que vivemos, em meio às figurações que compomos, que vão dando forma e cor ao tecido da nossa existência (ELIAS, 2006).

E assim, imagino que a professora Cleuza não foi apenas observadora, mas sim participante ativa na criação da sua própria história, junto com as pessoas que fizeram parte desse processo e desta maneira construiu sua trajetória profissional na educação e na Assistência Social de Naviraí.

Durante os anos de sua atuação, a professora Cleuza recebeu vários reconhecimentos pelo trabalho realizado na educação naviraiense e também na área social. Dentre os destaques, aponto alguns deles: o prêmio de melhores gestores da educação no âmbito nacional recebido por ela, como pode ser visto na foto abaixo.

Figura 21 – Professora Cleuza no evento nacional de secretários da educação em 2004



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (Ano de coleta - 2021).

Na Figura 22, a professora Cleuza está posando para a foto com o prêmio. Segundo ela, para participar desse evento foi realizada uma pesquisa no estado, à época, e ela foi nomeada entre os melhores secretários de educação do Brasil, sendo a melhor do estado de Mato Grosso do Sul. Sobre o evento a professora comentou:

[...] recebi um prêmio de melhor secretária de educação do Brasil. Até tenho o troféu ali, e os certificados, diplomas. Foi assim: em relação a essa premiação de melhor secretário do Brasil eles faziam uma pesquisa, não foi uma avaliação profunda do meu trabalho. Fizeram a pesquisa no país inteiro, e teve no nosso estado. Naviraí participou, e eu fui a escolhida a melhor secretária do estado. Mas houve muitos lugares que não concorreram, então não considero um título, assim... não foi o resultado de um trabalho em si. Agora os da educação infantil, sim. Nós trabalhamos, participamos de programas, projetos estaduais, nacionais e

as escolas ganharam grandes prêmios. Teve professor que o projeto foi eleito e até fez intercâmbio para os EUA. Agora esse de melhor secretária do Brasil, eu não vejo que foi um título de muito mérito. É igual destaque. Todo ano eu ganhava como a melhor secretária da prefeitura – era destaque. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Ao observar a narrativa da professora Cleuza percebo que ela parece não ter se sentido merecedora do prêmio, por não ter sido feito uma avaliação mais aprofundada de seu trabalho. Portanto, este foi um evento importante, e tanto a educação naviraiense, como o trabalho da professora, tiveram um reconhecimento no âmbito nacional representado por ela. Ao recordar esse episódio de sua trajetória profissional, a professora expressou o que esse acontecimento significou e o que sentiu quando viveu o momento.

Fui percebendo, ao longo das nossas conversas na entrevista, que ela em todos os contextos de glória vividos e conquistados por ela, fazia questão de destacar que não conseguia nada sozinha, e enfatizava “não foi eu, fomos nós” (Professora Cleuza, 2021, informação verbal). Isso vai ao encontro do que analisa Bosi (1994) em relação ao ato de recordar e afirma que “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada” (BOSI, 1994, p. 28). Assim cada fato, cada contexto e experiência é aquilo que cada pessoa acredita que é, e dá o significado conforme seu próprio olhar. Por outro lado, será que a professora Cleuza mencionou que não conseguia nada sozinha, por que foi uma pessoa pública? E como sabia que seus relatos seriam publicados, talvez tenha optado por dizer assim para valorizar também todos os colaboradores de sua vida pública.

De acordo com as fontes consultadas no arquivo pessoal da colaboradora, ela mantém em seus guardados mais de 20 peças relacionadas a certificados e diplomas de honra ao mérito pelo trabalho que fez em todos os setores que conseguiu contribuir – social, educacional, formação docente, entre outros. A seguir, a Figura 18 representa uma dessas peças do respectivo arquivo: trata-se de um diploma de honra ao mérito que a professora recebeu da Escola Estadual Juracy Alves Cardoso.

Figura 22 - Diploma de honra ao mérito de 2002



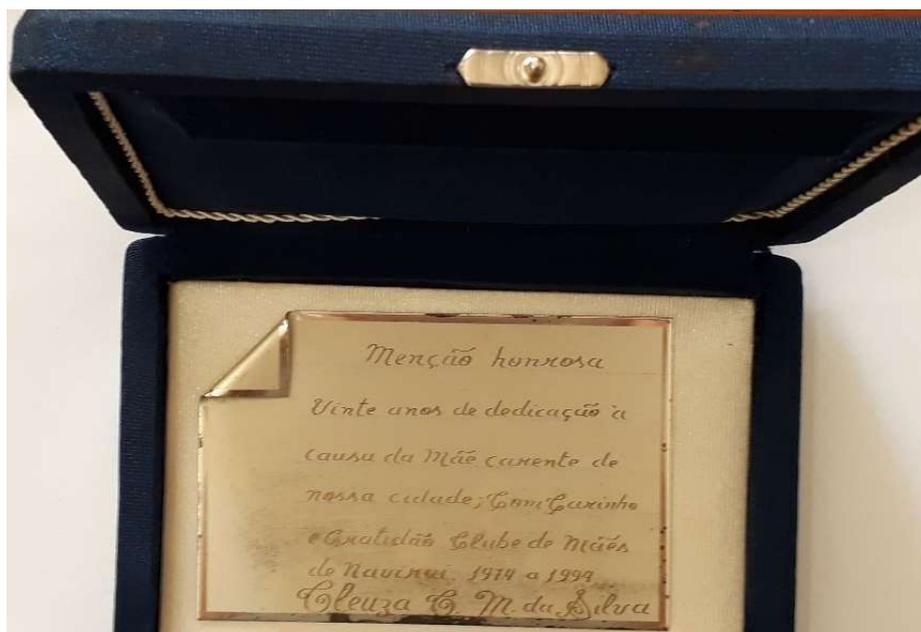
Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (Ano de coleta - 2021).

Esta escola que homenageou a professora Cleuza no ano de 2002, com esse Diploma de Honra ao Mérito, é uma instituição pela qual ela tem muito carinho, e no ato da entrevista recordou com muita emoção dos momentos vividos nesse lugar e trouxe à tona as lutas, dificuldades e conquistas que obteve junto com sua equipe, os alunos e demais envolvidos com o trabalho educacional. Porquanto, o lembrar é algo que faz a pessoa reviver experiências. É uma ação espontânea e nos faz voltar ao passado (FARIA, 2018).

Deste modo, cabe lembrar que foi na Escola Estadual Juracy Alves Cardoso, em seu tempo de gestora, que os primeiros cursos de formação docente de Naviraí ocorreram: o magistério, o normal de férias e o CEFAN, como já pontuei na subseção 4.1.2.

Na área da Assistência Social, a professora Cleuza também tem em seu arquivo pessoal muitas peças, entre fotos, objetos e certificados de honra ao mérito. Abaixo, a Figura 23 aponta uma menção honrosa recebida na área de atuação da professora.

Figura 23 – Menção honrosa, sem data



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (Ano de coleta - 2021).

A menção honrosa recebida, ilustrada na Figura 23, diz respeito ao reconhecimento das obras da professora Cleuza feitas, especificamente no Clube de Mães, instituição que ela dedicou grande parte de sua vida, onde desenvolveu várias obras de caridade junto com a Igreja Católica. Essa foi uma das formas de destacar publicamente o mérito da professora e valorizar seu trabalho.

Figura 24 - Título de Cidadã Naviraiense - 2011



Fonte: Arquivo pessoal da professora Cleuza (Ano de coleta - 2021).

Na Figura 24, a professora Cleuza está com suas amigas em um evento na Câmara Municipal de Naviraí. A ocasião era de entrega do Título de Cidadão e Cidadã Naviraiense, o qual foi criado para premiar aqueles que, com o reconhecimento da Câmara Municipal, prestam serviços relevantes e contribuem para comunidade. Desta forma, a professora Cleuza, a sra. Iolanda Fabris e Sra. Tereza Sakai foram as homenageadas da sessão solene na Câmara Municipal no ano de 2011.

Nesta perspectiva, “algo começa, se desenrola, chega ao fim, em uma sucessão, uma acumulação, uma sobreposição indefinida de episódios e de peripécias, de provações e de experiências” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136). Ao relatar suas conquistas, a professora Cleuza acrescentou que no decorrer de sua trajetória profissional sempre esteve muito envolvida em formações, capacitações, porém tinha um grande sonho, o qual não conseguiu realizar que era cursar psicologia – uma de suas grandes paixões:

[...] algo que ficou talvez, posso dizer incompleto foi a minha formação. Me considero limitada. Fiz curso de nível superior, como pedagogia e esses cursos vagos, e apesar de que tinha de estudar toda legislação, isso eu estudava muito por conta das minhas funções, algo faltou. O meu português, coisa que eu queria ter investido mais, eu queria ter sido uma psicóloga e não tive oportunidade. Não deu para fazer tudo que eu queria. Incentivei tanto os professores para serem doutores, mestres e eu não investi em mim como queria, porque também não dava tempo. E como eu ia cuidar de tudo isso e estudar! Era uma coisa ou outra. E Deus me deu essa graça de liderança, então eu quis contribuir. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Nessa linha de raciocínio, ao longo da pesquisa procurei saber quais foram as motivações que levaram a professora Cleuza a conquistar lugares de destaque na comunidade naviraiense, a fazer suas escolhas e seguir por esses caminhos no decorrer de sua trajetória na educação, enquanto professora, gestora, também atuante na Igreja e na Assistência Social mantendo, ao mesmo tempo, a responsabilidade de esposa e mãe. Como pode ter conseguido dominar tudo? Será que realmente deu conta de cumprir com seu papel em todos esses espaços que eram parte de sua vida privada e pública?

Por meio das fontes consultadas no arquivo pessoal da professora posso afirmar que as conquistas dela são resultantes do seu esforço e, portanto, principalmente pelas relações que construiu e as interdependências estabelecidas que viveu com as pessoas de influência política e religiosa que fez amizade, desde quando chegou a Naviraí. E isso parece que favoreceu e impulsionou sua presença e a sua contribuição em todas as figurações das quais participava (ELIAS, 2006), tal como ela relata:

[...] eu acho que, o que me movia era o amor ao próximo. Por conta também que eu já tinha uma formação religiosa familiar sólida. Então, eu sentia vontade de contribuir. Nunca fui rica. Nunca ganhei para fazer as obras de caridade que fiz. Foi doação mesmo, um compromisso que cada vez que eu participava sentia que alguém tinha que fazer aquilo, que tinha que estender a mão, tinha que orientar. Sabe? E ver as pessoas felizes por conta do nosso trabalho, porque eu não fiz nada sozinha, me dava satisfação, muita alegria, e isso me movia para fazer o que fazia. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Contudo, na narrativa da professora assimilei que o poder de sua formação familiar e religiosa em suas escolhas ligadas às ações sociais. Esse foi um fator determinante que a conduziu por toda a sua vida pública na área da Assistência Social. Ela foi, de certa forma, conduzida e ensinada para este caminho. Em relação à segunda indagação levantada, sobre se conseguiu cumprir seu papel – desempenhado em todos os espaços que ocupou na vida privada e pública –, a própria professora, ao olhar para a sua trajetória, analisar sua história, enfatizou que não! Teve um lugar que se pudesse voltar ao tempo, se movimentaria de forma totalmente diferente: a sua família, os seus filhos, seu esposo, a sua vida privada. Desta forma narrou:

[...] se tem uma coisa que sinto que falhei, que deixei a desejar, foi com meus filhos. Mas eles estão todos aí, formados e pessoas do bem. Mas eu acho que enquanto esposa também falhei! (**Cleuza parou por um instante, respirou fundo, e seguiu contando**). Olha, eu vou te dizer uma coisa: a gente tem que deixar, não tem como você dar conta de tudo. Então, os meus filhos, hoje vejo que eu poderia ter ficado mais com eles, eu me dedicava muito às questões da escola. Só que acabavam aceitando isso. Mas não sei, essas são questões internas deles que eu não sei exatamente expressar. Portanto, sei que a minha ausência era sentida. O meu marido, ele era tão calmo, me apoiava em tudo. Creio que ele deve ter sentido também minha ausência, mas nunca disse nada e me apoiava. Muitas vezes ficava me esperando acabar o expediente para me trazer para casa, às vezes dormia no carro enquanto esperava. Ele era muito meu parceiro. Eu acho que eu só consegui fazer tudo o que fiz, por conta da aceitação dos meus filhos e do meu marido não fosse assim, não teria conseguido. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Uma memória marcante, uma autorreflexão e um sentimento de reconhecimento do apoio que recebeu por parte de sua família, em todas as conquistas que se permitiu realizar: o trabalho na educação e na Assistência Social. Deste modo, a memória tem lugar importante no processamento de lembranças e experiências que vivemos ao longo da trajetória profissional e pessoal, como menciona Portelli (2016, p. 45), “a memória é como a respiração: podemos respirar bem ou mal, podemos respirar um ar bom ou ruim, mas não podemos parar de respirar por muito tempo”.

Assim, vejo que a professora Cleuza, mesmo colocando que sua ausência foi sentida pela família durante a sua carreira na educação e demais espaços sociais que ocupou, parece ainda se orgulhar pelos filhos terem “dado certo”, como acrescentou, pelo fato de terem estudado, formado suas famílias e seguido suas vidas. A professora comentou também que teve forte apoio de pessoas do seu ciclo social e familiar mais próximo, por terem ajudado no cuidado de sua casa e dos filhos, principalmente seus pais, pelo papel fundamental que exerceram em sua vida nesse sentido.

Nessa perspectiva, quando questionada se existia algo que marcou sua vida e sua história no decorrer de sua trajetória profissional, alinhavada por todos os lugares e funções que exerceu, a professora Cleuza enfatizou o fato de poder impulsionar e ver o crescimento e a alegria de cada educador que conseguiu formar, além de colaborar para o ingresso de pessoas na carreira docente e na continuidade dos estudos e do aperfeiçoamento. E também por ter conseguido alcançar resultados satisfatórios para a educação naviraiense durante sua estada na Gerência Municipal de Educação, a satisfação de ter contribuído com as famílias que participaram dos projetos nas instituições filantrópicas, como exemplo, o Clube de Mães. Em suas palavras:

[...] fica uma marca de dever cumprido e de satisfação. Eu acho que consegui, não totalmente, mas realizei o objetivo das minhas propostas. Consegui muitos amigos, muito respeito por todos. Implantei e transmiti alguma coisa de bom na educação, na formação e na vida dos professores, das famílias no Clube de Mães... Acho que consegui cumprir com aquilo que eu me propus a fazer para Deus: que era ajudar e servir. Me sinto realizada nesse sentido, graças Deus. E Ele me abençoou muito durante minha trajetória aqui. Acho que sem a bênção Dele, eu não teria conseguido, porque lidar com pessoas não é fácil e conquistar pessoas também não, e eu conquistei muitas. Me sinto realizada e feliz. Até hoje quando vejo os alunos, professores conquistando, crescendo eu fico muito feliz e realizada por ter tido parte na educação de Naviraí/MS e de ter deixado minha contribuição. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal).

Em suma, na fala da professora, observo que ela atribui a capacidade de realização ao auxílio e serviço a Deus, sentindo-se realizada por ter ajudado e servido. Ela se considera abençoada ao longo de sua trajetória e acredita que sem uma “bênção divina” não teria vencido e conseguido lidar com pessoas e conquistar tantas outras. Em vista disso, a professora Cleuza expressa um sentimento de realização, felicidade e gratidão por ter cumprido um papel na educação de Naviraí, e por ter deixado sua contribuição. Ela

demonstra alegria ao ver os alunos e professores crescendo e reforça sua sensação de dever cumprido impactando positivamente em sua comunidade até os dias de hoje.

Mediante o exposto, cabe pensar com Norbert Elias (1994a, p. 103) que “as pessoas só podem conviver harmoniosamente como sociedades quando suas necessidades e metas socialmente formadas, na condição de indivíduos, conseguem chegar a um alto nível de realização [...]”. Tal entendimento nos leva à reflexão de que a realização individual está intrinsecamente ligada ao bem-estar e à realização coletiva e social.

Deste modo, a professora Cleuza tem sido uma das colaboradoras na construção da educação naviraiense, desde o ano de 1971 quando chegou ao município, ingressando na docência e na gestão administrativa e escolar, contribuindo assim para se tornar personagem central na história da educação do município. Em virtude disso, cabe reafirmar o legado deixado pela professora Cleuza que pude discorrer ao longo da pesquisa.

Desta maneira, acrescento a visão da professora a respeito de seu legado, a qual revelou que ele está associado à sua doação à comunidade naviraiense. Como concluiu:

Eu acho que o legado que sinto que deixei foi o amor, o respeito ao próximo e a seriedade de fazer o que se precisa para uma educação e uma sociedade melhor e mais humana. Acho que cumpri com meu dever, minha missão, dentro do que foi possível. Tenho sido muito respeitada e valorizada em todos os lugares que passei. Tive uma boa convivência e fiz muitas parcerias. Contribuí com a minha cidade, fiz muitos amigos, proporcionei formação de alunos, professores para que eles conseguissem seguir seu caminho com mais estrutura. Foi um legado de contribuição mesmo para a comunidade naviraiense, como um todo. Eu amo Naviraí, o que eu puder fazer ainda hoje eu faço, mesmo estando fora dos setores. Eu apoio porque é a minha cidade. Meus filhos nasceram aqui. Eu vivi a minha vida inteira, são 50 anos de Naviraí – vai fazer agora em julho. E eu tenho muito a agradecer à comunidade por ter tido a oportunidade de fazer todo este trabalho de oferecer o que pude e também receber o apoio das pessoas e todo respeito. Fiquei na lembrança de muitos, e isso é bom. (Professora Cleuza, 2021, informação verbal)

Ao ler, e reler as narrativas da professora Cleuza, lembro-me do que ensina Norbert Elias (1995) ao colocar que “a vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais- **suas**- aspirações” (ELIAS, 1995, grifo nosso, p. 13). Neste sentido, vejo que a professora Cleuza, conforme as suas palavras, parece ter cumprido com o que ela mesma colocou como missão, que foi contribuir com a sua cidade, a educação escolar, a educação social, em se tratando da Assistência Social. Enfim, com o povo naviraiense, por meio de suas ações nessas figurações que atuou e ajudou a construir.

E pelas análises realizadas, a partir da documentação apresentada nesta pesquisa, e também por meio dos relatos da professora Cleuza, percebo que ela colaborou com a gênese da educação naviraiense. Ao longo de sua trajetória e atuação nos diferentes espaços educacionais, impulsionou o crescimento da educação de Naviraí, e os seus feitos têm ficado na memória das pessoas que tiveram acesso aos seus projetos e programas: tanto pelos educadores, na área de formação, capacitação docente e de prática pedagógica na rede municipal de ensino, quanto pelas famílias carentes acolhidas dentro das atividades sociais que realizou unida às demais mulheres citadas por ela, quando juntas constituíram também o protagonismo feminino na educação social do município.

Desta maneira, acredito que “[...] o significado de tudo que uma pessoa faz reside no que ele ou ela significa para os outros” (ELIAS, 1993, p. 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a trajetória profissional e a história de vida da professora Cleuza nesta pesquisa foi um grande desafio e ao mesmo tempo uma oportunidade de olhar para a história da educação local e conhecer a vida e as obras de uma das personagens da História da Educação naviraiense. Essa é uma das premissas da abordagem biográfica, adotada neste estudo que tem me permitido evidenciar o modo como a professora Cleuza, enquanto professora, gestora, formadora, católica, esposa e mãe, mobilizou seus conhecimentos, valores, poder, habilidades de liderança frente a cada contexto que viveu e lugares que ocupou na educação escolar e educação social do município.

Neste sentido, a pesquisa teve como objetivo geral analisar a trajetória profissional e de vida da professora Cleuza Campos Marques da Silva como uma forma de compreender parte da História da Educação de Naviraí, a partir de seu arquivo pessoal no período de 1971 a 2008.

Cabe retomar também algumas problemáticas que nortearam a pesquisa, que foram: Como a professora Cleuza foi compondo-se nas figurações que participou no decorrer de sua carreira e quais as relações de interdependência estabelecidas entre os pares, durante os múltiplos espaços percorridos em diferentes tempos da trajetória pessoal e profissional? Como a professora, enquanto mulher, pôde conquistar o seu lugar na profissão docente em diferentes espaços como coordenação e gestão, assumindo também responsabilidades na Assistência Social e ao mesmo tempo manter o seu papel de esposa e mãe? E quais as contribuições da professora Cleuza e dos documentos de seu arquivo pessoal para a história da educação de Naviraí?

Nesta perspectiva, a fim de descobrir as respostas para essas questões e promover um diálogo analítico, comecei o estudo trazendo reflexões acerca da abordagem biográfica, apresentei o arquivo pessoal da professora em tela e os procedimentos teórico-metodológicos baseados na História Oral Temática e método empírico documental.

Segui com os episódios da vida privada da professora Cleuza destacando sua família, a infância, a escolarização, bem como aspectos de seu casamento e a chegada ao município de Naviraí, em 1971. Mostrei toda dinâmica e as relações interdependentes vividas pela professora nas figurações que construiu e participou. Posteriormente, analisei a vida pública da professora Cleuza trazendo elementos históricos da educação naviraiense num primeiro momento, e em seguida discuti acerca da sua formação superior, o início na docência e a atuação nos demais espaços educacionais. Também enfatizei o trabalho da

professora na Gerência Municipal de Educação, na Gerência Geral da prefeitura e sua inserção nos demais espaços de sociabilidades como a Igreja Católica e Assistência Social e os destaques alcançados pela professora durante sua trajetória profissional.

Deste modo, foi possível compreender que o arquivo pessoal da professora Cleuza deu luz ao caminhar da pesquisa, e toda documentação consultada e analisada, por meio dos conceitos eliasianos, entre os quais destaco: o de figuração, interdependência e relações de poder que adotei, têm me permitido compreender as memórias da professora Cleuza, por meio de suas experiências registradas em álbuns, fotos, jornais, certificados, pastas, quadros, *banners*, entre outras fontes documentais, que me levaram a entender parte do cenário histórico da educação de Naviraí.

A tese que desenvolvi ao longo da pesquisa revelou que a trajetória profissional e de vida da professora Cleuza Campos Marques da Silva, bem como os documentos arquivados por ela ajudaram a compreender parte do cenário histórico da educação e formação docente em Naviraí, tornando-a uma personagem central nessa conjuntura, e mostrando como ela foi se constituindo nesse papel, nos múltiplos espaços que ocupou e ajudou a formar. E ainda indica que a história do povo naviraiense e sua educação tem sido construída num processo de mudanças permeado por esforços coletivos, com diferentes ideais trazidos pelos imigrantes que se instalaram no município, seguindo modelos educacionais que foram sendo estruturados e delineados conforme as necessidades e os interesses dos envolvidos com a educação de Naviraí.

Ao transitar pela trajetória profissional e de história de vida da professora Cleuza e realizar todo o exame analítico nesta pesquisa, foi possível perceber que cada história de vida, cada percurso profissional e cada atuação é, de fato, única. E deste modo, sinalizo que a vida privada e a vida pública da professora Cleuza, têm sido permeadas pelas nuances de poder e constituídas por teias de interdependência desde sua chegada ao município de Naviraí até sua constituição na educação escolar e educação social perpetuada pelos espaços importantes dentro desses setores.

Por meio da documentação analisada ao longo do estudo, entendi que a professora Cleuza, além de todos os seus contributos à educação escolar também tem ajudado a formar um protagonismo feminino na área da educação social frente à Assistência Social do município, e ainda, por meio de suas ações de caridade, projetos e programas ligados à Igreja Católica. A professora Cleuza foi influente nas áreas que ocupou e ganhou confiança e empatia das pessoas onde atuou e sempre viveu.

Ela construiu sua trajetória profissional em meio a amigos e influências políticas, o que me levou a considerar que, além de sua competência de liderança, esse fato deu forças para que suas atuações fossem realizadas.

Observei, a partir dos dados da pesquisa, que a professora Cleuza, ao longo de sua trajetória na vida pública, construiu um legado que marcou de forma direta ou indiretamente as pessoas com as quais conviveu e trabalhou durante a sua atuação, conforme procurei ilustrar ao longo dessa pesquisa de doutoramento. Para ela, foi um legado de contribuição ao próximo, seja na educação ou área social. A partir das discussões desenvolvidas, considero que o legado da professora Cleuza foi o de inspirar profissionais a crescerem, a encontrarem sua realização pessoal na profissão e a se enxergarem como agente de transformação de vidas através da educação.

Desta maneira, acredito ainda que a trajetória profissional e a história de vida da professora Cleuza foi um caminho permeado por lutas, dificuldades e conquistas ligadas aos desejos e objetivos não só individuais, mas também coletivos, entre as colaborações com seus pares em cada espaço que ocupou – escola, gestão, prefeitura, Igreja Católica, Assistência Social –, e as relações de poder estabelecidas dentro dessas figurações.

As análises também mostraram a importância dos arquivos pessoais, na sobrevivência das lembranças e memórias de experiências pessoais e profissionais que compõem as histórias de vida de professores, e no caso da professora Cleuza, seu arquivo pessoal dá visibilidade à vida, à sua trajetória profissional, às memórias e experiências construídas, e às organizações pedagógicas, em determinado período, e permitiu narrar um contexto importante na pesquisa em História da Educação no interior do estado.

Em vista disso, registro, ao fechar esta tese, que caminhos continuam abertos para que novas investigações e interpretações sejam desdobradas, a fim de avançarmos mais o debate sobre histórias de vida de professoras e suas trajetórias docentes e arquivos pessoais, ampliando desta forma, pesquisas no Mato Grosso do Sul no campo da História da Educação. E por fim, acrescento:

A vida de um escritor de tese que decide escrever sobre a vida, e a vida do outro, é assim: vai de mansinho, pega fonte aqui e acolá e depois se enlouquece sem saber onde encaixar. Enlouquece, se acalma, e então segue mesmo assim, até colocar cada fonte no lugar, mesmo parecendo que nunca vai chegar ao fim.

E ao chegar ao fim, percebe que, na verdade, não tem fim pois a riqueza da trajetória de um indivíduo construída ao longo de sua vida, jamais pode ser contada em simples folhas de papel.

Logo, a trajetória profissional e vida da professora Cleuza, bem como, a História da Educação naviraiense jamais caberiam em todas as páginas desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

A MISSÃO do MCC no Brasil. **Organização de coordenação e serviço do Movimento de Cursilhos de Cristandade em todo o Brasil**: Disponível em: <https://www.cursilho.org.br/novo/nossamissao/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta atenta, compreensão cênica. O studium e o punctum possíveis. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B.; BRAGANÇA, I. F. S.; ARAÚJO, M. S. (org.). **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014. p. 57-77.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Do paradigma tecnicista à aventura (auto)biográfica: narrativa de uma pesquisadora em educação. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A Nova Aventura (Auto)biográfica**. Tomo II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018b, p. 393-340.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRANGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de vida de educadores/as sociais em pesquisa narrativa (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 13, p. 16-23, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8418/pdf/>. Acesso em: 16 set. 2020.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. *In*: ALMEIDA, Jane Soares. São Paulo: Ed. Unesp, 1988, p. 539-542.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Percurso de um *Arq-Vivo*: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação. Porto Alegre: Letra1, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/220200/001124528.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 jun. 2021.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. O testemunho dos arquivos e o trabalho do historiador da educação. **Hist. Educ.** Porto Alegre, v. 22, n. 55, p. 279-292, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/dcPv7JR63SgBGGHzcX9TxxM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 maio 2022.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. Teorizando e apresentando fontes para a pesquisa sobre a história da escola e da escolarização no Paraná. *In*: SILVA, Eliane Paganini; SILVA, Sandra Salete Camargo (org.). **Metodologia da pesquisa científica em educação**: dos desafios emergentes a resultados eminentes. Curitiba: Íthala, 2016, p. 100-113.

ARCANJO, Natália Gomes Teixeira. História do Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) “Juracy Alves Cardoso” de Naviraí-MS (1992-2000). 2021. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2021.

ARCE, Alessandra. A “Era das Revoluções” (1789-1848): o mundo na época de Froebel e Pestalozzi. In: ARCE, A. (org.). **A pedagogia na “era das revoluções”**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 21-61.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**. v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BARROS, Manoel de. Desprezo. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006, p. IX.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivística**: objetos, princípios e rumos. Associação de arquivística de São Paulo, 2002.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. O papel instrumental dos arquivos e as qualidades profissionais do arquivista. **Ágora**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 5-18, 2012. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/402/pdf>. Acesso em: abr. 2022.

BEN-PERETS, Mirian. VI II Episódios do passado evocados por professores aposentados. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 2000.

BOSI, Ecleia. Tempo de lembrar. In: BOSI, E. (org.). **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 183-191.

BRASIL – Ministério da Educação, 2018. **Secretaria de Educação Básica**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BRASIL – Ministério da Educação, 2015. **Especialistas indicam formas de combate a atos de intimidação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487#:~:text=Tamb%C3%A9m%20chamado%20de%20intimida%C3%A7%C3%A3o%20sistem%C3%A1tica,ang%C3%BAtica%20%C3%A0%20v%C3%ADtima%2C%20em%20uma>. Acesso em: 18 ago. 2022.

BRASIL. **Lei Complementar nº 31**, de 11 outubro 1977. Cria o Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. Brasília, 11 de outubro de 1977. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp31.htm. Acesso em: 14 mar. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Brasília, 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm. Acesso em: 12 set. 2018.

BRITEZ, Adriana Espíndola. **Episódios da trajetória de Oliva Enciso**: a gênese de instituições educativas filantrópicas e profissionalizantes não estatais no Sul do Antigo

Mato Grosso (1930-1970). 2020. 294 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

BRITTO, Augusto César Luiz.; CORRADI, Ana Laura. Considerações teóricas e conceituais sobre arquivos pessoais. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 11, n. 3, dez. 2017, p. 148-169. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/22745/15505/>. Acesso em: 16 out. 2020.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v. 28, p. 11-30, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqw3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Ed. Unesp, 2017.

BUSS, Paulo Marchiori.; FILHO, Alberto Pellegrini. A saúde e seus determinantes sociais. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2007, p. 77-93. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Downloads/v17n1a06.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

CAMARA, Sônia. As damas da assistência à infância e as ações educativas, assistenciais e filantrópicas (Rio de Janeiro/RJ, 1906-1930). Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. **Revista História da Educação**, v. 21, n. 53, p. 199-218, set./dez. 2017, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/Z6LpBMbWC7NXb9vJ864hNLq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CAMPOS, Míria Izabel. **Tempos de escritas**: memórias de infância, docência e gênero. 2018. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2018.

CAMPOS, Míria Izabel.; SARAT, Magda. (Re)constituir-se: formação de professoras para educação das crianças. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 38, e76648, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/zwYqPJ73Td6q5CXTjJvx88K/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

CANABARRO, Ivor. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1336/1041> Acesso em: 17 out. 2019.

CATANI, Denise Barbara. A autobiografia como saber e a educação como invenção de si. *In*: SOUZA, Elizeu. Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Rio do Janeiro: ediPUCRS, 2006, p. 77-88.

CATANI, Denise Barbara. Ficções teóricas e ficções (auto)biográficas: elementos para uma reflexão sobre ciência e formação no campo educacional. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês. Ferreira. Souza.; ARAÚJO, Mairce Silva (org.). **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014. p. 27-37.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século XX). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/37036/22828>. Acesso em: 11 jul. 2023.

CUNHA, Maria Teresa Santos. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. **Hist. Educ.** (on-line), Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 187-206, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/66723>. Acesso em: 25 out. 2022.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Essa coisa de guardar...Homens de letras e acervos pessoais. **História da Educação**, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3216/321627131012.pdf/>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CUNHA, Maria Teresa; ANDRADE, Ana Luiza Santiago. **Falando sobre arquivos pessoais**: guardados sobre Sandra Jatahy Pesavento em tempos salteados (décadas de 1980-2000). **RIHGRGS**, Porto Alegre, n. 158, especial, p. 85-100, dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/103557/59408>. Acesso em: maio 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 17 out. 2023.

DOSSE, François. A história. DOSSE, François (org.). Tradução Maria Helena Ortis Assumpção. Bauru, SP: EdUSC, 2003.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1980.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. In: ELIAS, Norbert (org.). **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. Revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. 2. ed. v. I, Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Tradução do posfácio de Pedro Sussekind. Apresentação e revisão técnica de Frederico Neiburg. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. Norbert Elias por ele mesmo. *In*: Zahar, Jorge (org.). **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução, TELLES, A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. Escritos e ensaios. *In*: NEIBURG, F.; WAIZBORT, L. (org.). **Escritos e ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FARIA, Adriana Horta. **Trajetórias de professores homens que atuaram com crianças no interior de Mato Grosso do Sul (1962-2007)**. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2018.

FERREIRA, Moraes de Marieta; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTOS, Francisca Mayane Benvindo; SALES, José Albio Moreira. Pesquisas biográficas na História da Educação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 26, n. 3, jul./set., 2019. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/12743>. Acesso em: 19 ago. 2023.

FONSECA, Sérgio César; ALMEIDA, Elmir. **Legião Brasileira de Assistência em São Paulo e a interiorização de políticas para a infância**. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3216/321645344007/html/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

FREITAS, Maria Ester de. Viver a tese é preciso! Reflexões sobre as aventuras e desventuras da vida acadêmica. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 42, n. 1, jan./mar. 2002, p. 88-93. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/6JjV5FSbbZYbKhbW7Mxkfzv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 nov. 2021.

GEBARA, Ademir; LUCENA, Ricardo Figueiredo. Norbert Elias poder e cotidiano. **Revista da ALESDE**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 56-66, setembro 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/22599>. Acesso em: 19 maio 2021.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas sinais: morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Djalma Lino. **A colonizadora Vera Cruz Mato Grosso Limitada e a formação de Naviraí**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados/MS, 2015, 137p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice Editora/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HONORATO, Tony. Elias, Mozart e notas para uma história dos intelectuais da educação. **Norbert Elias: educação, política e processos sociais**. *In*: PANTALEÃO, Edson *et al.* (org.). Vitória, ES: EdUFES, 2022. Disponível em: <https://repositorio>.

ufes.br/bitstream/10/12142/4/Livro27NorbertElias_ebook%20final_MENU.pdf. Acesso em: fev. 2022.

HUNGER, Dagmar. ROSSI, Fernanda; NETO, Samuel de Souza. A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 697-710, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v37n4/a02v37n4.pdf/>. Acesso em: 27 out. 2020.

JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: PASSEGGI, M. Conceição (org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal, RN: Ed. UFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 23-50.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, n. 13, p. 40-54, 2020.

JOUTARD, Phillippe. Desafios à história oral do século XXI. In: MORAES, M. F.; FERNANDES, M. T.; ALBERTI, V. (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 31-45.

KHODEM, Josiane Brolo. **A reinvenção da escola: histórias, memórias e práticas educativas no período colonizatório de Sinop – MT (1973-1979)**. 2012. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012. Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/894/1/DISS_2012_Josiane%20Brolo%20Rohden.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023.

LEÃO, Andrea. Borges. **Norbert Elias e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LE GOFF, Jacque. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1990 (Coleção Repertórios). Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf/>. Acesso em: 12 jun. 2018.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XXI. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anais mp/v13n1/a05v13n1.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer como pensar**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEARWRIGHT, Leandro (org.). **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2021, 192p.

MONTIEL, Larissa Ways Trein. **A tessitura do direito à educação em Mato Grosso do Sul: um estudo da trajetória do Plano Estadual de Educação (1983-2003)**. 2010. 257 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2010.

- MOITA, Maria da Conceição (org.). Percursos de formação e de transformação. *In*: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto: Ed. Porto, 2000. p. 111-140.
- MORSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleuni Maria Barboza. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e intelecções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/18875/12399>. Acesso em: 21 maio 2020.
- NAVIRAÍ, MS. **Livros de Atas do Clube de Mães**. Naviraí, 6 de março, 1974.
- NAVIRAÍ, MS. Projeto. **Atendimento ao menor abandonado**. Naviraí, 1996.
- NEVES, Julia Guimarães.; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. A vida em forma de história: tempos/lugares de experiência. **Educação**, Santa Maria, v. 45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/35844/pdf/>. Acesso em: 27 out. 2020.
- NISHIMOTO, Miriam, Mity. Hábitos professoral e herança cultural nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa. **ANPED - Centro de Convenções de Natal/NR**, 2011. <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT08/GT08-790%20int.pdf/>. Acesso em: 24 set. 2020.
- NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto, PT: Ed. Porto, 2000, p. 11-30.
- NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n.166, out./dez. 2017, p.1106-1133. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106.pdf/>. Acesso em: 26 out. 2020.
- PADIN, Deysiane Pereira. **O Grupo escolar Marechal Rondon (1967-1974): História da primeira instituição escolar no perímetro urbano de Naviraí-MS**. 2020. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/4529/1/DeysianePereiraPardin.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- PASSEGI, M. C. As duas faces do memorial acadêmico. **Odisseia**, Natal, v. 9, n. 13-14, p. 65-75, 2002.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>. Acesso em: 14 maio 2023.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto (trans) formador. **Revista Práxis Educacional**. v. 17, n. 44, p. 1-21, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018>. Acesso em: 12 jan. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Pierre Bourdieu: da “ilusão” à “conversão”. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br>. Acesso em: 27 ago. 2022.

PENTEADO, Regina, Zanella; NETO, Samuel de Souza. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 28, n. 1, 2019. p. 135-153. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v28n1/1984-0470-sausoc-28-01-135.pdf/>. Acesso em: 25 out. 2020.

PERROT, Michelle (org.). **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle (org.). **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte de escuta**. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRADO, M. E. A importância das fontes documentais para a pesquisa em história da educação. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande**, v. 16, n. 31, p. 124-133, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://desafioonline.ufms.br/ojs/index.php/intm/article/viewFile/2446/1603/>. Acesso em: 23 ago. 2018.

PRIORE, Mari Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, v. 10, n. 19, jul-dez. 2009, p. 7-16. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/wjzgxRYmBc577pm4QqVfDtb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Giseli Tavares de Souza. **História do Clube de Mães e as origens do atendimento à criança pequena em Naviraí/MS (1970-1990)**. 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2019.

RODRIGUES, Giseli Tavares de Souza. Desenvolvendo pais e filhos confiantes e capazes. In: MARTINEZ, Cristina (org.). **Disciplina e afeto: como criar filhos emocionalmente fortes e preparados para o mundo**. São Paulo: Literare Books Internacional, 2023, 135-144p.

ROSEMBERG, Fúlvia. Organizações multilaterais, estado e educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC, n. 115, 2002. p. 25-63. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/568/567>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SÁ AVELAR, Alexandre de. Figurações da escrita biográfica. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 137-155, jan.-jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/14021/7987>. Acesso em: 29 abr. 2023.

SÁ, Elizabeth Figueiredo. **Grupos Escolares e Escolas Reunidas**: a implantação e expansão da escola graduada em Mato Grosso. Sociedade Brasileira de História da Educação, V CBHE 2008, 09 a 12 de novembro de 2008. Disponível em: Acesso em: 13 abr. 2019.

SANCHES, Roberto. O saber da narração: Paul Ricoeur e Marie-Christine Josso. *In*: ABRAHÃO, Maria, Helena Mennaa, Barreto. (org.) **(Auto)biografia e formação humana**. São Paulo/Natal: Paulus/EdUFRN, 2010. p. 109-119.

SANTOS, Héllen Thaís dos. **A constituição da profissionalização docente em creche**: narrativas autobiográficas. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/SP, 2013.

SANTOS, Vanessa Kusminski dos. **Percursos de vida, formação e atuação docente**: Maria do Rozário Pereira Valente (1951-2022). 2023. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2023.

SARAT, Magda; CAMPOS, Míria Izabel. Memórias da infância e da educação: abordagens eliasianas sobre as mulheres. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1257-1277, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/bMnh4dXN5CLQYsnhpLw3qqb/?format=pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

SARAT, Magda; SANTOS, Reinaldo dos. **Sobre processos civilizadores**: diálogos com Norbert Elias. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/sobre-processos-civilizadores-dialogos-com-norbert-elias-magda-sarat-e-reinaldo-dos-santos-orgs.pdf>. Acesso em: 25 maio 2020.

SARAT, Magda. **Histórias de estrangeiros no Brasil**: infância, memória e educação. 2004. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba/SP, 2004.

SARAT, Magda. História da formação de professoras para a infância: experiências no Brasil e na Argentina. **Teoria e prática da educação**, v. 18, n. 1, jan./abr. 2015. p. 23-36. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/28995/15053/>. Acesso em: 11 set. 2020.

SARAT, Magda; SUTTANA, Renato. “Bela, recatada, e do lar”: memórias dos modelos civilizados para as meninas/mulheres. **Norbert Elias**: educação, política e processos sociais. *In*: PANTALEÃO, Edson *et al.* (org.). Vitória, ES: EdUFES, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/12142/4/Livro27NorbertElias_ebook%20final_MENU.pdf. Acesso em: 12 fev. 2022.

SILVA, Daniele Nunes Henrique; SIRGADO, Angel Pino; TAVIRA, Larissa Vasques. Memória, narrativa e identidade profissional: Analisando memoriais docentes. **Cad. Cedes, Campinas**, vol. 32, n. 88, p. 263-283, set.-dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wpHFc5QtNMvB6DcNzJypZms/?format=pdf&lang=p>. Acesso em: 18 nov. 2022.

SIMÃO, Ana Maragrida de Veiga.; FRISON, Lourdes MariaBragagnolo. Histórias de vida em pesquisa (auto) biográfica: circuito que inclui tempos, lugares e autorregulação

da aprendizagem. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**. Salvador, v. 5, n. 13, p. 71-90, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7508>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SOUSA, Cíntia Pereira de. A perspectiva do gênero nos estudos sobre narrativas autobiográficas. In: PASSEGGI, M. C. (org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Paulus/EdUFRN, 2008, p. 317-334.

SOUZA, Elizeu, Clementino de. (Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação. **Memória e formação de professores**, 2007. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf/>. Acesso em: 16 maio 2018.

SOUZA, Elizeu, Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2006. p. 135-147.

SOUZA, Elizeu, Clementino de. Autobiografia como acontecimento: vida, pesquisa e formação. In: ABRAHÃO, Maria H. M. B. *et al.* (org.). **A nova aventura (auto)biográfica - Tomo III**, EdiPUCRS, Porto Alegre, 2018, p. 107-139.

TEIXEIRA, Maria Lúcia Aguiar. **A escola como lugar de memória**. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428380432_ARQUIVO_AESCOLA_COMOLUGARDEMEMORIA-MariaLucia.pdf. Acesso em: 14 mar. 2023.

VARGAS, Priscila. **História do Lar Santa Rita e a assistência à infância em Dourados-MT/MS (1965-1982)**. 2022, 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2022.

VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte. A fotografia como fonte para a história da educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 30, n. 2, p. 177-194, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/3745/2149>. Acesso em: 20 set. 2023.

VINCENTINI, Paula Perin.; GALLEGOS, Rita de Cássia. Narrativas de professoras, vozes esquecidas e uma escuta sensível: os dilemas da profissão frente aos novos tempos de ensinar e aprender. In: ABRAHÃO, M. H. B. *et al.* (org.). **A nova aventura (auto)biográfica - Tomo III**, EdiPUCRS, Porto Alegre, 2018. p. 355-383.

WASCHINEWSKI, Susane Costa; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Jessy Cherem (1929-2014): percursos da professora catarinense e seu arquivo em três tempos**. 2020. 251 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FONTE ORAL

SILVA, Cleuza Campos Marques da. **História de vida e trajetória profissional**. [73 anos]. [maio 2021]. Entrevista concedida a: Giseli Tavares de Souza Rodrigues. Naviraí/MS, maio 2021.

APÊNDICE

1 OFÍCIO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



Ofício nº01

11/2020

Dourados - MS, 11 de novembro de 2020

De: ~~Doc. Dr.~~ ~~Dr.~~ Magda ~~Sara~~
Doutoranda ~~Giseli~~ Tavares de Souza Rodrigues ~~Docente~~ PPGEd/FAED/UFGD
Faculdade de Educação da
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Para: Cleiza Campos Marques da Silva

Assunto: Convite para participação em Pesquisa de doutoramento

Venho por meio deste, convidar a vossa senhoria Cleiza Campos Marques da Silva para participar de uma pesquisa de doutoramento que terá como foco as trajetórias docentes e histórias de vida de professoras que atuaram com a infância em Naviraí/MS, e que tiveram participação importante na construção da História da Educação ~~ocultadas~~. Essa pesquisa será desenvolvida por ~~Giseli~~ T. S. Rodrigues, sob a minha supervisão e orientação.

Declaro, que todas as informações fornecidas para a pesquisa, serão utilizadas somente para fins pedagógicos e acadêmicos, de maneira sigilosa, e de acordo com os procedimentos de pesquisa que preservem a dignidade dos documentos e das pessoas envolvidas. Desde já me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos.

E afirmo que a colaboração de vossa senhoria em nossa pesquisa é muito importante pois consideramos a vossa trajetória e contribuição na educação de Naviraí e queremos contar e escrever juntos essa linda história.

Atenciosamente,

Dra. Magda Sara
~~Docente~~ PPGEd/FAED/UFGD
~~Docente~~ magdaoliveira@ufgd.edu.br

2 CONVITE DE PARTICIPAÇÃO PARA NA PESQUISA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



Ofício nº01

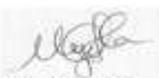
11/2020

Dourados - MS, 11 de novembro de 2020

De: ~~Dra. Dr^a~~ ~~Magda Sara~~
Doutoranda ~~Gisela~~ Tavares de Souza Rodrigues
Faculdade de Educação da
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Para: Cleiza Campos Marques da Silva

Assunto: Convite para participação em Pesquisa de doutoramento


Dra. Magda Sara
~~PPGEdu~~ FAED/UFGD
[/magdaoliveira@ufgd.edu.br](mailto:magdaoliveira@ufgd.edu.br)

Venho por meio deste, convidar a vossa senhoria Cleiza Campos Marques da Silva para participar de uma pesquisa de doutoramento que terá como foco as trajetórias docentes e histórias de vida de professoras que atuaram com a infância em Naviraí/MS, e que tiveram participação importante na constituição da História da Educação ~~naviraíense~~. Essa pesquisa será desenvolvida por ~~Gisela~~ T. S. Rodrigues, sob a minha supervisão e orientação.

Declaro, que todas as informações fornecidas para a pesquisa, serão utilizadas somente para fins pedagógicos e acadêmicos, de maneira sigilosa, e de acordo com os procedimentos de pesquisa que preservem a dignidade dos documentos e das pessoas envolvidas. Desde já me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos.

E afirmo que a colaboração de vossa senhoria em nossa pesquisa é muito importante pois consideramos a vossa trajetória e contribuição na educação de Naviraí e queremos contar e escrever juntos essa linda história.

Atenciosamente,

3 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: TRAJETÓRIA DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA DO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL (1971-2008)

Pesquisadora orientadora: Dra. Magda Sarat

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Celular: (67) 981321802

Pesquisadora orientanda: Giseli Tavares de Souza Rodrigues

Contatos: E-mail: giselits2010@hotmail.com

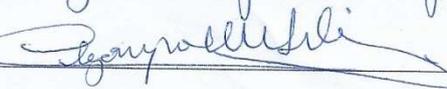
Celular: (67) 981697987

A senhora está sendo convidada para participação na pesquisa intitulada TRAJETÓRIA DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA DO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL (1971-2008), desenvolvida no Doutorado em Educação do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados/PPGEdu/UF GD na linha de pesquisa História, Memória e Sociedade.

Nosso objetivo é analisar a história de vida e a trajetória docente no interior de Mato Grosso do Sul, bem como compreender e escrever o processo histórico da educação de Naviraí-MS. Para compor a pesquisa utilizaremos entrevistas, que serão gravadas em áudio e transcritas, juntamente com material do arquivo privado e pessoal disponibilizado para o estudo. Desta forma, pretendemos contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o campo da história da educação do interior do estado de Mato Grosso do Sul, dando ênfase para o estudo com as histórias de vida, docência e a história da educação de Naviraí-MS.

Declaro que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo. Confirmando que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para retirar a minha participação da pesquisa em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade, para participar como voluntário, deste estudo.

Nome Gléiza Campos Marques da Silva

Assinatura 

Documento
identificação Identidade - 003.469/MS de

Nairai - MS, 31/05/2021.

4 CESSÃO DE DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

Pesquisa: TRAJETÓRIA DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA DO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL (1971-2008)

Pesquisadora Orientadora: Dra. Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br

Pesquisadora Orientanda: Giseli Tavares de Souza Rodrigues

Contatos: E-mail: giselits2010@hotmail.com Celular: (67) 981697987

Pelo presente documento, eu Isabela Campos Marques da Silva
 CPF 203.470.811-34 residente na cidade de
Maracá estado MS, declaro permitir à
 Pesquisa, TRAJETÓRIA DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA
 PROFESSORA DO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL (1971-2008), sob a
 responsabilidade da pesquisadora: Giseli Tavares de Souza Rodrigues, sem quaisquer
 restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os
 direitos autorais do relato de caráter histórico e documental do material de arquivo
 privado de meu arquivo pessoal disponibilizado para o acesso de (fotografias,
 certificados, Relatórios, Estatutos, premiações, diários e outros) que prestei a referida
 pesquisa na cidade de Maracá-MS, em 31/05/2021.

A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar
 para fins acadêmicos, as minha identificação, na referida pesquisa.

Assinatura: _____

5 CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE RELATO ORAL

Pesquisa: TRAJETÓRIA DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA DO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL (1971-2008)

Pesquisadora orientadora: Dra. Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br Celular: (67) 981321802

Pesquisadora orientanda: Giseli Tavares de Souza Rodrigues.

Contatos: E-mail: giselits2010@hotmail.com Celular: (67) 981697987.

Pelo presente documento, eu Isleiza Campos Marques da Silva
CPF 203.470511-34 residente na cidade de
Naveira estado Mato Grosso do Sul, autorizo

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do relato oral de caráter histórico e documental, que prestei a pesquisa TRAJETÓRIA DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA DO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL (1971-2008). A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar para fins acadêmicos, o mencionado relato no todo ou em parte.

Assinatura: _____

**6 CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE ARQUIVO
PRIVADO – ARQUIVO PESSOAL DE
CLEUZA CAMPOS MARQUES DA SILVA**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CESSÃO DE DIREITOS DE USO E DIVULGAÇÃO DE ARQUIVO PRIVADO –
ARQUIVO PESSOAL DE CLEUZA CAMPOS MARQUES DA SILVA**

Pesquisa: TRAJETÓRIA DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA DO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL (1971-2008)

Pesquisadora Orientadora: Dra. Magda Sarat.

Contatos: E-mail: magdasart@ufgd.edu.br Celular: (67) 981321802

Pesquisadora Orientanda: Giseli Tavares de Souza Rodrigues.

Contatos: E-mail: giselits2010@hotmail.com Celular: (67) 981697987

Pelo presente documento, eu Cleuza Campos M. da Silva,

CPF 203.470.811-34 residente na cidade de Navai-
Navai- estado MS, declaro ceder à

Pesquisa, TRAJETÓRIA DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA DO INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL (1971-2008), sob a responsabilidade da pesquisadora: Giseli Tavares de Souza Rodrigues, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do relato de caráter histórico e documental do material de arquivo privado de meu arquivo pessoal disponibilizado para o acesso de (fotografias, certificados, Relatórios, Estatutos, premiações, diários e outros) que prestei a referida pesquisa na cidade de Navai-MS, em 31/05/2021.

A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, publicar e disponibilizar para fins acadêmicos, as mencionadas fontes no todo ou em parte.

Assinatura: _____

**7 ROTEIRO DE ENTREVISTA –
CLEUZA CAMPOS MARQUES DA SILVA**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO - DOUTORADO EM
EDUCAÇÃO**

Pesquisa: Trajetória docente e história de vida de uma professora do interior de Mato Grosso do Sul (1971-2000)

Pesquisadora orientadora: Magda Sarat

Pesquisadora doutoranda: Giseli Tavares de Souza Rodrigues

Participante da pesquisa: Cleuza Campos Marques da Silva

Data da entrevista: 21/05/2021

1. Dados sobre a história de vida de Cleuza Campos Marques da Silva

1.1 Quem é a Sra.?

- Nome?

- Idade?

-Local de nascimento (se caso não for Sul-mato-grossense como veio para a região)?

- Estado civil?

- Tem filhos? Netos?

-Mora com quem?

1.2 Como foi a sua infância? E como era a sua família?

- Origem e onde viveram

1.3 Como foi a sua vida escolar?

- Que cidade cursou e qual instituição (pública ou particular)

1.4 Como e onde conheceu seu esposo e quando se casou?

1.5 Onde os seus filhos nasceram?

1.6 Como foi a sua vida em família?

- Quando ficou viúva?

1.7 Há quanto tempo mora em Naviraí/MS? E por que veio para o município?

1.8 Na época como era a cidade e o que estava acontecendo na região?

1.9 Você recorda se na época havia um movimento de imigrantes no município?

1.10 Você lembra de quais povos já estavam em Naviraí e quais estavam chegando?

1.11 Poderia relatar sobre como era a educação de Naviraí ao chegar no município?

1.12 Quando o seu marido foi prefeito da cidade?

1.13 Como foi ser primeira dama do município?

1.14 Qual foi a maior dificuldade que você passou na vida pessoal? Como superou?

2. Dados sobre as lembranças da trajetória de formação e da docência

- 2.1 Qual a sua formação superior?
- 2.2 Qual foi a sua profissão?
- 2.3 Como foi a escolha da profissão? O que te levou a ser professora de crianças (magistério)?
- 2.4 Quando você começou atuar na docência com crianças, já possuía uma preparação mínima para exercer a função? (Se não possuía nenhuma preparação formal, como era o seu cotidiano com as crianças?)
- 2.5 Como foi a sua atuação na sala de aula com as crianças? Como você lembra do seu tempo de professora?
- 2.6 Como foi a sua atuação nos cargos de coordenação e gestão escolar?
- 2.7 Em que ano você foi secretária/gerente de educação e como foi essa experiência de atuação como secretária/gerente geral da educação naviraiense?
- 2.8 Você se recorda de como era a formação de professores de Naviraí entre os anos de 1970 a 2000? Como ela aconteceu?

3. Dados sobre a Cleuza Campos Marques da Silva nos diferentes espaços de sociabilidade na vida pública e social

- 3.1 Como foi pertencer ao grupo das mulheres cursilhistas/carismáticas da Igreja Católica?
- 3.2 Qual era o objetivo desse grupo de mulheres? O que faziam?
- 3.3 Como foi a sua participação nesse grupo de cursilhistas da Igreja Católica?
- 3.4 Você participou de algum órgão da assistência social do município ou da assistência em geral ligada a alguma instituição?
- 3.5 Como foi a sua participação nas obras de assistência social? E como funcionava?
- 3.6 Qual era o objetivo do Clube de Mães instituição, esta que você participou? Por que surgiu? Qual era o público atendido? E quais atividades que oferecia? E como funcionava?
- 3.7 Como foi a sua participação no Clube de Mães?

4. Dados de Cleuza Campos Marques da Silva sobre o fim da trajetória docente e a história da educação de Naviraí

- 4.1 Durante a sua trajetória docente recebeu alguma premiação?
- 4.2 Como foi o processo de aposentadoria?
- 4.3 Como foi a sua relação com as pessoas em todos os lugares por você ocupados durante a sua trajetória docente e a sua história de vida? Você fez amizades, inimigos? Como foi lidar com tantas pessoas?
- 4.4 Quais as motivações que te conduziram nas decisões e escolhas no fazer de sua carreira?
- 4.5 O que te motivou a seguir por todos esses caminhos e a pertencer a todos esses lugares?
- 4.6 Como foi para você conquistar o seu lugar na docência, e ao mesmo tempo assumir responsabilidades de coordenação, gestão participar de grupos de mulheres, e ainda assumir o papel de esposa e mãe?
- 4.7 O que você não fez e gostaria de ter feito durante a sua trajetória profissional? E por quê?
- 4.8 O que mais lhe marcou na sua trajetória durante todos esses lugares (escola, coordenação, gerência, Clube de mães, Assistência Social, Igreja Católica) que você ocupou?
- 4.9 O que você faz hoje?

4.10 Qual é o legado que você acredita que deixou para a história da educação de Naviraí por ter sido uma das personagens que ajudou a fazer a educação de naviraiense acontecer?

4.11 Qual é a frase que resume, ilustra a sua história de vida e a sua trajetória profissional que você gostaria que todos soubessem?

4.12 Qual o conselho que a senhora deixa para todos os profissionais da educação de Naviraí?

4.13 Você guardou algum material que lembra sua trajetória profissional e sua história de vida (fotos, diários, certificados, históricos, documentos, objetos, presentes, premiações...) que poderia disponibilizar para a pesquisa?